

TRAVESSIA

revista do migrante

Publicação do CEM - Ano XV, número 43, Maio-Agosto/2002

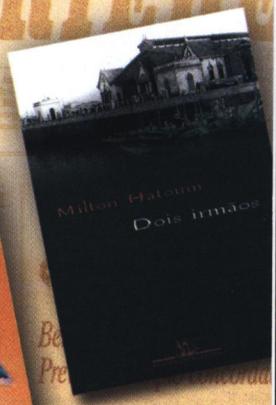
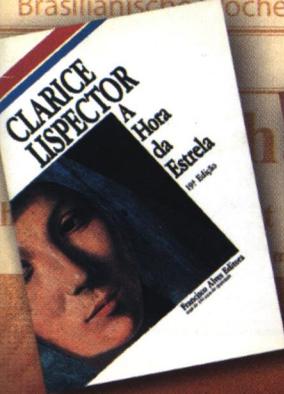
avalanche de im
guerra conti
fluxo de im

IMPrensa & LITERATURA

onda de mig



ISSN - 0103-5576



TRAVESSIA

Revista do Migrante

CEM - Centro de Estudos Migratórios (Federação dos CEMs J.B.Scalabrini)

Publicação quadrimestral, voltada ao estudo e divulgação da realidade do migrante a partir dos diferentes ramos do conhecimento: social, político, econômico, educacional, cultural, etc.

Diretor

Sidney A. da Silva

Editores

Dirceu Cutti

Sidnei M. Dornelas

Jornalista Responsável

Antonio Garcia Peres (MtB 3081)

Conselho Editorial

Carlos B. Vainer

Dulce Baptista

Francisco Nunes

Heinz Dieter Heidemann

Helion Póvoa Neto

José G. Baccarin

José Guilherme C. Magnani

José J. Gebara

Luiz Bassegio

Marilda A. Menezes

Oswaldo M.S. Truzzi

Teresa Sales

Wanderluce P. Bison

Conselho Consultivo

Alfredo J. Gonçalves

Cláudio Ambrozio

Edgard Malagodi

Ermínia Maricato

Marília P. Sposito

Milton Schwantes

Capa

Arte: 2M Criação e Produção Gráfica Ltda

Foto: Dirceu Cutti

Editoração Eletrônica

Dirceu Cutti

Impressão

Gráfica e Editora Peres Ltda - Fone:(0xx11)3609.1387

Endereço para Correspondência

Rua Vasco Pereira, 55 - Liberdade

01514-030 São Paulo/SP - Brasil

Fone: (0xx11)3208.6227 - Fax: (0xx11)3208.2284

E-Mail: cemsp@uol.com.br

Home Page: www.cemsp.com.br

ÍNDICE

CLARICE LISPECTOR

A LITERATURA EM BUSCA DO OUTRO

Nanami Sato.....05

A DIFÍCIL VIAGEM DE RETORNO À ALDEIA

José Edilson de Amorim.....10

BRASILEIROS MIGRANTES NA LITERATURA

Teresa Sales.....17

A PENNA CONTRA A EMIGRAÇÃO

Ely Souza Estrela.....21

UM OLHAR SOBRE O TRABALHADOR DEKASSEGUI

PROCESSO MIGRATÓRIO E TRABALHO ATRAVÉS DA
MÍDIA ÉTNICA

Edson Ioshiaqui Urano.....26

OS MIGRANTES NA IMPRENSA ALEMÃ

Luisa Deponti.....31

MÍDIA E MIGRAÇÃO

UMA RELAÇÃO DIFÍCIL

Lorenzo Precipe.....37

NOSSA BIBLIOTECA.....42

UM PERSONAGEM DOIS OLHARES

Um mesmo personagem perfilado diante de duas lentes, ou seja, o migrante visto a partir de duas lógicas de abordagem é o que, grosso modo, oferecem os textos presentes neste número. De um lado, o enfoque da literatura, de outro, o da imprensa.

Tecendo como que uma espécie de caricatura entre os dois olhares, poderíamos dizer que a literatura aproxima-se do migrante comandada pelo livre ato de criar e, através do manuseio prazeroso e criativo da palavra, explicita os interstícios da complexa trama social, bem como as dimensões da subjetividade humana. É o palpitar da vida que, em última instância, comanda a pena do literato. A imprensa, por sua vez, obedece a interesses de grupos, tem como uma de suas preocupações a venda (de anúncios, notícias e imagens). Seleciona a terminologia, direciona a informação e, no extremo, manipula.

Neste sentido, vale pinçar um dos aspectos que Luisa reporta em seu texto, ao falar do tratamento que a imprensa alemã dispensa aos migrantes, em cotejo com os artigos de Nanami e José Edilson discorrendo sobre as obras "A Hora da Estrela" e "Essa Terra", respectivamente. No primeiro caso, os migrantes são associados a imagens de cunho militarista. Nas fotos exibidas pela mídia, não raro aparecem grandes filas e multidões e, na terminologia, são frequentes expressões tais como "maré", "ondas", "corrente", "fluxo", "inundação", vendendo claramente uma imagem ligada à idéia de ameaça, assalto, invasão. No segundo caso, curiosamente, nem ondas, nem fluxos, simplesmente Macabéa e Nelo, pessoas carregadas de sina e de sonhos, que longe de despertar rejeição, provocam antes compaixão.

Mas para além da caricatura, pois não é dessa forma que tudo assim se apresenta, vale observar o que Ely extraiu de um velho baú do interior da Bahia - o jornal A Penna - editado em Caetité entre os anos de 1897 e 1942. Na condição de porta-voz das elites locais, e tendo como um de seus principais propósitos combater o "despovoamento do sertão", "a febre descabida de sair", o jornal não deixa de reconhecer os seculares problemas do sertão, bem como de enaltecer, pelo seu pujante progresso, - São Paulo - o local de destino dos sampauleiros.

Outro texto, escrito por Lorenzo, tendo em mira a imprensa, sobretudo francesa e italiana, diz: "O mal-estar da mídia é o reflexo do mal-estar de toda a sociedade, que ainda não aceitou a imigração como um de seus principais elementos constitutivos".

Finalmente, Teresa e Edson traçam um apanhado de como a literatura, em especial, no primeiro caso, e a mídia étnica entre os dekasseguis, no segundo, foram evoluindo ao retratar a emigração dos brasileiros nas últimas décadas.

dirceu cutti

DESEJA ADQUIRIR

TRAVESSIA - Revista do Migrante?

***É fácil assinar a Revista TRAVESSIA
É possível adquirir números avulsos
E ainda há tempo para montar a coleção***

PROMOÇÃO

Na assinatura por um ano você tem direito a um exemplar de sua escolha entre os números já publicados*; por dois anos, a dois exemplares e, por três anos, a três exemplares.

* Exceto os números 8, 10 e 12.

Formas de Pagamento

Escolha a opção que lhe facilita mais:

- a) *Cheque nominal à Pia Soc. dos Miss. de S. Carlos*
b) *Depósito bancário nominal à Pia Soc. dos Miss. de S. Carlos; Banco Bradesco; Agência Tabatinguera nº 0515-0; conta corrente nº 23083-9 e envie-nos cópia do comprovante do depósito.*

Valor da Assinatura

- () Ass. válida por 1 ano.....R\$ 20,00
() Ass. válida por 2 anos.....R\$ 30,00
() Ass. válida por 3 anos.....R\$ 40,00

Números Avulsos

- Exemplares do nº 1 ao 7.....R\$ 2,00
- Demais exemplares: Nº avulso.....R\$ 5,00
- Quantidade (mais de 5).....R\$ 4,00
- Coleção Completa.....R\$ 110,00

Nosso Endereço

Rua Vasco Pereira, 55 Liberdade CEP: 01514-030 São Paulo/SP - Brasil
Fone: (0xx11)3208.6227 Fax: (0xx11)3208.2284
E-Mail: cemsp@uol.com.br
www.cemsp.com.br

NÚMEROS PUBLICADOS

- 01 - Sazonais
- 02 - Cidade
- 03 - Fronteira Agrícola
- 04 - Violência
- 05 - Voto
- 06 - Barragens
- 07 - Cultura
- 08 - Trabalho
- 09 - Família
- 10 - Religião e Religiosidades
- 11 - Estrangeiros
- 12 - Educação
- 13 - Pena de Morte
- 14 - Migrar e Morar
- 15 - Tempo e Espaço
- 16 - Desemprego e Subemprego
- 17 - Imagens
- 18 - Novas Tecnologias
- 19 - Identidades
- 20 - Saúde
- 21 - Emigração
- 22 - Retorno
- 23 - Metrópole
- 24 - Índios e Territórios
- 25 - Deslocamentos Compulsórios & Restrições à Migração
- 26 - Mulher Migrante
- 27 - Nomadismos
- 28 - Meio Ambiente
- 29 - Albergue
- 30 - Clandestinidade
- 31 - Festas
- 32 - Memória
- 33 - Mercosul
- 34 - Associações
- 35 - Gerações na Migração
- Nº Especial - O Retorno (Sayad)
- 36 - Um Olhar Retrospectivo
- 37 - Refugiados
- 38 - Bairros e Vizinhanças
- 39 - Assentamentos
- 40 - Redes
- 41 - Migração Laboral
- 42 - Linguagens e Símbolos

CLARICE LISPECTOR

a literatura em busca do outro

Nanami Sato *

Na literatura brasileira há um bom número de obras que tratam de migrantes e imigrantes: um rápido esforço de memória traz à lembrança uma lista aleatória da qual constam *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos; *Seara Vermelha*, de Jorge Amado; *Canaã*, de Graça Aranha, e obras mais recentes, como *A Majestade do Xingu*, de Moacyr Scliar, e *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum.

O migrante/ imigrante representa sempre o outro, o desconhecido, o diferente e, por isso, não raras vezes é motivo de estranheza, preconceito, rejeição. Poucas obras problematizam o tema da alteridade como faz Clarice Lispector em *A Hora da Estrela*, ao abordar a dificuldade que um escritor, Rodrigo S. M., assim como cada um de nós, tem de acercar-se do outro, de conhecê-lo, de ter verdadeira empatia por ele. A autora, de origem russa, deu um depoimento em 1975, nos seguintes termos:

“- Minha tolerância em relação a mim, como pessoa que escreve, é perdoar eu não saber como me expressar de um modo ‘literário’ (isto é, transformado na veemência da arte) a ‘coisa social’. Desde que me conheço, o fato social teve em mim importância maior do que qualquer outro: em Recife os mocambos foram a primeira verdade para mim.” (*Lispector*, 1975, p.19).

A Hora da Estrela prova que Clarice estava errada: por meio de um narrador que é, por sua vez, um escritor, ela conseguiu expressar “com veemência da arte” o doloroso esforço de criar uma personagem, a alagoana Macabéa, e contar suas fracas aventuras numa cidade feita contra ela. Rodrigo S. M., esse narrador-autor que é uma espécie de *alter-ego* de Clarice Lispector, revela as origens do impulso criador: “É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina. Sem falar que eu em menino me criei no Nordeste.” (p.16)¹. Rodrigo S. M. prossegue: “O que escrevo é mais do que invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas.” (p. 18).

O impulso criador gera uma série de dúvidas e o narrador tem algumas poucas certezas: sua história não só será tradicional, com começo, meio e “gran finale”, como buscará uma linguagem cada vez mais simples, pois o material é “parco e singelo demais.” (p.19).

Sintomaticamente o narrador confessa que vai sensibilizar-se com essa história, que não é intelectual e que escreve com o corpo, como a lembrar-nos o esforço para desvestir-se de sua condição, pois produtores de literatura não costumam ser exatamente proletários e migrantes, como Macabéa, “que deveria ter ficado no sertão de Alagoas com vestido de chita e sem nenhuma datilografia, já que escrevia tão mal, só tinha até o terceiro ano primário.” (p.19-

20). A provável origem social de Rodrigo S. M. - um pequeno-burguês bem-intencionado - pode fornecer a explicação da culpa que se abate sobre ele, que se questiona: "Mas por que estou me sentindo culpado? E procurando aliviar-me do peso de nada ter feito de concreto em benefício da moça." (p.30). O narrador-autor confessa: "preciso falar dessa nordestina senão sufoco. Ela me acusa e o meio de me defender é escrever sobre ela." (p.22).

Se para o produtor a literatura tem essa função catártica, para o leitor ela tem outro papel. Rodrigo observa, sempre em expressões entre parênteses: "(Se o leitor possui alguma riqueza e vida bem acomodada, sairá de si para ver como é às vezes o outro. Se é pobre, não estará me lendo porque ler-me é supérfluo para quem tem uma leve fome permanente.)" (p.38). Em última análise, para ele a literatura é impotente para mudar a realidade social. A intervenção social da arte só será bem-sucedida se levar o leitor à experiência da alteridade, o que resulta em empatia, comunhão, solidariedade com o outro, com alguém "ralo" como Macabéa.

Apesar de uma postura aparentemente defensiva (o escritor constata, na página 28, que a pobreza é feia e promíscua), Rodrigo S. M. procura identificar-se com Macabéa e colocar-se no nível dela até na aparência. Para escrever sua história, deixa de fazer a barba durante dias, fica com olheiras escuras por dormir pouco e veste-se com roupa velha e rasgada. Por meio da escrita, ele espera atingir algum tipo de transcendência, isto é, procura transfigurar-se em outrem e materializar-se em objeto, já que o sair de si leva à objetivação, uma experiência que ele confessa achar assustadora.

Viver com a personagem faz com que ele a conheça nos mínimos detalhes; mais ainda, faz com que Macabéa até se grude na pele, "qual melado pegajoso ou lama negra." (p.27). Sair do restrito âmbito da própria subjetividade faz com que o narrador transite entre realidade e ficção, trocando de identidade com a alagoana. Quando visualiza sua personagem olhar-se no espelho, nele vê refletido apenas o próprio rosto cansado e barbudo, o que corrobora o fato de Macabéa ser apenas uma entidade ilusória, ficcional. O jogo de adesão entre narrador e personagem é, desta forma, relativizado, e pontua toda a obra. Para examiná-la, será útil recompor brevemente seus fatos principais.

A vida rala de Macabéa

Macabéa é incompetente para a vida. Nasceu raquítica, perdeu cedo os pais e foi criada por uma tia que lhe dava cascudos no alto da cabeça. Logo após chegar ao Rio de Janeiro, a tia lhe arrumou o emprego de datilógrafa e morreu. Ela passou então a dividir um quarto de pensão com quatro balconistas. Encardida, de poucos banhos, vestia uma combinação que tinha manchas suspeitas de sangue pálido. Ignorava "que ela era o que era, assim como um cachorro não sabe que é um cachorro." (p.34). Talvez por isso não se sentisse infeliz. Como ninguém ensina cachorro a abanar o rabo, ninguém precisou ensinar a Macabéa que ela um dia morreria "como se antes tivesse estudado de cor a representação do papel de estrela. Pois na hora da morte a pessoa se torna brilhante estrela de cinema." (p.36).

Passeava pelo cais, algumas vezes via vitrines, "só para se mortificar um pouco" (p.43), e tinha dois luxos: ir ao cinema uma vez por mês e pintar de vermelho as unhas das mãos, que roía até acabar com o esmalte. Todas as madrugadas ouvia baixinho um rádio emprestado por uma colega. Sintonizava a Rádio Relógio, que dava "hora certa e cultura". Adorava os anúncios comerciais, que colecionava na versão escrita, recortando-os de jornais velhos do escritório.

Num mês de maio, no final de um dia chuvoso, Macabéa e um rapaz olharam-se "e se reconheceram como dois nordestinos" (p.53). Ele aproximou-se, puxou conversa, perguntou-lhe o nome (que achou parecido com nome de doença de pele) e disse-lhe o seu: Olímpico de Jesus Moreira Chaves (mentiu, pois na verdade chamava-se Olímpico de Jesus, sobrenome dos que não têm pai). Paraibano de origem, operário de uma metalúrgica, Olímpico dormia de graça numa guarita em obras de demolição para economizar. Um assassinato "tinha feito dele homem com letra maiúscula." (p.56). Dono de um dente de ouro, era falante, ambicioso, adorava freqüentar velórios e nas horas vagas esculpia figuras de santo.

Olímpico e Macabéa passaram a encontrar-se, mas o namorado costumava desqualificá-la para reafirmar seu poder de macho, com o que ela se importava pouco: além de apaixonada, achava que não era "muito gente" (p.59).

O namoro tinha uma rotina morna: sentavam-se em banco de praça pública e apenas uma vez ele lhe pagou um cafezinho pingado. Outra vez foram ao Jardim Zoológico. Olímpico não tinha nenhum entusiasmo por Macabéa, mas, quando conheceu sua colega de escritório Glória, “sentiu logo que ela tinha classe.” (p. 71). Passou a não aparecer no ponto de ônibus e um dia desmanchou o namoro, contando que encontrara outra moça e que esta era Glória. Antes de ir embora ainda caprichou na humilhação: “- Você, Macabéa, é um cabelo na sopa. Não dá vontade de comer.” (p.73).

A reação de Macabéa foi inesperada: pôs-se a rir, talvez de nervoso, como intuiu Olímpico. Depois procurou viver como se não tivesse perdido nada. Comprou um batom vermelho e pintou os lábios como se fosse Marilyn Monroe, com quem desejava parecer-se.

Um dia, após receber o salário, procurou um médico barato indicado por Glória. Este diagnosticou uma tuberculose, mas, ao saber de sua dieta (café, refrigerante e cachorro-quente por pura falta de dinheiro), sugeriu que comesse espaguete quando não soubesse o que comer.

Com remorsos de ter tirado o namorado da amiga, Glória sugeriu que ela procurasse uma cartomante conhecida, madama Carlota. Foi a única vez que Macabéa tomou um táxi na vida. A cartomante, com o comentário: “- Mas, Macabeazinha, que vida horrível a sua!” (p.91), fê-la tomar consciência da miséria que era sua vida, mas consolou-a dizendo que um estrangeiro, de nome Hans, louro e rico, iria mudar sua vida. Ao sair da casa de madama Carlota, um carro Mercedes amarelo atingiu-a e fugiu. Caída, ela ainda pensou que aquele era o primeiro dia da nova vida anunciada pela cartomante. Em posição fetal, disse uma frase que ninguém entendeu antes de morrer: “- Quanto ao futuro.” (p.102).

Linguagem e silêncio

Por meio do narrador e de sua personagem, a obra coloca em cena duas questões relativas à linguagem: esta em suas relações com o ficcional e o real e como meio de expressão e de comunicação.

O discurso de Rodrigo S. M., um narrador que se conta ao mesmo tempo em que conta a história de Macabéa, desvenda para o leitor o

processo de criação ficcional. No entanto, esse narrador é também um ser fictício, composto de palavras apenas. Berta Waldman observa que ele “será então o mediador do dilaceramento de Clarice Lispector, empenhada sempre em tocar a realidade e traduzi-la literariamente, mas será também instrumento seu, isca, porque através dele a escritora se embrenhará na busca da não-palavra.” (Waldman, 1979, p. 66). A ensaísta lembra ainda que “o desdobramento do escritor internalizado na obra marca um processo de inversão que sugere que se o personagem pode ser autor, este pode também ser sua personagem.” (Idem, p.64). A figura de Rodrigo S. M. permite, pois, a Clarice Lispector assumir a condição de personagem que assiste, como se estivesse fora de si, ao espetáculo da escritura da obra, ao mesmo tempo em que reflete sobre o mistério da criação literária. Esse mistério leva o narrador a indagar:

“(... E eu que estou contando esta história que nunca me aconteceu e nem a ninguém que eu conheça? Fico abismado por saber tanto a verdade. Será que meu ofício doloroso é o de adivinhar na carne a verdade que ninguém quer enxergar?” (p.69).

A função da literatura seria, assim, denunciar “a verdade que ninguém quer enxergar”. Rodrigo S. M., em outra passagem da obra, já havia declarado: “A moça é uma verdade da qual eu não queria saber. Não sei a quem acusar mas deve haver um réu.” (p.43).

Já oco da personagem, como confessa na página 33, o escritor chega, por meio de Macabéa, à razão de sua escrita:

“[Macabéa] Nunca pensara em ‘eu sou eu’. Acho que julgava não ter direito, ela era um acaso.” (...) Quanto a mim, só me livro de ser apenas um acaso porque escrevo, o que é um ato que é um fato.” (p.45).

Se a escrita confere identidade ao narrador, a Macabéa, sem consciência da própria identidade, faltam palavras. Por não ter o que dizer, era calada. Suzana Amaral, diretora da adaptação cinematográfica de *A Hora da Estrela*, lembra que “o maior problema da história de Macabéa é o problema da comunicação” (apud Guidin, 1996, p.96). Por incapacidade de comunicação e por falta de encantos – por ser magra, de cara estreita e amarela “como se já

tivesse morrido” (p.30), com ombros curvos e olhos enormes, saltados e interrogativos - ela perde o namorado para Glória, uma carioca feia, mas bem alimentada, cujo pai trabalhava num açougue.

Rádio e publicidade: o discurso do outro

Migrante, vinda da zona rural, ao contrário de Olímpico, a adaptação de Macabéa ao mundo urbano dá-se com dificuldade. Como mal tem corpo, sequer tem a possibilidade de ganhar a vida vendendo-o em troca de um bom jantar. Por ter o corpo rejeitado socialmente, Macabéa deixa de fazer parte de certos grupos sociais. A sociedade pune-a com a exclusão e, portanto, com solidão maior, só rompida pela voz do locutor da Rádio Relógio.

O contato de Macabéa com as palavras dá-se não só por meio da Rádio Relógio, como também dos anúncios de jornais, que na verdade ela não compreende plenamente. A Rádio Relógio dava curtos ensinamentos dos quais ela achava que poderia vir a precisar, embora jamais tivesse podido aplicar, por exemplo, a informação de que o homem que escreveu um livro chamado ‘Alice no País das Maravilhas’ era também um matemático. Consumidora de produtos culturais da mídia dirigidos a público de pouca ou média instrução, Macabéa ia uma vez por mês ao cinema ver filme de terror ou musicais. Também lia, sob o lençol de brim, à luz de vela, os anúncios que recortava dos jornais velhos do escritório e que colecionava, colando-os num álbum.

O anúncio que considerava mais precioso era o de um creme para pele de mulheres. Ela ficava imaginando que o creme era tão apetitoso que, se tivesse dinheiro para comprá-lo, ela o comeria. A publicidade a atingia pelo estômago, não pela fantasia da beleza.

A rala conversa entre a datilógrafa e Olímpico girava em torno de farinha, carne-de-sol, carne-seca, rapadura e melado. Como não conseguia expressar suas emoções e pensamentos, ela quebrava os momentos de silêncio com informações que ouvira na Rádio Relógio.

“-Mas puxa vida! Você não abre o bico e nem tem assunto!”

Então aflita ela lhe disse:

- Olhe, o Imperador Carlos Magno era chamado na terra dele de Carolus! E você sabia que a mosca voa tão depressa que se voasse em linha reta ela ia passar pelo mundo todo em 28 dias?

- Isso é mentira!

- Não é não, juro pela minha alma pura que aprendi isso na Rádio Relógio!

- Pois não acredito.” (p.68).

O discurso da rádio era sua salvação, pois fornecia assunto e permitia que ela se afirmasse diante de Olímpico, embora este desqualificasse sistematicamente seu esforço. Querer saber o significado de “élgebra” era “coisa de fresco” (p.61), a palavra mimetismo não era “coisa para moça virgem falar”. Querer saber demais não servia para nada, pois o Mangue estava “cheio de raparigas que fizeram perguntas demais.” (p. 67).

Os anúncios, que faziam parte do mundo de fantasia da alagoana, jamais eram objeto de conversa com Olímpico. Eles tinham força de verdade e ficavam restritos a seu universo privado, sem servir de elo de comunicação com Olímpico. A única vez em que falara de um anúncio fora em forma de pedido à tia para que lhe comprasse óleo de bacalhau para engordar. A resposta que ouvira fora: “você pensa lá que é filha de família querendo luxo?” (p.74). Como se pode observar, Olímpico e a tia tinham apenas o discurso da interdição e da desqualificação.

O discurso publicitário, com sua eficiência sedutora, é empregado também pela cartomante. Depois de dizer que ela iria perder o emprego após ter perdido o namorado, exclama:

“- Macabéa! Tenho grandes notícias para lhe dar! (...) É coisa muito séria e muito alegre: sua vida vai mudar completamente! E digo mais: vai mudar a partir do momento em que você sair da minha casa!”(p. 92).

Após anunciar que o chefe voltaria atrás em sua decisão e que Olímpico voltaria arrependido, muda bruscamente suas previsões, dizendo que dinheiro grande lhe entraria porta adentro trazido por um estrangeiro alourado, de nome Hans, que se casaria com ela. E completa: “ele vai lhe dar muito amor e você, minha enfeitadinha, você vai se vestir com veludo e cetim e até casaco de pele vai ganhar!” (p.93).

O silêncio dos bronzes

Crédula, Macabéa saiu feliz da casa da cartomante. Na calçada ficou um pouco aturdida, “pois sua vida já estava mudada. E mudada por palavras”. Ela sentia-se uma outra pessoa, “grávida de futuro.” (p. 95). Ao descer da calçada, um Mercedes amarelo pegou-a. Caída no chão, ao ver o carro em fuga, pensou que as predições de madama Carlota começavam a realizar-se, pois o carro era de luxo. Seduzida pelas palavras da cartomante, tornou-se noiva da morte. O carro amarelo foi o noivo louro e alemão e a estrela, símbolo da marca Mercedes, representou a “sua hora da estrela”.

O narrador indaga-se: “Ela sofria?”. E responde em seguida: “Acho que sim. Como uma galinha de pescoço mal cortado que corre espavorida pingando sangue. Só que a galinha foge (...) em cacarejos apavorados. E Macabéa lutava muda.”(p. 97). Quando ela disse, bem pronunciado e claro, “- Quanto ao futuro.”, Rodrigo S. M. indagou-se: acaso ela teria tido saudade do futuro? Nessa mesma hora ela sentiu um enjôo e vomitou sangue antes de expirar.

O narrador-escritor questiona-se:

“Qual foi a verdade de minha Maca? Basta descobrir a verdade que ela já não é mais: passou o momento. Pergunto: o que é? Resposta: não é.” (p.102).

A verdade é fugaz e inapreensível e a morte é o silêncio, é o bronze dos sinos sem som:

“Morta, os sinos badalavam mas sem que seus bronzes lhes dessem som. Agora entendo esta história. Ela é a iminência que há nos sinos que quase-quase badalam.

A grandeza de cada um.” (p. 103).

A linguagem não conduz à apreensão da verdade de Macabéa e seu silêncio tornou-se maior com a morte. A questão da linguagem na obra da autora leva-nos, no limite, a um impasse, como lembrou Benedito Nunes ao tratar de *Perto do coração Selvagem*:

“Mas se os indivíduos tornam-se pessoas e, premidos pela grande inquietação que aguilhoa os personagens de Clarice Lispector, tentam sair do inautêntico para iniciar a busca de si mesmos, a linguagem se transforma numa barreira oposta à comunicação.”(Nunes, 1969, p. 131).

Em *A Hora da Estrela*, temos, ao contrário, uma personagem autêntica que, “por pior que fosse sua situação, não queira ser privada de si, ela queria ser ela mesma.”(p. 40). Em sua simplicidade, Macabéa é um ser sem fissuras, que existe “no espaço paradisíaco onde os seres participam do núcleo das coisas, espaço que se mostrou impossível para as outras personagens de Clarice Lispector.” (Waldman, 1979, p. 68).

Por essa razão, a personagem pode ser aproximada ao animal e à natureza. Sua incapacidade de expressão relaciona-se com a incapacidade de manipular uma linguagem fundada na convenção. O preço da autenticidade foram a solidão e a miséria para as quais a literatura não tem solução prática, o que faz o narrador queixar-se (“Juro que nada possa fazer por ela. Afianço-vos que se eu pudesse melhoraria as coisas.”- p.43) e protestar: “através dessa jovem dou o meu grito de horror à vida. À vida que tanto amo.” (p.41).

A ele juntamos nosso grito.

* *Nanami Sato, licenciada em Letras e doutora em Educação pela USP, é Prof^a. da Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Antonio Teixeira de
(2000) *O rádio e a publicidade no cotidiano de Macabéa: Clarice Lispector e algumas observações sobre a recepção de mensagens radiofônicas e publicitárias.*
<www.intercon.org.br/papers/xxiii-ci/gt16/gt16a8.pdf>
- GUIDIN, Márcia Lígia
(1996) *Roteiro de leitura: A hora da estrela de Clarice Lispector.* São Paulo, Ática.
- LISPECTOR, Clarice
(1975) *Selecta.* Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro/ MEC.
- LISPECTOR, Clarice
(1981) *A hora da estrela.* 6^a ed. Rio de Janeiro, José Olympio.
- NUNES, Benedito
(1969) *O dorso do tigre.* São Paulo, Perspectiva.
- WALDMAN, Berta
(1979) *Armadilha para o real: (uma leitura de A Hora da Estrela, de Clarice Lispector).* In: Vários autores. *Ficção em debate e outros temas.* São Paulo: Duas Cidades; Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1979.

A difícil viagem de retorno à aldeia

José Edilson de Amorim *

“Bom, velho Giése, esta história não é a sua, embora tenha muito que ver com você e comigo, com o finado Lela de Tote e com Vieira. Você se lembra: depois de muitas idas e vindas pelos caminhos de S. Paulo, Lela entregou os pontos, partiu desta para outra melhor, como se diz.”

(Antônio Torres, carta a José Giése da Cruz, seu primo, incluída como prefácio ao romance *Essa terra*)

“São Paulo é uma cidade deserta.”

(fala de Nelo)

“O livro nascia como uma viagem de volta.”

(Antônio Torres, em entrevista à *Folha de São Paulo*)

O tema da volta, na tradição literária, tem seu modelo paradigmático na *Odisséia*, referência primeira sobre o assunto no cânone ocidental. Depois da narrativa homérica, são muitas os retornos de maridos e filhos. Uns são os pródigios; outros os providentes, com muitas prendas, sinais e amuletos de reconhecimento. Entre percalços, azares e heroísmos, Ulisses, senhor de terras e de posses em Ítaca, reconquista sua casa, reaproxima-se dos seus e recompõe seu domínio: numa volta triunfal, vai sendo reconhecido por todos, até pelo seu velho cachorro, que somente esperava o antigo dono para morrer. Num enredo de matreirices e manobras duvidosas, Ulisses acaba por matar os inimigos que lhe ameaçavam as posses - dos bens e da sua própria Penélope, paciente, diligente e intrigante. É dessa maneira que retorna o herói grego, sob a proteção dos deuses, coisa já bem distante do nosso pobre mundo de mortais.¹

Sem dúvida, foi este modelo heróico que inspirou aquele político, ao afirmar, enfático, que “ninguém se perde na volta”. A afirmação, talvez pela ênfase e circunstância histórica em que foi aproveitada, virou quase profecia, repetida em discurso grave, em louvaminha oportunista ou mesmo em brincadeira ocasional. Isto porque o autor da pomposa sentença mandou por muito tempo no jogo político paraibano, sendo figura de projeção nacional. Ocorre que, mais perto da volta odisséica, o homem que falou frase tão afirmativa voltava justamente à chefia de governo do estado da Paraíba, do qual, aliás, nunca se afastara, sob o ponto de vista da influência política.²

Lembramos o tema da volta, heroicamente colocado, porque é exatamente este o discurso, dito no passado e com repercussão no presente, que transforma a expectativa das pessoas em construções míticas, distantes da realização concreta dos povos, em sua experiência cotidiana. Mas lembramos,

principalmente, porque o romance que vamos ler, daqui por diante, começa com o tema da volta, ou das suas impossibilidades: é o romance *Essa terra*, de Antônio Torres, publicado em 1976.

O título que abre esta leitura é do professor Oswaldo Elias Xidieh. É de um belíssimo trabalho sobre a vida dos migrantes que, dos vários lugares, chegam a São Paulo, e foi publicado em 1992, em João Pessoa, no *Caderno de Textos número 8*, do Mestrado em Letras da UFPB. O título resume uma entre as muitas preocupações do ensaísta: a volta ao lugar de origem é uma expectativa constantemente mantida, alimentada como necessidade existencial, alimentando este mesmo desejo a coragem com que os migrantes enfrentam condições tão duras de sobrevivência. Essa esperança vai sendo adiada, ou se realiza em condições frustrantes; ou quase sempre nunca se realiza.³

O romance de Antônio Torres

tematiza o complexo dessa volta como colocada acima, com a mesma dimensão humana, concretamente dramática, apontada pelo vivo ensaio antropológico do professor paulista: as marcas da esperança, da frustração e da impossibilidade. A presença dramática de um dos personagens centrais do romance expõe um percurso existencial que resume a trágica situação social de muitos outros migrantes. Acompanhem os caminhos de Nelo: No início dos anos 50, o Junco é uma pequena cidade do nordeste da Bahia, vivendo do parco comércio e da produção agrícola de subsistência, intermitente e incerta por causa de estiagens cíclicas, entre outras causas. Nelo é o filho mais velho de uma família pobre, em crescimento vegetativo que irá atingir a marca de doze irmãos. Nelo ajudava o pai na agricultura, mas sonhava com as roupas bonitas e as maneiras dos *bancários* que passavam pelo Junco. Depois da visita dos homens da ANCAR, Nelo firma o propósito de ir para São Paulo. Disto tudo ficamos logo sabendo no início do livro - capítulo 2 da primeira parte ("Essa terra me chama").

Ficamos sabendo também que tudo já é passado: mal o leitor vence três curtíssimos capítulos, é envolvido por nada menos do que quarenta anos da história de vida de Nelo e do Junco. Faz em torno de um mês que Nelo voltou de São Paulo, neste período erige-se monumento vivo do mito que a família construía em torno de sua existência distante: era o filho providente, mitificação do futuro próspero que seus pais viviam idealizando, modelo para os irmãos que sonhavam seguir igual sorte, decantada por parentes e demais moradores daquela cidadezinha, de que era o centro das atenções. A volta de Nelo suspende, pela novidade, o cotidiano mesmificado do lugarejo: o homem importante que viera de São Paulo é cercado por admiradores sinceros e por aproveitadores de ocasião. Mas Nelo voltara para morrer. Suspenso

por uma corda - é assim que o irmão vai encontrá-lo, ao voltar com um dos tios que ia visitar o sobrinho rico e famoso. A morte, aliás, já aparece antecipadamente indicada na narrativa, pela fala que abre o romance, a fala do tio de Nelo, que acompanhava o narrador para visitar o sobrinho recém-chegado:

"- Se estiver vivo um dia ele aparece, foi o que eu sempre disse." (ET, p. 17).

O mesmo índice de morte é disforicamente repetido na sensação de angústia do narrador, na página seguinte:

"A alpercata esmaga minha sombra, enquanto avanço num tempo parado e calado, como se não existisse mais vento no mundo. Talvez fosse um agouro. Alguma coisa ruim, muito ruim, podia estar acontecendo." (ET, p. 18,19).

E a morte revela aos habitantes pasmos a mesquinhez e a pobreza de uma vida igual a deles; a morte de Nelo é a morte de uma idealização. Desencadeia um balanço cruel da dura realidade que a família enfrenta, revelando também a dupla existência que ele levava: um herói construído à distância pela família; um homem pobre atormentado por uma existência brutal, do ponto de vista da sobrevivência material e no tocante à vida afetiva. Um homem sem atividade financeira definida, abandonado pela mulher e filhos. Um homem, enfim, que demorou vinte anos para voltar a Junco, sempre adiando o sonho de ajudar decentemente na melhoria de vida da família, já dispersa e marginalizada, deambulando por outras cidades da Bahia. É importante acompanhar o balanço que Totonhim, irmão de Nelo e narrador de sua história, faz a partir de sua morte:

"Vinte anos para a frente, vinte anos para trás. E eu no meio, como dois ponteiros eternamente parados, marcando sempre a metade de alguma coisa - um velho relógio de

pêndulo que há muito perdeu o ritmo e o rumo das horas. Eis como me sinto e não apenas já agora, que já sei como tudo terminou." (ET, p.22).

É dessa maneira que o narrador se apresenta: chama-se Totonhim, está na casa dos vinte anos e tem frustrada a alegria pela vinda do irmão que lhe fora apresentado, por toda a sua vida, como modelo a ser seguido. A volta do irmão provoca a continuidade da reflexão do narrador que acaba revelando a precariedade da situação familiar: a miséria, a disputa pela oportunidade inexistente, os ressentimentos. Por outro lado, o mito que a comunidade construiu, nele se projetando e identificando desejos, termina servindo à exposição de ambições e cobranças mesquinhas. O próprio momento da chegada à cidade já marca um desencontro: Nelo volta ao Junco sem o menor aviso à família, sem entendimentos com os seus; é num hotel que Totonhim vai encontrá-lo, depois do irmão ter sido reconhecido pelo farmacêutico:

"- Você não tem necessidade de gastar dinheiro em Hotel."

"- Eu não sabia que tinha um irmão aqui - ele afasta a minha mão da mala e acrescenta: - Pode deixar. Eu mesmo levo." (ET, p. 23).

Dão-se a conhecer e Nelo vai indagando sobre a vida dos outros - mãe, pai e irmãos: sabe que os pais e os menores estão em Feira de Santana, os demais espalhados por cidades diversas, todos em dificuldades. E logo o sonho que Totonhim fizera do irmão começa a ruir no primeiro encontro. Totonhim quer saber de coisas de outro mundo, as aventuras de São Paulo; o irmão o obriga a revelar a miséria familiar, o que irá expor a miséria de ambos: "Conte tudo de bom, todas as belas aventuras que você viveu: palha e lenha dos meus sonhos. Mas ele insistia e perguntava e remoía, enquanto instalava os dedos e se agitava, me agitando." É neste ponto

que Totonhim destila raiva contra a família; volta no tempo e declara sua decisão de vingar-se de todos, não ajudando em nada, ressentido pelas humilhações que tivera de passar, ao ser sustentado enquanto cursava o ginásio. Destaque intelectual, aliás, que não o distinguia aos olhos da família, toda devotada a Nelo, o herói distante que mandava dinheiro todo mês; muito dinheiro para suas possibilidades, pouco, porém, para as enormes necessidades da família pobre, embora benvindo por ser a única fonte certa de renda, e pela esperança que representava de dias melhores, como uma quantia simbólica, quase mágica, que vinha de São Paulo.

O contraste entre a dura realidade presente, no primeiro diálogo entre os irmãos, é a alegria das pessoas que vão chegando, familiares e conhecidos admirados com a volta de um conterrâneo vinte anos distante: o próprio Nelo, triste com as notícias que o irmão vai desfilando sobre a vida difícil que a família levava, muda rápido em alegria, dissimulando o mal-estar que logo se revelará insuportável, e ambos são arrastados para a comemoração na venda de Pedro Infante: "Eu ia atrás - agarrado, puxado, seguindo o rebanho. Meus parabéns, meus parabéns - era o que eles me diziam, repetidas vezes, como se eu tivesse acertado na loteria." São as palavras do narrador, ao encerrar o capítulo 3 da primeira parte. Interessante observar a comparação hipotética da volta do irmão com o prêmio em dinheiro: São Paulo era a imagem da riqueza para os pobres moradores do interior. A volta seria mais do que a comprovação desta verdade, seria a compensação dos familiares por tanto tempo de ausência.

A volta de Nelo ainda ganha uma significação especial, pela maneira como repercute no pensamento de um homem circunspecto do Junco. O homem aprecia e se orgulha do modo de falar do conterrâneo, correto e educado, polido pela experiência em outras terras. Numa conversa na venda de Pedro

Infante, ponto de encontro que informa e faz circular os fatos da cidade, este senhor elogia os modos de Nelo e lamenta o seu infortúnio: "Custa crer que um homem desses pudesse - nem gosto de pensar." (ET, p. 30). Mas o que impressiona o homem circunspecto, na linguagem de Nelo, não passa de expressões normais ou de frases desconexas, discurso intempestivo a demonstrar o destempero do seu raciocínio, ou mesmo seu alheamento no momento do encontro casual com aquele homem, certamente perturbado por outros pensamentos. Em cima da hora, mal o velho acaba de falar sua admiração, Totonhim conclui para si: "Não custa a crer, diria eu." E passa a narrar um passeio com o irmão a caminho da roça, em visita à casa que fora da família: Nelo está bêbado, delira ao querer pegar um táxi na estradinha em que só passava jumento; ao querer que o irmão o leve até à casa da ex-mulher, em Itaquera ou Itaim, perto de São Miguel Paulista, estando perto de Junco; tem alucinação ao sentir uma chuva inexistente. Acaba expondo ao irmão parte de seu tormento: a mulher que o abandonara levando seus dois filhos. O afloramento de tantos problemas revela um homem esmagado e impotente, o que aumenta o choque, ao deparar com a ruína também do seu passado, ali presente. Não cumpre, por isso, todo o objetivo do passeio, feito em momento de porre - matar a saudade, visitar a casa em que haviam nascido, ele e seus irmãos. Nelo volta mal avista as ruínas da antiga casa:

"Ele agora contemplava a casa e os pastos como se estivesse diante do túmulo de alguém que tivesse amado muito - e o efeito do que estava vendo devia ser muito forte, porque já não parecia tão bêbado como antes:

- Vamos voltar?

- Não quer ir até lá? A cancela é logo ali embaixo.

- Eu sei. Mas fica pra outro dia.

- Mas já que fomos até aqui -

- Hoje não - ele disse e foi andando

na minha frente, de volta à rua.

Calado e fechado: trancado." (ET, p. 33).

Justamente porque chegaram até ali, poderia ter dito Nelo, fosse menor o seu desespero. Como encarar tanta desolação, tanta perda? Totonhim reflete sobre este passeio enquanto espera a chegada dos pais para o enterro do irmão. Pensa o quanto será difícil explicar-lhes o acontecimento triste: "Iria ter de explicar tudo, desde o começo. Iria pegar numa das alças do caixão. Mas não ia saber dizer porque Nelo não foi vê-los em Feira de Santana, já que o ônibus de São Paulo pára primeiro lá." (ET, p. 34). Esta informação denuncia o quanto era problemática a volta de Nelo à sua terra: ele não apenas desconhecia que em Junco ainda morava um irmão seu (p. 23), como não visita os pais antes de chegar ao Junco. Parece, por tais fatos, que o seu propósito era ver sua terra e morrer, numa espécie de ajuste de contas com o lugar de sua infância e juventude, pagamento de uma dívida afetiva, auto-punição pelo abandono.

Mas também um desengano enorme por não mais poder ficar ali: Nelo reconhece ser impossível conciliar, em si, o herói público, feito ídolo pelos amigos que o conheceram no passado, com um homem fracassado e doente, angustiado pela perda da mulher e dos filhos, decepcionado por nada possuir para garantir a sobrevivência, móvel de sua ida para o sul. Difícil rever a cidade morta, reaver as terras perdidas; mais difícil ainda para ele, que sonhara o tempo todo em recompor as posses da família empobrecida e voltar como o filho previdente e provedor da carência familiar.

O suicídio de Nelo é a revelação violenta de que o homem que voltou não foi aquele que a família e os amigos do passado esperavam. Quando abrem sua carteira, abre-se na intimidade mais mesquinha a vida precária de um ser precário:

“Era verdade. A receita estava na carteira, uma velha carteira vazia. Digo: sem dinheiro. Porque ela estava recheada com documentos, bilhetes de loteria vencidos, uma carta e uma antiga foto de duas crianças sorrindo. Reconheci os velhos garranchos de mamãe no envelope, antes mesmo de olhar o nome do remetente. Atrás da fotografia estava escrito: ‘Papai, nunca se esqueça de nós. Robertinho e Eliane.’ A letra era de adulto, uma letrinha redonda e inclinada para trás. Letra de mulher.” (ET, p. 35, 36).

Cidadão documentado, sonhando que a loteria lhe desse o que o incerto emprego lhe tinha negado. É o desencontro do trabalhador com suas esperanças. Igualmente doloroso são aquelas “caligrafias do afeto”⁴: a carta da mãe e o pedido dos filhos que conduzia na carteira já são o arquivo de um desconcerto. Fica-se então sabendo que a mãe migrara e sofria a dispersão da família; e que não sabia nada da mulher e dos filhos de Nelo, que seriam sua nora e seus netos. Às caligrafias do afeto se sobrepõe uma implacável cartografia do desencontro do homem com suas necessidades de afeição. Nelo então é devassado por dentro: o interesse maior em verificar sua carteira era do farmacêutico, lá encontram a receita que este já conhecia, Nelo tomava remédios para sífilis, esquistossomose, doenças da desassistência e do descaso, da precariedade e da pobreza; tomava também remédio para os nervos: “E era tudo. Além da roupa do corpo, com que estava vestido, como se antes tivesse pensado em sair, como se a idéia da morte não tivesse sido uma coisa premeditada. Quem vai querer herdá-la? Não faltarão candidatos para o rádio de pilha, o relógio e os óculos. Ficarei com os óculos. Boa recordação.” (ET, p. 36). Aí se explica porque Nelo não deixou, ao encontrar o irmão, que este segurasse sua mala, seria a revelação antecipada da sua pobreza, o que seu resto de orgulho não desejava dar a conhecer,

pelo menos em vida.

Em vinte anos, uma única e última volta a Junco. Com certeza, Nelo pensou muitas vezes em voltar, imaginou muitas visitas. Pelo menos uma dessas voltas imaginárias está dramatizada no romance. Nelo assume a palavra e conta uma experiência brutal, num capítulo estruturado como um conto:⁵ Ele corre desesperadamente por uma rua de São Paulo, na tentativa de alcançar um ônibus em que, imagina, vira entrar sua mulher com os dois filhos. Acaba preso como ladrão e é espancado estupidamente. Entre os policiais, estava um conterrâneo - Zé do pistão, baiano, a quem Nelo prestara solidariedade. Mas fora justamente este que lhe *roubara* a mulher: a confusão entre Nelo e um ladrão, portanto, ganha caráter arbitrário, o policial agride para afirmar que Nelo não deve se aproximar mais da ex-mulher (ver p. 44), o que revela a vulnerabilidade do indivíduo face à instituição autoritária, realidade muito mais exposta durante os anos de arbítrio, período correspondente ao tempo representado pela volta de Nelo - início dos anos 70. Delirante e alucinado, durante o espancamento Nelo vê a figura do pai que lhe estende o chapéu, símbolo atávico da proteção, mas que ele não consegue agarrar. A distância e o abandono representam um hiato irremediável entre ele e o pai. Da mesma forma, estranha é a lembrança de Totonhim que o teria denunciado, irmão que ele sequer conhecia (“- Você me denunciou, Totonhim. Olhe o resultado, fuxiqueiro de merda.”). A queixa dirigida ao irmão parece cobrar uma aproximação que falta, um irmão a quem dirigisse um pedido de ajuda. Nos dois casos, revela-se a carência e a fragmentação de seus laços com o mundo familiar. Revela-se ainda o desespero e o abandono do homem em situação violentamente patética, incapaz de ser resolvida pela abstração de uma pátria pacífica e forte:

“Às margens plácidas, águas turvas. Tietetânicas.

Ventos frios, homens fortes: do Sul e do Norte.

Tape o nariz e boa sorte.” (ET, p. 43).

Em delírio, Nelo repassa sua vida, desde a infância no Junco, até sua vinda para São Paulo, destacando como conheceu sua mulher, seu casamento e a perda desta e dos filhos. Tratado como marginal e esgotada a capacidade de negar, insere este significado na geografia de São Paulo, o que cria uma superposição imagética de grande riqueza:

“- Confessa, você é marginal.

Eu disse não, não, não, não.

Não, não, não, não.

Não.

Marginal: uma avenida larga margeando o Tietê.

Tietê: águas escuras, fundas. Tietetânicas.

Ao fundo, a cidade de São Paulo.” (ET, p. 44-45).

A cidade ao fundo, como quadro impassível, expressivamente sombreado pela presença daquele habitante anônimo que vê a cena de espancamento e se retira da janela em silêncio, omisso ou impotente, sem qualquer outro gesto além deste: “Uma luz se acendeu ao meu terceiro grito e um homem chegou à janela. Ficou olhando.” (...) “Eles continuaram batendo e já era tarde e não havia mais ninguém na rua e o homem que acendeu a luz e chegou à janela ficou só olhando, e eu gritei: - É mentira. É tudo mentira.” (...) “O homem da janela deve ter saído da janela. Apagou a luz, desapareceu, foi dormir.” (ET, pp. 43,45,47). A observação das páginas em que se encontram as citações comprova a presença do “homem da janela” no início, no meio e no fim do conto-capítulo em que Nelo é brutalizado. Está diante do leitor um dado importante da literatura do período - os anos 70: esse dado é a violência policial. Só que a cena põe em relevo um elemento importante, marcando certa *diferença* em relação à ficção sobre o período, mais voltada para a tematização da violência contra

militantes políticos de esquerda. No relato de Nelo, o que ressalta é a violência policial gratuita, nada instrumental e sem atender a qualquer finalidade visível, além do amedrontamento e da vingança individual. No mesmo quadro, um cidadão comum está sendo espancado e outro cidadão comum, anônimo e atônito, é chamado a assistir a uma cena, compulsoriamente acovardado. O quadro somente pode suscitar a reflexão sobre a violência cotidiana como prática da atividade policial rotineira, voltada sobre a população marginalizada: sendo este o outro lado da violência do estado contra a sociedade, além da repressão instrumental do regime militar.⁶

Nesse momento, as geografias se misturam: o riacho da casa de Nelo, perto do Junco, vai dar no rio Inhambupe, que vai dar no Tietê. Caminhos em nada absurdos, na terceira margem da existência do protagonista. Nelo volta à infância para se lembrar do compromisso que parece ter firmado para si próprio, sonho que alimenta sua vida na cidade grande: "Preciso mandar um dinheiro para o senhor comprar de novo a roça e a casa que o senhor vendeu, tomara que tudo melhor." (ET, p. 46) E a cena de espancamento termina com Nelo semimorto, no meio da rua, arrodado por homens fardados, imagem brutal da violência gratuita contra o indivíduo desprotegido. Mas uma violência que parece se desgarrar das pessoas, das quais a cidade está vazia, para impregnar-se na cidade como extensão desta, integrando sua geografia sem sentido. Uma violência, ainda, que extrapola a geografia imediata de São Paulo e se estende ao Junco, numa via sem saída para os marginalizados, aqueles para quem se revela, implacavelmente, que a "mina de ouro" não é patrimônio comum.⁷

"Dinheiro, dinheiro, dinheiro.

Cresce logo, menino, pra você ir para São Paulo.

Aqui vivi e morri um pouco todos os dias.

No meio da fumaça, no meio do dinheiro.

Não sei se fico ou se volto.

Não sei se estou em São Paulo ou no Junco.

(...)

São Paulo é uma cidade deserta."

(ET, p. 47).

Reflexão idêntica Nelo também faz, numa noite triste e comprida, desta feita no Junco, na casa do irmão Totonhim. Nelo acorda e se lembra de São Paulo com saudades, das melhores condições de vida e higiene que apresentava, em relação às casas e ruas precárias da cidade pequena. Lembra da mulher e, em pensamentos, pede sua volta; mas, avaliando bem sua situação, reconhece a iniquidade de qualquer volta: "Uma confusão de desejos, arrependimento e dúvidas. Estragado pelos anos, esbagaçado pelo álcool, já não via por onde pudesse recomeçar." (ET, p. 80). Avaliando, por outro lado, a situação do lugar e a dos seus familiares, encontra o caminho mais curto, enxerga na natureza a razão de tanto descontrole. O homem, na sua explicação, está condenado fatalmente ao esforço inútil que a terra impõe, numa disputa brutal entre adversários. A natureza hostil estipula a repetição da mesma tarefa intemporal e estéril: o trabalho sem sentido de Sísifo: "Nascemos numa terra selvagem, onde tudo já estava condenado desde o princípio. Sol selvagem. Chuva selvagem. O sol queima o nosso juízo e a chuva arranca as cercas, deixando apenas o arame farpado, para que os homens tenham de novo todo o trabalho de fazer outra cerca, no mesmo arame farpado. E mal acabam de fazer a cerca têm de arrancar o mata-pasto, desde a raiz. A erva daninha que nasceu com a chuva, que eles tanto pediram a Deus." (ET, p. 82).

Seja em São Paulo, a cidade deserta, seja no Junco, igualmente hostil, é impossível para Nelo encontrar um lugar, sentir-se em bem-estar, já que ele havia perdido qualquer esperança, qualquer utopia, por mais pessoal que

fosse. Vê no Junco, então, a imagem do deserto que a cidade grande representava: com os irmãos pobres e dispersos; com os pais miseráveis, de nada lhe adiantava a memória de um avô que imaginava forte, a reclamar da fraqueza alheia. Ao revelar sua impotência face à miséria sua e da família, Nelo parece buscar parceria para o seu fracasso na vida do Junco, complementar da vida de São Paulo. E conclui desolado: "É por isso que eu não sei se volto ou se fico. Acho que tanto faz. Porque o tempo que comeu o meu chapéu de palha, agora está comendo o lugar que deixei em São Paulo. Deu para você entender, Totonhim? Respondi direito à sua pergunta?" (ET, p. 82).

Dessa maneira, "Essa terra me chama", título da primeira parte do livro, pode também ser entendida, pela fala de Nelo e por sua frustração, como *essa terra me expulsa*. Aliás, os títulos de cada parte têm sentido ambíguo, contendo cada um o seu contrário.⁸

Além dessa volta imaginária a Junco, sem dúvida uma representação delirante e alucinada das esperanças de Nelo, também sua família nutre a expectativa de sua volta efetiva. O pai de Nelo, por exemplo, jamais esquece uma simples notícia sumária de um parente que, em São Paulo, dormira em casa de Nelo e lhe agradecera a hospitalidade (ver página 64). E o velho, enquanto caminha, desolado, do sítio que vendera para a rua, em Junco, onde tomará um caminhão para Feira de Santana, vai repassando sua vida, a vida da família e da cidade. Lembra, entre muitos fatos, a conversa que tivera com um tio de sua mulher, que um dia encontrara Nelo em São Paulo. Este tio, aliás, embora fale bem do sul, das terras distantes que conheceu, não esconde as marcas que trouxe. Volta ao Junco a passeio e, no princípio, sua palavra fala a voz da experiência acumulada em terras que os roceiros desconheciam. Mas buscava disfarçar uma cicatriz na cabeça, o que, também a princípio, atestava a

autoridade de suas afirmações lisonjeiras quanto ao sul distante: "O homem deixara um pedaço de sua carne pelo caminho, possuía o saber de quem viveu muito, em muitos lugares. Ora vejam só. Um homem do Junco já tinha ido até ao Paraguai. O que era o progresso." (ET, p. 62). Assim pensa o pai de Nelo.

Ocorre que a fé nas palavras do homem vai minguando, desaparece e cede lugar à desconfiança. O homem era vendedor de bugigangas: para o espanto do velho pai de Nelo, este homem saca uma caixinha de imagens que se sucedem, a que chama de cinema, e exhibe a cidade de São Paulo, as imagens grandiosas dos seus edifícios. E o homem não poupa elogios à cidade grande. Atendendo, porém, à ansiosa curiosidade do pai de Nelo, fala do único encontro que tivera com este, em São Miguel Paulista: "Tio, ele gritou pra mim. Conta aqui para esse senhor quem é a nossa família lá na Bahia. Esse senhor a quem Nelo queria que eu dissesse quem era a nossa família aqui na Bahia era o dono do bar, um português zangado, de pouca prosa. Tio, Nelo gritou, de novo, ele não quer me vender uma cachaça fiado. Não é um desaforo?" (ET, p. 65). A riqueza com que o homem pinta São Paulo não consegue esconder uma realidade concreta: Nelo sem dinheiro, embriagado, pedindo cachaça fiado e, ao mesmo tempo, invocando o prestígio inexistente de uma família pobre, dispersa pelo interior da Bahia. Tendo o filho assim apresentado, o velho sai em sua defesa e desconfia do Caboco (é assim que nomeia o visitante). Convida este para tomarem uma cachaça e se decepciona: o homem recusa, afirma que tomou muito, mas *agora* parou e entrou para a igreja dos crentes: "Mais tarde o velho pensaria: se eu soubesse disso não perdia o meu tempo. Esse negócio de crente não é da lei de Deus." (ET, p. 65).

O velho irá comprovar, depois, que a única verdade, na fala do visitante, era aquela em que não quis acreditar. O resto era *vantagem*, como desconfiou.

A volta de Nelo cumpre o *fatalismo bíblico* de volta ao nada. E também promove outras voltas igualmente marcadas pelo desengano e pelo fracasso - a volta da mãe e a volta do pai ao Junco, vindos de Feira de Santana. O último capítulo, sintomaticamente brevíssimo, *fecha* a primeira parte, num conjunto ritual de gestos encadeados. Ritualmente, o capítulo começa com o pai tirando o chapéu diante do morto: morto o filho, descobre-se o pai, tirando o *chapéu* que aquele tanto pedira:

"Papai tira o chapéu, se benze, em seguida descobre a cabeça do morto. Diz:

- Sua alma, sua palma. Sua capela de pindoba.

Depois me pergunta onde estão as tábuas e as ferramentas.

Começa a fazer o caixão." (ET, o. 47).

Eis todo o capítulo. Já a mãe não tem a tranquilidade que o pai de Nelo demonstra. Voltar a Junco para ver o filho morto é voltar para expor sua dor, é sentir uma perda que ela não pode suportar. Volta para *enlouquecer*, ela que sempre mantivera a lucidez, que procurava resolver as enormes dificuldades antes do desespero. Sua volta representa uma dupla morte, já que a morte do filho mata muito de si também. A loucura se revela, então uma forma de resistir, desistindo. A loucura, bem entendido, como desatino que se instala de vez na recusa que a velha mãe demonstra em encarar a realidade da morte do filho; na verdade, já havia sinais de desequilíbrio na violência das brigas domésticas, nos devaneios e nas agressões contra o marido.

Insistimos muito no tema da *volta* porque vemos nele o elemento estruturador do romance *Essa terra*: a narrativa avança pelo recuo ao passado. No presente, somente a loucura, a dispersão e a morte. Segundo o autor, seu romance tem muito das viagens que fez pelo sertão da Bahia, depois de sua experiência em cidades grandes, como

São Paulo e Rio de Janeiro. Uma dessas viagens, declarada pelo autor na cartaprefácio do livro, tem o sentido, entre outros, do retorno criticamente sentido, algo misto entre o sentimento melancólico da perda e o desencanto crítico a constatar que nada havia ali para ser perdido. Também os nomes dos personagens, desde os dos romances anteriores de Antônio Torres, sugerem uma volta ao Junco, como uma espécie de retorno do autor à infância, a si mesmo, mas não como introspecção saudosista, e sim como cotejo crítico das situações passada e presente, que se reproduzem e se assemelham. A própria recorrência do signo *terra*, no título do romance e de todas as suas partes, metaforiza a travessia ambivalente da vida; a terra, assim, é origem e destino, retorno inescapável. E é com a terra que o doido Alcino se identifica, chamando todos ao seu seio: "- Vem que eu te agasalharei." (...) "- Eu sou tua terra. Sou teu pai e tua mãe." (ET, p. 79). Antes mesmo, no capítulo 3 (início do livro), a imagem dos ponteiros parados do "velho relógio" já prefigura a eterna volta em torno de um tempo imóvel, sem mudança, porque condenado à repetição circular: Totonhim mira-se em Nelo mas tem sua miragem desvanecida no meio de um tempo em que se vê condenado a repetir a trajetória do irmão. A volta é o cruzamento de passado e presente, só que o presente é a morte de Nelo, desencadeando o balanço do passado. Não há futuro. E a realidade humana e social narrada se configura como a "terra-cemitério" de Josué de Castro ou como a "paisagem-defunta" de João Cabral de Melo Neto.⁹

A volta dos migrantes nordestinos é pensada como desejo de reenraizamento, para fugir ao "deslocamento psicológico". É isto que o romance problematiza: a ida é um sonho, mais das vezes uma necessidade; a volta é sempre desejo, realização problemática ou impossibilidade mesmo. Talvez com o vago sentimento desta realidade, há os que recusam esse sonho sem muita raiz,

espécie de resistência muda. O Pai, no romance, resiste o que pode, antes de ir para Feira de Santana. Em declaração ao *Jornal do Brasil*, o autor observa que seu pai jamais se adaptou a uma cidade maior que o Junco.¹⁰

Agora é possível entender porque Totomhim escolheu os óculos, entre os despojos do irmão morto: sua decisão de ir a São Paulo tem o significado de uma volta. Ele vai como que pela perspectiva de Nelo. E sua ida é triste, não carrega o sentimento de conquista que anima os retirantes de Jorge Amado que chegam a São Paulo após penosa peregrinação. Sequer também traz o tênue sonho de ir para uma cidade do Sul, aquela vaga utopia que Fabiano não pôde realizar. E aqui o romance enfatiza uma das principais reflexões que mobiliza: o retorno temático ao regionalismo se dá pela atualização do questionamento crítico, no diálogo com a realidade regional no seu intercâmbio com a vida social do resto do país. Esta é a maneira de intervenção do livro na realidade social que apresenta ao leitor. O livro se estrutura como uma narrativa em retrospecto; a volta, portanto, é o fundamento da história narrada, pelo menos assim sentiram os moradores do Junco, em trânsito para São Paulo.

* José Edilson de Amorim é Prof. de Literatura Brasileira da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG (ex-campus II da UFPB).

NOTAS

1. As peripécias da volta de Ulisses à Itaca ocupam grande parte da narrativa de *Odisséia*. Vão da rapsódia XVI à rapsódia XXIII. Cf. Homero. *Odisséia*. Introdução e notas de Médéric Dufour; tradução de Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo, Nova Cultural, 1993.

2. A frase é de autoria de José Américo de Almeida e é pronunciada, em situação solene, ao fazer balanço de sua volta ao poder no início dos anos 50 (teria sido pronunciada num comício, em Campina Grande, durante a campanha para governador do estado em 1950). Neste ano, é eleito governador do estado da Paraíba; e

em 1953 volta ao Ministério da Viação, novamente a convite de Getúlio Vargas. Ver Aspásia Camargo em *O Nordeste e a política: diálogo com José Américo de Almeida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, particularmente o capítulo XIII da primeira parte.

3. Xidieh, Oswaldo Elias. "A difícil viagem de retorno à aldeia". *Caderno de textos 8 - A representação do oprimido*. João Pessoa, Mestrado em Letras da UFPB, 1992, pp. 7-50.

4. A expressão "caligrafias do afeto" é do professor Francisco Foot Hardman, cunhada como título do belíssimo e pungente ensaio sobre a correspondência entre Euclides da Cunha e seus filhos: "Pai, filho: caligrafias do afeto." *Revista USP número 23*, setembro/novembro de 1994, pp. 93-101.

5. Uma das primeiras leituras de *Essa Terra* a destacar a estrutura de conto do episódio referido é a do professor Chico Viana, no seu estudo do romance feito para o *2001 Cursos - Caderno de Textos*, João Pessoa, 1977, pp. 9-30.

6. Em afiado ensaio sobre a violência como prática social, o professor Luciano Oliveira, da UFPE, adverte sobre a necessidade da luta permanente pelos direitos humanos, cotidianamente violados. Argumenta contra o sentimento de tranqüilidade que pode estar contido no relato-denúncia do livro *Brasil: nunca mais*, projeto que, enfocando a violência política, pode fazer esquecer a cultura da violência, enraizada em nossa sociedade. O autor lembra, a propósito, a constatação feita por Fernando Gabeira: "Até que ponto não fomos nós cúmplices disto, nós da esquerda? [...] Nunca nos comovemos de fato com o Esquadrão da Morte - as misérias e torturas que se passaram nos porões da polícia comum eram apenas injustiças que iam desaparecer com o socialismo. [...] Era lógico que fizessem isto no Brasil, pois até a esquerda, até a oposição pareciam bastante insensíveis para esta dimensão da violência." (*O que é isso, companheiro*, 1979, 245). Não só nos porões se exerce a violência, adverte o professor; da mesma forma, coloca Antônio Torres na cena que comentamos: as coisas se passam na rua, com a cumplicidade e até a participação das pessoas comuns. O livro do professor Luciano Oliveira é: *Do nunca mais ao eterno retorno: Uma reflexão sobre a tortura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. - (Tudo é história; 149).

7. Cf. " 'Ponteiros Parados' Ou a gênese do cão", prefácio de Lígia Chiappini Moraes Leite ao romance *Essa Terra*. 3 edição, São Paulo: Ática, 1979. As idas e vindas de migrantes nordestinos a São Paulo e Rio, são caracterizadas por Antônio Torres como um

"verdadeiro corredor polonês que significa esta marcha entre o sertão e o Sul." (ver *O Estado de São Paulo*, 26 de maio de 1984.)

A opinião de que os nomes dos personagens remetem às referências do autor ao Junco é de Lígia Chiappini que, no ensaio citado, coteja nomes de personagens com os de pessoas citadas pelo autor na carta a José Giése da Cruz, que introduz o romance.

A este respeito, por sinal, são indispensáveis as palavras do autor sobre a gênese da obra, em entrevista à *Folha de São Paulo*: "Primeiro eu vi apenas de um décimo andar da avenida Paulista, os baianos com suas 'lambretas' no trabalho de esburacar a avenida. E o livro foi nascendo. Parei no sétimo capítulo e fui ao sertão da Bahia para conferir. O livro nascia como uma viagem de volta, Ao retornar, verifiquei que eu, nos sete primeiros capítulos, havia mistificado muito a minha própria origem. E isso foi bom, porque tive que reescrever muito o que já havia escrito. Um ano depois, tornei a me ver cheio de dúvidas e voltei novamente ao sertão, cheguei mesmo a escrever todo um capítulo lá e muitos outros eu viria a escrever em Salvador, trancado num quarto de hotel, me sentindo o sujeito mais doido do mundo. Essas idas e vindas foram importantes, porque serviram para me dar uma noção melhor da realidade de que o livro trata: o homem que sai de um lugar (no caso o sertão) e vai para outro (São Paulo), perde o lugar que tinha e não conquista o outro. Durante o processo de elaboração eu via o livro como uma história inventada e hoje eu sei que ela não é tão inventada assim." (*Folha de São Paulo*, 26 de maio de 1976).

8. "A partir do suicídio de Nelo, o leitor começa a se embrenhar numa terra que chama, enxota, enlouquece e ama, cada verbo carregando dentro de si sua antinomia." (Nei Leandro de Castro, em: "Essa Terra" é uma Bahia sem super-heróis. Matéria publicada em *O Globo*, 04/07/1976).

9. As expressões "terra-cemitério" e "paisagem-defunta", respectivamente de Josué de Castro e João Cabral de Melo Neto, são aludidas para caracterizar o romance *Essa Terra*, representação ficcional da história do nordeste, na leitura de M. Fátima M. Albuquerque em: "Essa Terra de Antônio Torres: A denúncia do subdesenvolvimento". Separata da *Revista da Universidade de Aveiro/Letras*, número 2, 1985, pp. 138-139.

10. Em declaração ao *Jornal do Brasil*, o autor observa que seu pai jamais se adaptou a uma cidade maior que o Junco: "Meus pais, vivos até hoje, tentaram ir para uma cidade maior, Alagoinhas", explica. "Só que meu pai não resistiu e voltou para Junco. De lá não sai mais." (JB, 18 de maio de 1991, pp. 6-8).

BRASILEIROS MIGRANTES NA LITERATURA

Teresa Sales*

A academia se debruça sobre o fenômeno das migrações analisando seus aspectos demográficos, econômicos, sociais e políticos. Há porém uma outra perspectiva pela qual têm sido abordadas as migrações, sejam elas internas a um país ou internacionais. Pelo seu caráter de epopéia, de êxodo e de aventura que mobiliza milhares de pessoas em movimentos de desenrasamento, as migrações têm dado origem a uma vasta produção literária. É nessa produção literária que melhor se expressa o drama humano das migrações. Quem melhor do que Steinbeck para expressar o êxodo rural provocado pela Crise de 1929 nos Estados Unidos?

Apesar da recência de nossa emigração em direção a outros países, a partir do momento em que me interessei por esse fenômeno, fiquei atenta à produção literária sobre o assunto¹. O que encontrei foi ainda muito pouco. Porém já com algumas obras sugestivas e que indicam um campo fértil para outros trabalhos, à medida em que o Brasil solidifica sua posição de país também de emigração. Sobre a imigração de outros povos para nosso país a produção artística e literária é não apenas abundante, como muito presente na mídia de grande audiência, tal como nas novelas da Rede Globo que espalham a imagem do Brasil mundo afora. Houve apenas uma novela dessa emissora de televisão onde o tema do imigrante brasileiro nos Estados Unidos foi levantado, porém logo esmaecido

por outros aspectos secundários da trama que vieram a tomar o primeiro plano.

Na primeira parte desse artigo analiso alguns trabalhos pioneiros que utilizaram uma abordagem jornalístico-descritiva da emigração dos brasileiros e de seu cotidiano imigrante em países estrangeiros. Na segunda parte analiso obras de ficção propriamente. Em ambas as partes sigo a ordem cronológica da publicação das obras². Concluo o artigo com algumas considerações sobre aspectos sociológicos que emergem dessas obras literárias.

NARRATIVAS DAS MIGRAÇÕES

Um dos primeiros livros sobre o imigrante brasileiro em outros países foi o do psiquiatra valadarense José Victor Bicalho (1989) intitulado: *Yes, eu sou brazuca*. Para escrever sua narrativa, o autor viveu ele próprio a experiência de morar e trabalhar com os brasileiros na região da Grande Boston, no Estado de Massachusetts, nos Estados Unidos. A narrativa se passa basicamente no entorno de Framingham, um dos municípios daquela região. As histórias dos personagens se entrelaçam, qual um romance de ficção, até se encontrarem algumas num retorno ao Brasil. Na narrativa são exploradas as situações de relações afetivas e sexuais entre os personagens, a comunicação com o Brasil, a saudade, e sobretudo o cotidiano de trabalho e de moradia nos Estados Unidos. Não faltou também uma

viagem pelo México, com todo o conteúdo de aventura que ela necessariamente implica, bem como o drama da moça originária de uma pequena cidade brasileira e que nos Estados Unidos passou a trabalhar de *gogo girl*. Apesar de retratar com mais ênfase as situações atribuladas do imigrante brasileiro, onde o frio e a saudade são uma constante, aparecem também os momentos agradáveis da vivência brasileira do futebol, da cerveja e do churrasco compartilhados pelos amigos.

Escrito com uma linguagem pouco elaborada e sem uma definição clara entre o trabalho acadêmico e a ficção, o livro de Bicalho tem seu valor por ser o primeiro a abordar e documentar a imigração dos brasileiros nos Estados Unidos. Tanto que Maxine Margolis (1994) utilizou vários dados apresentados por Bicalho para comparar com os seus colhidos em Nova York. Além dessa incipiente documentação, o livro de Bicalho apontou uma situação que tenderia a se intensificar nos anos subsequentes à sua pesquisa, quando afirmou que o verdadeiro brazuca é aquele que não mais conseguiria viver no Brasil, aquele que ficaria em um vaivém sem fim. Margolis chamaria a esse movimento de migração ioiô.

Sobre a migração Brasil-Paraguai, um dos trabalhos mais instigantes que li quando realizei uma pesquisa sobre migração entre os países do Mercosul no ano de 1994 foi o da jornalista Cácia Cortêz, *Os Brasiguaios* (1993). Além de

fornecer um panorama desse movimento migratório desde suas origens, a jornalista descreve em cores vivas o movimento de retorno dos *brasiguaios* para os primeiros acampamentos em regiões de fronteira entre o Brasil e o Paraguai.

Mais do que a emigração do Brasil para o Paraguai, o aspecto mais interessante da descrição de Cácia Cortêz se refere a esse movimento de retorno desses migrantes brasileiros, que ficaram conhecidos como *brasiguaios* sobretudo nesse retorno. Eles migram de volta ao Brasil aos primeiros sinais de um plano de reforma agrária proposto pelo então governo da Nova República que se instaura no nosso país após as eleições indiretas que, com a morte de Tancredo Neves, leva ao poder o presidente José Sarney. Vem daí as primeiras experiências de acampamentos, que ocorrem justamente em regiões de fronteira entre o Brasil e o Paraguai.

Ainda sobre a região da Grande Boston nos Estados Unidos, existe uma outra narrativa mais atual do que aquela de José Victor Bicalho referida anteriormente. Produzido parcialmente com recursos da própria autora - Heloísa Souza, jornalista que mora e trabalha em Boston, na Secretaria de Educação, além de estar à frente do *Grupo Mulher Brasileira* - esse trabalho foi divulgado em 1997 e se chama *Retrato em Branco e Preto - narrativa de mulheres brasileiras imigrantes na área da Grande Boston - 1995-1996*. Trata-se da transcrição *ipsis literis* de 11 entrevistas realizadas com mulheres brasileiras, narrando suas experiências de gênero, trabalho, família, Brasil *versus* Estados Unidos. Como a maioria das mulheres entrevistadas (8 dentre as 11, ou seja, cerca de 3/4) pertencem a movimentos de apoio à comunidade brasileira na região da Grande Boston, sendo também a maior parte delas (também cerca de 3/4) constituída de pessoas com nível superior de escolaridade, o resultado é de um perfil bastante diferenciado das

mulheres. O que não tira o mérito do trabalho, pois embora a diferenciação positiva em nível educacional tenha vindo na bagagem das entrevistadas, a sua identidade de gênero e sobretudo a sua identidade étnica enquanto grupo imigrante, foram construídas em grande medida na sua vivência enquanto mulheres imigrantes.

Outra narrativa de mulheres migrantes na região de Boston está contida em meu livro *Brasileiros Longe de Casa*, (Sales, 1999). Copio de mim mesma uma fórmula que deu certo em "Agreste, Agrestes" (Sales, 1982), e pelo mesmo motivo: uma certa insatisfação em não ver incorporadas ao texto final tantas estórias boas que me foram contadas na pesquisa e que ficaram sem lugar no transcorrer dos capítulos do livro. Elas se intercalam entre os capítulos como se fossem fotografias ou desenhos para ilustrar as interpretações. São ao todo sete narrativas de mulheres (por mim recriadas livremente e usando, como para todas as demais citações de entrevistas, nomes fictícios), contadas em três episódios - Aventura, Trabalho, Dilema.

OBRAS DE FICÇÃO SOBRE AS MIGRAÇÕES

Os cinco livros publicados e divulgados em grande circuito por editoras comerciais, são todos eles trabalhos de ficção que, a meu juízo, foram melhorando de qualidade dos primeiros até os últimos. O primeiro que chegou às livrarias foi *46th Street - o caminho americano*, de autoria de Luiz Alberto Scotto e publicado pela Brasiliense em 1993. A leitura desse livro provocou em mim uma reação semelhante a de uma de minhas entrevistadas na pesquisa que realizei em Framingham (município da região metropolitana de Boston, Estados Unidos) em 1996, em face de sua leitura do livro de Victor Bicalho: "mas ele só viu o lado ruim?"

O livro é uma sucessão de droga,

sexo, crime, homicídio, suicídio e além disso com um final de extremo mau gosto. É um livro que expressa contudo, com muita clareza, o estereótipo do malandro brasileiro. Cito dois exemplos: um em que o personagem comunica sua decisão de deixar Nova York e uma das razões é que "está vindo muito brasileiro pra cá. Isso aqui está virando um troço pavoroso. Não é pelos brasileiros. É pela falta de experiência nossa em viver no exterior. A gente quer viver fora como se estivesse no Brasil. Aí vamos nos comer, nos devorar: sacanagem pra todo lado, durante todo tempo" (p.68). E o outro ao final do livro, quando o mesmo personagem diz: "gostei dele desde que apareceu na agência. Aquele tipo esperto, malandrinho mesmo. Made in Brazil, manja?" (p.156).

Esse estereótipo é também um tema recorrente no livro publicado três anos depois, que aliás foi um ano profícuo em livros de ficção sobre o imigrante brasileiro. Trata-se do livro de Roberto Athayde, *Brasileiros em Manhattan*, publicado pela Topbooks em 1996. Nesse livro o autor, com mais domínio da trama e da linguagem (autor já conhecido, tendo antes publicado a conhecida peça de teatro "Apareceu a Margarida"), apresenta a todo tempo situações de esperteza e malandragem do brasileiro. São porém histórias mais divertidas, frequentemente contrastadas com a cultura americana através dos personagens daquele país que entram em cena convivendo com os brasileiros. O mundo dos brasileiros nesse livro ainda é o submundo de Nova York, onde esporadicamente aparecem as situações de trabalho, mas como se fossem cenas que ficam para trás, sem aparecer no palco.

Esse livro de Roberto Athayde encerra-se com considerações do autor sobre a recente migração de brasileiros para países do Primeiro Mundo: "Nova York, seja pelas vastas perspectivas que oferecia à juventude oriunda do Brasil, seja pela importância de suas boates ou pela intensa vida cultural que lhe

proporcionava, parecia a Vladimir um ideal que merece ser difundido e promovido junto a todo o povo brasileiro, sem discriminação [...] É mister cooptar os segmentos menos visíveis da nossa sociedade, se quisermos penetrar no terceiro milênio com um Brasil firmemente emparelhado ao Primeiro Mundo através desses heróicos incorformados, dispostos a empurrar nossas fronteiras ao hemisfério norte” (p.282).

O outro livro de ficção sobre o tema “brasileiro imigrante em países do Primeiro Mundo” da leva de 1996, é de uma escritora, contista, também ela já com experiência literária. Trata-se do livro *Pau-de-Arara Classe Turística*, de Regina Rheda, publicado pela Editora Record. Esse livro tem claramente a marca de gênero (é basicamente a experiência de uma imigrante mulher) encravada na obra de ficção. Fazendo um percurso migratório através de sua personagem que parte do Brasil e vive suas experiências de vida e de trabalho em Londres e na Itália, a autora relata com extrema sensibilidade situações de liminaridade que poderiam ser vividas por qualquer migrante brasileira em semelhante situação.

Aqui a autora, à semelhança do autor de *Brasileiros em Manhattan*, introduz considerações de natureza sociológica em sua obra de ficção, com a diferença que ela o faz já ao início do livro, e não ao seu final. Assim ela o inicia: “Nas décadas finais do século XX, o Brasil viveu um fenômeno inédito em seus quinhentos anos de história. Um grande número de jovens brasileiros de classe média decidiu trocar o diploma pelo esfregão, a roupa de grife pelo avental, o volante pela pia, a prosperidade pela gorjeta e o Brasil pelo Primeiro Mundo [...] A informação de que descendentes de estrangeiros tinham direito ao passaporte do país dos ancestrais espalhou-se entre a juventude com a velocidade de um mexerico” (p. 7). Essa é a base da crônica de viagem de sua personagem, onde o contraste do

brasileiro com outra cultura fica muito evidente, porém aqui sem o peso tão forte do estereótipo brasileiro malandro. Mas sim um olhar algo irônico de uma jovem brasileira que faz naquele país serviços destinados hoje em dia aos imigrantes (no caso da personagem, sobretudo os serviços domésticos) e que vê por dentro a hipocrisia da falsa moral assentada em valores religiosos arraigados.

Ainda da leva de 1996, o livro *Clandestinos - Aventuras verídicas de um guia de imigrantes ilegais nas Fronteiras Americanas* é atípico em relação aos três anteriores, por não ser uma obra de ficção propriamente, muito embora, tal como o de Victor Bicalho, aqui também o autor faça sua narrativa em forma de ficção. O próprio título do livro já é suficiente para definir o que ele contém. O autor é desconhecido e usa o pseudônimo de Thales de Leon. Usa-o de propósito para não ser identificado, exatamente pelo conteúdo das histórias que vão relatadas no livro, algumas com implicações que poderiam prejudicá-lo.

As situações de risco vividas por um homem comum que se torna atravessador de migrantes brasileiros clandestinos na fronteira México-Estados Unidos, mostram um retrato muito próximo a uma realidade frequentemente referenciada nos exemplos e nas representações dos brasileiros imigrantes de minha amostra de pesquisa, como algumas peças de teatro a que lá assisti, escritas e encenadas por pessoas da comunidade católica na Paróquia de São Tarcísio em Framingham.

E finalmente, o último livro de ficção que saiu publicado sobre esse assunto (pela Rocco Editora em 1997), *Estrangeiros do trem N*, tem também como cenário Nova York. Aqui os protagonistas da história fazem uma conexão mais elaborada entre as experiências de trabalho e de vida no Brasil e nos Estados Unidos. Embora seja uma obra de pura ficção, do melhor

estilo, o autor - Sérgio Vilas Boas, jornalista e escritor - baseou seu livro numa composição de informações extraídas em mais de 100 entrevistas feitas com imigrantes brasileiros em Nova York de setembro de 1993 a outubro de 1994, além do material de dados secundários.

Paralelo à trama principal do livro, o autor usa as situações de entrevistas para apresentar vários personagens secundários (e o gênero aqui é tipicamente masculino, ao contrário do livro de Regina Rheda referido acima), através dos quais tece considerações preciosas sobre a vida de trabalho do brasileiro imigrante em Nova York, bem como de seus parâmetros comparativos da cultura brasileira *versus* a cultura americana. Tendo o livro de Maxine Margolis (1994) como um parâmetro invisível para sua narrativa, Vilas Boas encerra o seu livro constatando a típica situação do cidadão *ioiô* vivenciada por um de seus personagens, onde se passa a convivência de duas metades - uma brasileira e outra americana. E encerra-o também constatando que “ninguém é o mesmo depois de romper fronteiras” (pag. 382).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse “ninguém é o mesmo” faz parte na verdade de um processo social vivido em várias etapas de romper fronteiras. E esse processo implica em levadas (sucessivas no tempo) de migrantes que vão, que retornam ao Brasil, que voltam novamente ao país de destino, formando assim uma cadeia que aos poucos vai se solidificando, assentada nas várias redes sociais que nada mais são do que os sustentáculos para a continuidade daquela cadeia migratória, resultando na formação de um novo grupo étnico.

Essas redes sociais são então a base de sustentação da nova etnia que começa a se constituir, a partir sobretudo do momento em que a perspectiva é de uma permanência mais longa (para não falar ainda em definitiva) no país de destino.

A partir do momento em que o brasileiro imigrante em outros países começa a se constituir enquanto um grupo étnico, ele vai construindo sua própria auto-imagem enquanto grupo, em sua alteridade com os demais grupos étnicos da sociedade de destino. Essa auto-imagem é veiculada não apenas através do olhar do entrevistador, que a reproduz em suas análises (refiro-me aqui especificamente a meu livro *Brasileiros Longe de Casa*, Sales, 1999), mas também através dos meios de comunicação, tanto na imprensa, como, no caso aqui analisado, nas obras literárias.

No caso da imprensa³, vale a pena ressaltar aqui apenas o contraste entre o enfoque da imprensa brasileira e o da imprensa americana.

Quando comecei a acompanhar as notícias da imprensa sobre os novos fluxos migratórios da população brasileira, a partir do banco de dados mantido pelos alunos bolsistas da pesquisa desde o primeiro projeto CNPq em 1993, um dos aspectos que logo me chamou a atenção foi o conteúdo das notícias que saíam na imprensa americana, em comparação com o que era veiculado na imprensa brasileira. Se do lado da imprensa brasileira “2/3 dos temas abordados na imprensa, nessa amostra de matérias a que tivemos acesso num primeiro levantamento, têm uma sinalização visivelmente negativa quanto ao teor desses novos fluxos migratórios do Brasil” (referia-me aos temas sobre clandestinidade, criminalidade e discriminação) (Sales, 1994:108), do lado da imprensa americana a sinalização era muito mais positiva.

Nas 15 matérias divulgadas pelo *Boston Globe* entre 1993 e 1997 sobre imigrantes brasileiros (sem contar outros jornais onde os imigrantes brasileiros só apareceram esporadicamente), dois aspectos que foram recorrentes em várias notícias eram relacionados à valorização do imigrante brasileiro pelo seu trabalho, e ao fato de sua ascensão

social através dos negócios (ou comércio étnico) mantidos pelos brasileiros na Grande Boston, sobretudo nas cidades de Framingham, Marlborough e Somerville.

A valorização do imigrante brasileiro pelo seu trabalho também é um aspecto recorrente nos livros analisados anteriormente. Pude observar que há uma certa sequência temporal nessa valorização do imigrante pelo seu trabalho. Pois os primeiros livros de ficção sobre o brasileiro imigrante ressaltam muito mais o estereótipo do brasileiro malandro. Essa é a marca principal, por exemplo, do livro de Scotto (1993). No livro de Athayde, publicado três anos depois (1996), também há uma exploração muito grande desse estereótipo do brasileiro malandro no submundo de Nova York. Mas já aparecem aí mais situações que mostram o brasileiro trabalhador, situações cada vez mais recorrentes nos demais livros de ficção apresentados na segunda seção desse artigo.

Na primeira seção do artigo, quando analiso as narrativas relativas ao imigrante brasileiro na região de Boston (não estou considerando aqui a narrativa sobre os Brasilguaios, que tem sua especificidade por ser um contexto de migração de fronteiras e de trabalhadores rurais), é sobretudo o mundo do trabalho que está presente, o que é sem dúvida condizente com o que se sabe sobre a migração de brasileiros para essa região dos Estados Unidos, caracterizada sobretudo por ser uma migração de mão-de-obra (ou migração laboral, como se diria com mais precisão linguística em espanhol). Na sequência das narrativas de Bicalho (1989), Souza (1997) e Sales (1999), há também uma ênfase no imigrante brasileiro pela sua vinculação ao mundo do trabalho, sendo esse inclusive o título de um dos episódios em que se dividem as sete histórias de Sales.

* *Teresa Sales é Pesquisadora do Núcleo de Estudos de População - NEPO/Unicamp.*

NOTAS

1 - Esse artigo é parcialmente retirado de meu livro SALES, 1999.

2 - Adianto que a minha pesquisa não foi exaustiva e que, portanto, possivelmente existirão outras obras que não conheço e sobre as quais gostaria de tomar conhecimento, caso os prezados leitores de *Travessia* puderem se comunicar com os editores da revista com indicações a respeito.

3 - Analiso mais detidamente esse assunto em Sales, 1999.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ATHAYDE, Roberto
(1996) *Brasileiros em Manhattan*. Rio de Janeiro, Topbooks.
- BICALHO, José Victor
(1989). *Yes, eu sou brazuca*. Governador Valadares, Gráfica Ibituruna.
- CORTÊZ, Cácia
(1993) *Brasiguaios: Os refugiados desconhecidos*. São Paulo, Brasil Agora.
- LEON, Thales de
(1996) *Clandestinos - Aventuras verdadeiras de um guia de imigrantes ilegais nas fronteiras americanas*. Rio de Janeiro, Domínio Público.
- MARGOLIS, Maxine
(1994) *Little Brazil: Imigrantes brasileiros em Nova York*. Campinas, Papirus.
- RHEDA, Regina
(1996) *Pau-de-arara classe turística*. Rio de Janeiro, Record.
- SALES, Teresa
(1982) *Agreste, Agrestes: Transformações recentes na Agricultura Nordeste*. Rio de Janeiro, Paz e Terra; São Paulo, Editora Brasileira de Ciências.
- SALES, Teresa
(1994) “Brasil Migrante, Brasil Clandestino”. *São Paulo em Perspectiva*. vol.8, nº1, jan/mar.
- SALES, Teresa
(1999) *Brasileiros Longe de Casa*. São Paulo, Cortez Editora.
- SCOTTO, Luiz Alberto
(1993) *46th Street - O caminho americano*. São Paulo, Brasiliense.
- SOUZA, Heloísa
(1997) *Retrato em Branco e Preto - narrativa de mulheres brasileiras imigrantes na Área da Grande Boston - 1995-1996*.
- VILAS BOAS, Sérgio
(1997) *Os Estrangeiros do trem N*. Rio de Janeiro, Rocco.

A PENNA CONTRA A EMIGRAÇÃO

Ely Souza Estrela *

Estima-se que mais de 17% das pessoas nascidas na Bahia vivem fora do estado. Desse montante não se sabe quantos vivem ao certo no estado de São Paulo. Sabe-se entretanto, que 7%¹ vivem na região metropolitana, marcando com sua presença não somente o ABC paulista, mas principalmente os bairros mais periféricos da cidade de São Paulo.

A participação das regiões da Bahia no contingente populacional que se deslocou para São Paulo não é uniforme. Não se dispõe de dados atualizados sobre o número de indivíduos que partiram de cada uma das regiões do estado da Bahia em direção a São Paulo; amostragem elaborada por Antônio Jordão Neto e Santa Helena Bosco, bem como a tabela publicada por Jorge Calmon mostram que o maior número de pessoas que deram entrada na *Hospedaria dos Imigrantes Visconde de Parnahyba* eram provenientes das zonas fisiográficas da Serra Geral e Chapada Diamantina.

Em linhas gerais, essas regiões formam a área que, na “geografia imaginária” das comunidades sertanejas, é compreendida como *alto sertão da Bahia*. Esta região, juntamente com o Rio São Francisco, constituía-se em verdadeira porta de entrada/saída de população da Bahia em relação ao centro-sul do país, até mais ou menos a abertura da Rodovia Rio-Bahia, em fins da década de 1940, e a desativação do transporte de passageiros da Viação Estrada de Ferro Leste Brasileiro - em meados da década de 80.

Desde fins do século XIX partiam do *alto sertão da Bahia* levas e levas de indivíduos em direção ao centro-sul do país. Esses indivíduos eram chamados de *sampauleiros*. *Sampauleiro* era todo indivíduo que deixava seu local de origem para procurar, em terras de São Paulo, especialmente, condições de

trabalho e sobrevivência. Esse ser social caracterizava-se pelo constante ir-e-vir, tornando-se um elo de ligação entre o centro-sul e as comunidades sertanejas (Estrela, 1998). Aliás, o *alto sertão* baiano ainda hoje é marcado pelo deslocamento temporário, voltado para atender ao ritmo da produção agrícola

TABELA

EMIGRANTES QUE DERAM ENTRADA NA *HOSPEDARIA DOS IMIGRANTES VISCONDE DE PARNAHYBA* ENTRE 1935 E 1952, POR REGIÃO.

Litoral Norte.....	0,4%
Recôncavo.....	2,2%
Zona Cacaueira.....	3,1%
Extremo-Sul.....	0,3%
Nordeste.....	1,2%
Zona de Faria de Santana.....	1,1%
Zona de Jequié.....	1,8%
Zona de Vitória da Conquista.....	3,5%
Zona de Jacobina.....	2,9%
Zona das Matas de Orobó.....	3,0%
Sertão do São Francisco.....	4,9%
Chapada Diamantina.....	11,2%
Serra Geral.....	52,5%
Médio São Francisco.....	6,6%
Planalto Ocidental.....	4,4%

Fonte: (Calmon, 1998, p.208).

dos estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul.

A emigração dos *sampauleiros* preocupava as elites locais, temerosas com a virtualidade da “falta de braços”. Em alguns momentos, os grupos que se opunham à emigração lançaram mão de mecanismos visando combatê-la e dificultá-la. Em 1924, o governo da Bahia, incapaz de estabelecer plano de ação de caráter mais duradouro e efetivo, com vistas a deter a evasão, sancionou uma lei, “criando o imposto de 10 cruzeiros (sic) sobre cada passagem de terceira classe vendida para fora do estado” (Calmon, 1998: 192)².

Na cidade de Caetité, o jornal *A Penna*, fundado por João Antônio dos Santos Gumes Júnior, foi um importante porta-voz desses grupos.

Quem era João Gumes

João Gumes foi uma das figuras mais versáteis, dinâmicas e fascinantes do *alto sertão* da Bahia. Nasceu em Caetité, em 10 de maio de 1858, e morreu em 29 de abril de 1930.

Na juventude foi preceptor dos filhos de uma rica família do município de Palmas de Monte Alto, localizado às margens do Rio São Francisco. Voltando a Caetité, tornou-se escrivão da Coletoria Geral e, mais tarde, tesoureiro e secretário da Intendência do município. Foi advogado provisionado (rábula) e arquiteto. A planta do Teatro Centenário de Caetité - inaugurado em 1922 como parte das comemorações do centenário da Independência - e a do Mercado Público Municipal da cidade saíram de sua prancheta.

Foi fundador e redator do jornal *A Penna*. Além disso, deixou vasta obra no campo das letras. Escreveu os romances *Os Analphabetos* e *O sampauleiro*, as crônicas *Vida campestre e Pelo Sertão* e a peça *A Abolição*, entre outras extraviadas.

Os romances *Os Analphabetos* e *O Sampauleiro* abordam a emigração dos sampauleiros, retratando em pormenores

o cotidiano da emigração. Curioso é que, embora Gumes fosse um obstinado combatente da partida de seus conterrâneos, a ponto de confessar que os romances eram obras de propaganda de um militante desprovido de talento literário, em nenhuma das obras se encontram laivos de oposição ao ir-e-vir dos sertanejos. Pelo contrário, em ambas, a viagem dos sampauleiros é bem-sucedida e seus protagonistas voltam à terra natal realizados. No romance *O Sampauleiro*, o autor traça um quadro do estado de São Paulo bastante simpático. O protagonista da obra, João Lopes, é um sampauleiro honesto que, tendo pegado de empreita a abertura de uma fazenda na região de Barretos, trabalha duro, conseguindo amear dinheiro para saldar uma dívida contraída por artimanha de seu pseudo-amigo/rival Abílio e remontar à vida na pequena propriedade que deixara aos cuidados da esposa zelosa e fiel.

Quando criança Gumes participou do coro da igreja matriz. Adulto continuou ligado à música, participando como membro fundador da *Lira Caetiteense*. Consta que, além de tocar harmônica e violoncelo, fazia adaptações de partituras. Na maturidade tornou-se espírita, sendo várias vezes escolhido para a direção do “Centro de Estudos Espírita Aristides Spínola”, posição que lhe trouxe alguns aborrecimentos provocados por prelados intolerantes.

O pioneirismo d’A Penna

O jornal *A Penna* foi fundado por João Gumes em 5 de março de 1897 e tudo indica que foi o primeiro jornal do *alto sertão* baiano a ter periodicidade. O jornal circulou - com algumas interrupções - até 1930, ano da morte de seu fundador. Depois de um breve interregno, voltou a ser publicado sob a direção de seu filho, Sadi Gumes. Em 1942, deixou definitivamente de circular.

A Penna era uma publicação quinzenal com quatro páginas impressas

em papel jornal. Alguns números, por razões que não sabemos precisar, eram impressos em cores - azul ou rosa. Os números especiais eram impressos em papel couchê. A grande maioria dos artigos versavam sobre temas de interesse local e regional, sendo quase todos assinados pelo editor. Gumes não se furtava a publicar também assuntos e fatos de abrangência nacional e internacional. Homens públicos da estirpe de Pedro Calmon, Anísio Teixeira e Hermes Lima, por exemplo, assinaram artigos n’*A Penna*. Há indícios de que alguns dos colaboradores do quinzenário nada mais eram que criação do editor, forma que encontrou para diversificar as opiniões do impresso. Aliás, com alguns dos colaboradores desconhecidos travou polêmicas, com réplicas e trélicas acirradas.

A Penna trazia algumas seções fixas: poesias, viajantes, obituário, despedidas, “quentinhas” e, em 1940, passou a publicar a famosa “Crônica da Roça” - espécie de sátira dos costumes escrita em versos, etc. À semelhança dos grandes jornais da época, tinha espaço reservado aos folhetins. Antes de serem impressos em livros, os romances *O Sampauleiro*, *Os Analphabetos* e o livro de crônicas *Vida campestre* foram publicados no jornal.

O jornal contava com amplo espaço publicitário, suficiente para sua manutenção³. Anúncios de drogarias, de casas comerciais (secos e molhados, implementos agrícolas, vestuário) remédios, armarinhos, xaropes, saboarias, representantes comerciais eram freqüentes no jornal *A Penna*. Alguns dos anunciantes não estavam localizados nas praças da região, mas nas dos grandes centros, tais como, São Paulo, Rio de Janeiro e “Bahia”, como os baianos do interior denominavam Salvador.

Tendo em vista as dificuldades de meios de transporte, *A Penna* contava com um corpo de assinantes considerado razoável para a época, transpondo,

inclusive, os limites da região.

O primeiro prelo utilizado na impressão do jornal era manual (emprestado à Intendência); pouco depois, Gumes adquiriu um prelo a pedal e, em 1919, comprou por oito contos de réis uma rotativa movida manualmente. Orgulhoso do feito, o jornal estampava em primeira página o dizer: *“Impresso em machina rotativa Marinoni”*. A vultosa soma foi adquirida através de subscrição das elites locais.

Desde o primeiro número, o jornal mostrava-se determinado a defender os interesses da alta zona sertaneja. No frontispício da primeira página (acima da chamada sobre a forma de impressão), ostentava o dizer: *“Orgam dos interesses comerciais, agrícolas e civilizadores do Alto Sertão”* e dizia defender três propósitos: a expansão da lavoura, a ferrovia e o fim da emigração. De fato, o jornal nunca fugiu aos propósitos enunciados.

O combate à emigração

A leitura do jornal *A Penna* dá um quadro bastante pormenorizado do cotidiano da alta zona sertaneja da Bahia e é através dela que tomamos conhecimento da dimensão da emigração nas primeiras décadas do século XX. Com exceção da seca, a emigração foi um dos assuntos que mais ocuparam espaço n’*A Penna*.

Nas páginas do quinzenário, o deslocamento aparece em pormenores: a viagem penosa, a vestimenta, os meios de transporte, os casos de perturbação mental, as hospedagens, a chegada a São Paulo, o retorno, os riscos e temores, o sucesso ou insucesso da empreitada, enfim, tudo o que diz respeito à travessia era cingido com dramático realismo.

Expressando os interesses das elites econômicas (fazendeiros e comerciantes atacadistas) e políticos do alto sertão, Gumes faz do seu jornal uma espécie de trincheira contra aquilo que chama de “despovoamento do sertão”, traçando

um quadro das características do sampauleiro bastante desfavorável, instando a todo momento as autoridades constituídas a tomarem providências para deter a sangria das massas trabalhadoras e, ao mesmo tempo, tentando convencer esses indivíduos da necessidade de permanecerem no seu “agro de terras feracíssimas”.

Quem eram os sampauleiros? Para Gumes, eram provenientes da “mais baixa camada social, (...) bahianitos ignorantes e atrasados (...)”⁴ que se deixavam enganar pela propaganda dos arregimentadores. Como um D. Quixote sertanejo a combater moinhos de vento não se cansava de denunciar o fascínio que São Paulo exercia sobre as populações interioranas e seus resultados maléficis. Vejamos:

“A curiosidade, a esperança de prompto enriquecimento. Muitos têm vendido os seus gados, as suas terras, lavoura e situações, onde vivia tranquila e commodamente para com esses recursos pecuniários, empreenderem a longa e extenuante viagem em busca do Eldorado: outros são aconselhados e sugestionados por especuladores que fornecem-lhes dinheiro aqui com a condição de pagarem-no com o peso de juro de cem por cento. (!!!); outros, ainda, são aliciados por expertos que os contracta a tanto por cabeça sob o pressuposto de lhe pagarem as despesas da viagem pela conta que lhes for apresentada.”

Honesto, Gumes traçava um quadro do estado de São Paulo bastante favorável, mostrando-se, inclusive, seu entusiasta, reconhecendo a sua grandeza e pujança, mas não se esquecia de afirmar constantemente ser a viagem para São Paulo um engodo. Segundo ele, os *sampauleiros* nada lucravam com o trabalho nas lavouras paulistas, afirmando peremptoriamente: “ainda estamos por conhecer o indivíduo que tenha conseguido uma fortuna, mesmo relativa, nesse constante vaivém dos

nostros *coolie*”

Do ponto de vista do editor de *A Penna*, os sampauleiros eram explorados por agiotas, aliciadores e fazendeiros espertos, sendo praticamente impossível a concretização do sonho que os movia às terras longínquas da paulicéia: a bonança e riqueza fácil.

Explicitando melhor seu ponto de vista, o jornalista colocava em dúvida a honestidade dos poucos sampauleiros enriquecidos, mostrando os meios de que lançavam mão para amealhar as riquezas alardeadas e ostentadas nas comunidades sertanejas. Vejamos:

“Alguns, porem, pouco escrupulosos arranjam-se bem. Apresentam-se em São Paulo com pseudonymo, dão-se de uma região da Bahia quando são de outra e, conquistando a confiança de incautos, conseguem por engenhoso conto do vigário, obter as vezes boas quantias. Não raro, outros assaltos a pedestre da sua classe que volta a Bahia trazendo quantias diversas e amassam com sangue, miseravelmente, a base de sua riqueza. Outros ainda locupletam-se com o dinheiro de que são portadores incumbidos por seus patrícios que lá ficam. Esses taes gabam-se entre nos terem enriquecidos honestamente.”

O aliciamento de nordestinos para levar ao Centro-Sul tornou-se prática bastante conhecida no processo de desenvolvimento da economia brasileira, sendo empregado sobretudo por particulares. Era comum o aliciamento de jovens, crianças e mulheres. O editor do jornal *A Penna* estava sempre a denunciar a ação malfazeja do aliciador sobre as comunidades sertanejas, pesando sobre eles a denúncia de carregar indivíduos utilizando-se de falsas promessas e outros meios ainda mais sórdidos. João Gumes denunciava que os aliciadores ganhavam das empresas contratantes por cabeça arregimentada e que em São Paulo obrigavam os sampauleiros a “pagarem

as despesas da viagem pela conta que lhes for apresentada”.

Num rasgo de antipatia, lança mão do escárnio, da ridicularização e da ironia, denominando os sertanejos que partem da terra natal para se aventurar por terras alheias, cheias de armadilha e riscos, de *sampauleiros* e fanáticos. Vejamos:

(...) Os traços de união ou laços que unem os indivíduos entre si para formarem a classe; que são comuns a todos esses infelizes a quem dá-se a denominação de SAMPAULEIROS; consistem em – sugestibilidade pelas riquezas do sul; o sonhar com o futuro prospero e grandioso que foge lhes como a sua sombra uma profunda descrença das cousas e dos homens da Bahia, como os seus poderes públicos, as suas riquezas naturaes, as medidas que sejam projetadas ou mesmo tomadas entre nós e – traço physico característico: - ao sahir da Bahia, um alvo sacco alceado, um caldeirão de folhas de Flandres e alpergatas dobradas de couro cru; - ao voltar, roupa e sacco imundos e terrosos; caldeirão esfumaçado, um chapeo novo de feltro de nikel e lenço de pseudo-setin em volta do pescoço à guisa de gravata e (...) O FALÁ LÊGÊRO. Ê APAULISTADO de quem viu e apreciou cousas novas, e magnificantes.”

Veja ou outra, assumia um discurso mitificador – nos fazendo lembrar “o sertanejo é antes de tudo um forte”, de Euclides da Cunha -, destacando o caráter enérgico e desassombrado desses indivíduos. Assim, o sampauleiro autêntico, no dizer de João Gumes, era o indivíduo em trânsito, era o “homem forte e destemido que já tem feito reiteradas viagens ao opulento estado do Sul (...)”.

Também sobre as causas da emigração a posição de Gumes é ambígua e oscilante. Em alguns artigos, percebe-se claramente que o jornalista

não consegue apreendê-lo muito bem. Trata-o como se fora motivado unicamente pelo caráter doentio, errático e aventureiro do sertanejo dos mais baixos estratos sociais, bastando, portanto, ação enérgica para chamar-lhe à razão e fazê-lo parar com a errância descabida. Nesta perspectiva, os artigos que tratavam da mobilidade dos sertanejos eram carregados de clamores - eivados de impaciência - ora dirigidos aos sertanejos para que voltassem à razão e não abandonassem seu “agro feracíssimo”, ora às autoridades para fazerem cessar o despovoamento do sertão. Vejamos:

“Toma proporções assustadoras a emigração de nosso povo para São Paulo. A princípios eram levadas e levadas de centenaes trabalhadores que seguiam deixando as famílias; agora passam por aqui e por muitos outros pontos centenaes de famílias, homens, mulheres, crianças, velhos, novos e estropiados conduzido tudo o que possuem. É uma febre, uma epidemia, uma loucura que não se justifica que não se levantou e matem por uma causa justa. Bem sabemos que o cidadão é livre de locomover-se como quizer, firmar a sua residencia onde bem lhe parecer; mas as consequencias serão terríveis para todos esses fanáticos e para a lavoura já tão depauperada. Pedimos e instamos serias providencias. Aos collegas imploramos que dêem o rebate e procurem convencer, com melhores argumentos, a quem de direito, da urgente necessidade de remediar a nossa situação.”

Em outros artigos, deixa transparecer que a mobilidade espacial é irreversível, servindo de válvula de escape aos problemas seculares da região e, diante da insensibilidade e do silêncio das autoridades baianas em relação à questão, passa a vê-la com mais objetividade. Continua a clamar contra o deslocamento, a denunciar seus

malefícios à alta zona sertaneja, a incitar aos emigrantes que permaneçam cuidando de seus pertences, a regozijar-se toda vez que tem notícia do retorno dos sampauleiros, mas não deixa de reconhecer que suas causas estão relacionadas às questões de ordem socioeconômicas e políticas, rebatendo, inclusive, as posições que vêm as secas como molas propulsoras do fenômeno migratório.

“O que tem desanimado nosso agricultor constringendo-o a procurar o Estado de São Paulo é o dilema da extrema carestia e penuria nos excepcionais annos de secca e da extrema desvalorização dos productos agricolas nos annos abundantes. O phenomeno é digno de um sério estudo por parte das classes dirigentes do nosso Estado, que é sacudido em toda sua extensão, nos seus interesses economicos e financeiros, por esse estado de cousas.”

E em diversos outros artigos, Gumes denuncia o abandono, o “atraso” (grifo da autora) e a violência que vigoravam no alto sertão como molas propulsoras da mobilidade espacial.

Nos anos de 1920-30, em alguns municípios da Chapada Diamantina e do Médio São Francisco, a violência perpetrada por coronéis em disputa punha em pânico a população de ambas as regiões, ganhando, inclusive, espaço nas publicações dos grandes centros. A Penna noticiava farto material dando conta do abandono de cidades sertanejas por parte de sua população. Assim, João Gumes não se cansava de denunciar a violência como uma das principais motivadoras do “despovoamento” da alta zona sertaneja, nas primeiras décadas do século. Sobre a questão, escreve:

“E que um mal esta pesando sobre a infeliz região, onde o trabuco toma a dianteira à foice, à enxada, onde a caudilhagem desabusada pede meças ao bolchevismo e uma como

avalanche ameaçadora vae lentamente inundando, transvertendo os nossos costumes, precipitando-nos em um estado de ruína que dificilmente poderá ser remediado. Isso por um lado, o fisco com as suas garras aduncas por outro, o serviço militar obrigatório por outro, a insegurança do proprietários rural; tudo isso, junta a falta de meios de transporte para os nossos productores afugenta os pacíficos e honestos que temem os incômodos e perigos que as presentes luctas cream, alimentam e robustecem para o gaudio de poucos."

Mais adiante, revelando extrema lucidez, Gumes rebate o ponto de vista dos que afirmam ser a emigração provocada pela seca e pela fome. Na sua opinião, as causas da emigração devem ser buscadas no descontentamento da população sertaneja em relação ao descaso com que sempre foi tratada pelas autoridades constituídas e, ao mesmo tempo, na descrença dos valores e nas lideranças da região. Vejamos:

(...) E a descrença em nossas cousa em nossos homens; são a fome e a sede de justiça, de tranquilidade, de emancipação. Tantas e tantas vezes nos promettem, aqueles de que depende a direção de nossa sociedade, dotar-nos de meios de transportes para depois deixar-nos clausos em indefinidas esperanças; - tantas vezes nos acenaram com fallazes promessas de melhoras, para depois rirem a socapa da nossa ingenuidade; - tanto têm baixado o nível a aplicação do direito e da justiça, o respeito à propriedade, à honra, à dignidade e as regalias do cidadão; - tanto têm sido conculcados os mais sagrados princípios que foram-nos outhorgados, não pelas leis humanas, mas pelo Princípio Eterno e Soberano que nos cercou; - tanto

temos sido e somos explorados por poucos que vivem à farta zombando impiedosamente do rebanho de servos da gleba, já estanguidos pelas retiradas tosqias e votadas, em sua imortalidade e indiferença, a servir somente de pretextos aos simulados comícios; - que, afinal lavra a descrença à feição de epidemia e vae tomando character endemico."

Em que pesem as denúncias e os clamores de João Gumes, os sampauleiros continuaram no seu "vai-e-vem". Afinal, nas primeiras décadas do século XX, o alto sertão da Bahia passa a ser entendido como o espaço das carências, incapaz, portanto, de atender às expectativas de mudança, verificadas em São Paulo. Essa incapacidade resulta basicamente de três fatores: a estrutura da propriedade da terra que se torna bastante polarizada em latifúndios e minifúndios; as freqüentes secas que desagregam o sistema comunitário de vida; e a falta de recursos técnico-científicos.

Em contraposição à alta zona sertaneja - mundo considerado atrasado e "pasmacento" - São Paulo era vista, de modo geral, como o lugar da abundância de emprego, de melhores salários, de perspectiva de melhoria de vida, de acesso à educação, de desenvolvimento técnico-científico, enfim, representava o novo e a "modernidade" e "onde dinheiro era mato".

** Ely Souza Estrela é Prof^a. do Dpto. de Ciências Humanas de Caetité - Universidade do Estado da Bahia.*

NOTAS

1 - Fundação Seade, Folha de São Paulo, 2/3/1996.

2 - A disputa por mão-de-obra entre paulistas e nordestinos remonta ao período do tráfico interno de escravos. Naquele momento, as elites nordestinas, especialmente os baianos, combateram com virulência o carreamento de sua força de trabalho para as zonas cafeeiras de São Paulo. O combate se travou

basicamente pelo uso de pesadas taxações para cada escravo exportado. Tal medida provocou da parte das autoridades paulistas contra-ataque, que consistia na diminuição das tarifas de importação de escravos, minimizando os efeitos do aumento tarifário empreendido pelo governo baiano. (Jornal A Penna 14/03/1915).

3 - Maurício Gumes. Entrevista tomada pela autora em Caetité, em 12/4/2002. Todos os dados foram confirmados por Silvio Gumes Fernandes, em entrevista tomada em Caetité (9/05/2002).

4 - A grafia das palavras está de acordo com o original.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEOZZO, Pe. José Oscar
(1992) *Brasil: 500 anos de migrações*. São Paulo, Paulinas.
- BOSCO, Santa Helena & JORDÃO NETO, Antônio
(1967) *Migrações: estudo especial sobre as migrações internas para o Estado de São Paulo e seus efeitos*. São Paulo, Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.
- CALMON, Jorge
(1998) *As estradas corriam para o Sul. Migração nordestina para São Paulo*. Salvador, Editora Gráfica da Bahia, p.208.
- DURHAM, Eunice
(1973) *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. São Paulo, Perspectiva.
- ESTRELA, Ely Souza
(1998) "Os Sampauleiros - Memória do Deslocamento". *Travessia-Revista do Migrante*, nº 32, set-dez., pp. 11-13.
- GUMES, Marieta Lobão
(1975) *O clã dos Neves*. Salvador, Editora Mensageiro da Fé.
- NEVES, Flávio
(1986) *Rescaldo de Saudades*. Belo Horizonte, Academia Mineira de Medicina.
- SANTOS, Helena
(1976) *Caetité, pequenina e ilustre*. Salvador, Gráfica Nossa Senhora de Loreto.
- GUMES, João
(1928) *Os analfabetos*. Salvador, Escola Typographica Salesiana.
- GUMES, João
(1929) *O Sampauleiro*. Caetité, Tipographia d' A Penna.

UM OLHAR SOBRE O TRABALHADOR DEKASSEGUI

- processo migratório e trabalho através da mídia étnica -

Edson Ioshiaqui Urano *

Migrantes e mídia étnica

O processo migratório ocasiona a formação de redes, conexões e sistemas de migração, no bojo de um amplo movimento de bens, capitais e serviços. Um dos componentes dessas redes são as mídias étnicas. Estas, como os demais meios de comunicação, acabam sendo um lugar de confluência de outras redes que constituem este movimento como, por exemplo, os agenciadores de mão-de-obra e as famílias de migrantes. O interesse do presente artigo está em ilustrar as mudanças ocorridas no processo migratório e no trabalho dos dekassegui tendo como material as transformações de conteúdo constatadas na própria mídia. Mais especificamente, o jornal International Press, que possui edição em português e espanhol voltadas para a comunidade latino-americana no Japão.

Em levantamento feito em 1996, Shiramizu contabilizou 32 publicações étnicas em japonês, cerca de 20 em chinês, 15 em inglês, cerca de 10 em coreano, 6 em tagalog, e 5 em português e 4 em espanhol (Shiramizu, 1996, p.16). Naturalmente, as mídias refletem a especificidade social e histórica que cada comunidade possui no Japão. No caso dos jornais voltados para a comunidade filipina, existe a necessidade de que estes veículos sejam uma ponte entre as culturas japonesa e filipina, pois grande parte dessa população é constituída de mulheres filipinas casadas com japoneses

(Shiramizu, 2001). Já no caso da comunidade coreana, há uma divisão entre aqueles dirigidos aos *old comers*, descendentes dos coreanos que tiveram uma migração mais antiga, remanescentes das migrações que ocorreram durante o século XX e a dos coreanos *new comers*, cuja presença cresceu a partir de meados da década de 80 (Shiramizu, 2001). Com o advento da Internet e das TVs por assinatura, tem havido considerável expansão também das mídias étnicas. O grupo International Press passou a operar, a partir de 1996, canais por assinatura com programações em espanhol e português.

Entre décadas perdidas

Como é sabido, o Brasil viveu, na década de 80, um processo de revitalização política com a redemocratização do país e, ao mesmo tempo, um aprofundamento das fragilidades da economia, com o acirramento do processo inflacionário e estagnação da economia. Neste contexto, houve também uma perda de possibilidades de ascensão social para uma grande parcela da população. O que não foi diferente para os descendentes de japoneses no Brasil. Começara a surgir, assim, em meados da décadas de 80 (Fujizaki, 1992) um movimento de retorno dos migrantes japoneses para o Japão. A migração constituiu uma opção para fugir dos efeitos da 'década perdida' brasileira em direção ao Japão, que viveria também sua década de estagnação

econômica nos 90.

Este processo foi impulsionado posteriormente pelas reformas na Lei de Imigração japonesa aprovadas em junho de 1990, que tornaram possível o ingresso de descendentes de japoneses de até terceira geração no país. Para que isso ocorresse, houve uma considerável pressão de natureza social, política e econômica. A economia japonesa, embora já sentindo os efeitos do estouro da bolha econômica em 90, continuava a sofrer, principalmente nas pequenas e médias empresas do setor industrial, uma falta crônica de oferta de mão-de-obra não-qualificada. Na realidade, a expansão do setor terciário durante a bolha incentivou parte da força de trabalho japonesa a se transferir para ela, agravando a escassez estrutural no setor secundário. O Japão, diferentemente de países como a ex-Alemanha Ocidental e a França, por exemplo, seguiu adotando uma política restritiva em relação a entrada de trabalhadores estrangeiros para viabilizar seu crescimento econômico nos 60, 70 e 80. Com a reforma legal que abriu a brecha para os nikkeis (descendentes de japoneses) e para os *ginno jisshu sei* (estagiários), atendeu-se à pressão de grupos organizados de empresários sem desmontar o cerne desta política restritiva (Mori, 1994, p.33), além de atenuar o crescimento do número de migrantes ilegais. Setores políticos governistas também se mobilizaram no sentido de viabilizar a entrada dos descendentes de japoneses, os *nikkeis*, no país (Nojima, 1989). Os brasileiros representam a terceira maior população

estrangeira no Japão, com 254.394, depois de coreanos(693.050) e chineses(335.575), conforme dados da Japan Immigration Association do final de 2000 (JIA, 2001, p.8). Constituíram-se grandes concentrações populacionais, principalmente nas cidades industriais que abrigam as montadoras da indústria automobilística e de eletroeletrônicos. Um exemplo é a cidade de Toyota, na província de Aichi, que abriga a empresa do mesmo nome, assim como a indústria de autopeças a ela conectada. Outro setor que concentra trabalhadores brasileiros é o de eletroeletrônicos, mas a presença destes trabalhadores tem se generalizado para outros setores da sociedade e por todas as províncias, principalmente nos empregos temporários e de contrato indireto, via empreiteiras.

O "International Press"

O jornal International Press foi criado em 1991 quando a população brasileira no arquipélago era de 119333 habitantes(JIA, 1992). Criado por um empresário de nacionalidade japonesa que passara 30 anos de sua vida no Brasil, começou com uma tiragem de cerca de 10 mil exemplares. A tiragem atual oficial é de aproximadamente 60 mil exemplares para a edição em português e 25 mil para a edição em espanhol. Com o crescimento da comunidade, surgiram outras publicações, como o Jornal Tudo Bem, Folha Mundial, Nova Visão, e jornal de serviços como o Look. Destes, continuam com circulação regular o Jornal Tudo Bem e o International Press.

O jornal circula por quase todo país e para isso se utiliza de uma rede de distribuição que entrelaça pontos de venda normais do Japão, como os quiosques em estações de trens e livrarias, assim como meios mais específicos, como os caminhões ambulantes de produtos brasileiros e os pontos de venda nas comunidades com grande população brasileira, como nas cidades de Hamamatsu, Oizumi e Toyohashi.

Um fato interessante é que, de 1991 a

abril de 1994, o jornal dividia páginas em português e espanhol, pois se dirigia, numa única edição, também ao público de outros países da América Latina, principalmente peruanos, também com uma considerável presença no país. Dadas as diferenças culturais e étnicas, dividiram-se as edições em espanhol e português. Hoje, além do fato de que servem a um público distinto, a edição em espanhol tem uma singularidade: possui um grande percentual de leitores japoneses interessados pela América Latina e por aprender a língua espanhola. Por exemplo, cerca de 80% dos assinantes da edição em espanhol é de japoneses. Em virtude deste fato, uma rápida comparação das duas edições permite identificar uma ênfase temática sobre temas voltados também para os japoneses, assim como possui colunas com aulas de espanhol como língua estrangeira, o que não acontece na edição em português. Outro fato significativo está refletido nos classificados de empregos. Devido a problemas de documentação do visto de parte do contingente peruano, há uma parcela da população peruana em situação irregular, de *overstayers* (indocumentados). Tendo isso como um dos fatores, o mercado de trabalho para trabalhadores peruanos é bastante restrito¹. A quantidade de classificados de trabalho dirigidos a estes trabalhadores é muito menor, quase inexistente se comparada à edição em português². Por exemplo, se compararmos as edições em português e espanhol de 1/6/2002, podemos contabilizar 53 anúncios de empregos na primeira e somente 2 anúncios na segunda. Embora brasileiros e peruanos ocupem nichos similares no mercado de trabalho japonês, para trabalhos não-qualificados, isto não deixa de refletir uma certa 'segmentação' dentro deste mercado³.

Este artigo irá se centrar na edição em português, através da qual poderemos identificar algumas transformações de conteúdo e abordagem que indicam mudanças significativas de natureza comportamental e populacional destes migrantes, assim como o movimento de adaptação do veículo à realidade de uma comunidade específica e em rápida mutação.

Foco no Brasil

De 1991 a 1994 aproximadamente, o jornal teve a função de, principalmente, levar notícias do Brasil para os dekasseguis, ilhados em meio a uma cultura muito distinta da de seu país de origem. Basta recorrer a algumas manchetes deste período para se constatar a orientação dos primeiros tempos, centrados em aspectos políticos e econômicos do Brasil⁴. Outro fato importante é observar que, neste período, grande parte do contingente dekassegui estava comportamentalmente ainda voltado para uma curta permanência em terras nipônicas. Levavam, se compararmos aos momentos posteriores, um estilo, em média, mais poupador, embora isso não nos permita construir tipologias apressadas para cada período, pois há uma multiplicidade de comportamentos presentes em todos as fases desse processo migratório. Este direcionamento mais claro para o retorno ao Brasil, somado ao caos inflacionário em que o país se encontrava, trazia a necessidade de parâmetros para que se pudesse ter uma noção do que se passava no país de origem, até como uma forma de resgate de referenciais. Vejamos, por exemplo, a carta enviada por um leitor:

'Gostaria de sugerir mais espaço para dados sobre valores das coisas do Brasil (junto com o câmbio). Valores de apatos⁵, casas, motos, carros, (usados e novos) e algumas utilidades domésticas como fogão, geladeira, forno de microondas, etc. Acho que seria de muita utilidade para aqueles que estão pensando em voltar. Outra sugestão seria uma atenção especial a legislação sobre microempresas. Acredito que, assim como eu, muitos vieram para cá para poderem realizar seus sonhos(casa, carros, abertura de firma, etc). Como as coisas por lá mudam a cada dia, vocês poderiam dar uma grande força para não sermos pegos de surpresa com a extinção e criação de novas leis (do governo e de mercado)' (IP, n° 35).

Constata-se também que, neste período, os dekasseguis já se utilizam de diversas fontes de informação para concretizar o processo migratório, tanto

formais quanto informais. No caso deste fluxo migratório em específico, o papel desempenhado pelas redes formadas por agências de viagens e empreiteiras, aliadas às redes informais de parentes e amigos, possuem um papel central. Em vista da falta de confiabilidade de uma parcela dos agenciadores de mão-de-obra, um expediente muito freqüente dos migrantes é o de se utilizarem de outra fonte - a informação advinda de parentes e familiares - para melhor tomar a decisão de migrar. As informações obtidas desta maneira são com freqüência consideradas de maior confiabilidade pelos migrantes (Fawcett, 1989, p.678; Kawamura, 1999, 2001). Este reforço se dá também no plano econômico, pois os pioneiros tornam-se capazes de financiar a migração de outros membros da família. Vejamos trechos da seguinte matéria:

‘...Hoje, a maioria dos que se aventuram já tem informações sobre o que os espera. Na maior parte dos casos, foram os próprios amigos e familiares que não só contam sobre a vida no Japão, como também arrumam o emprego e dão assistência ao nikkei que chega...’

‘... Para Paulo Fernando Takaki, 23, da cidade de Bauru, a influência dos dois irmãos foi decisiva para que decidisse abandonar seu emprego de bancário. Como muitos dekassegus que saem agora, foram os irmãos que arrumaram o emprego, custearam a passagem e deverão hospedá-lo nos primeiros dias no Japão...’ (IP, nº 112).

Através da informação e suporte fornecidos por parentes e amigos, formou-se, com o tempo, uma aparato de checagem de condições de trabalho, salários e moradia, entre outros. O pesquisador, ao entrevistar empreiteiras e trabalhadores em regiões como Oizumi, Gunma, pôde verificar que a decisão de migrar se concretiza por meio do entrelaçamento destas fontes, sendo que as empreiteiras, por sua vez, também utilizam ativamente a rede familiar como uma forma rápida de recrutar trabalhadores e checar informações sobre os mesmos. Também os jornais étnicos servem como mais uma referência na procura de um emprego, sendo a informação checada através de

conhecidos e parentes, no caso de migrantes mais experientes.

Foco na comunidade

A partir de 1994, nota-se um aumento de matérias voltadas para a comunidade. De apenas leitores, os dekassegus passam a ser focados como personagens dentro do jornal. Passa a haver um enfoque maior para problemas específicos ligados ao dia-a-dia da comunidade: a separação das famílias, desemprego, acidentes de trabalho, dificuldades de inserção no mercado de trabalho, trâmites para obtenção de carteira de motorista. Em 1995, criou-se uma estrutura de sucursais e correspondentes para cobrir as comunidades espalhadas pelo país. Hoje, há sucursais nas províncias de Aichi (Toyota), Shizuoka (Hamamatsu), Gunma (Oizumi), Mie (Tsu). Também as manchetes adquirem, com freqüência, um conteúdo mais interno à própria comunidade⁶. A questão do preconceito na locação de imóveis para estrangeiros, por exemplo, é um dos problemas levantados nas páginas do jornal (IP, nº 181). É também neste período que se nota um recrudescimento da oferta e recrutamento de trabalhadores brasileiros no mercado de trabalho, em termos etários e de etnicidade, já que as dificuldades para um não-descendente encontrar emprego são maiores. Diz a matéria de julho de 1995: “Diretores de empreiteiras confirmaram que enquanto o desemprego pra nikkeis atinge principalmente homens na faixa etária acima de 45 anos, para não-descendentes esse fator independe. ‘O filé mignon é que está desempregado’, diz o dono de uma empreiteira, referindo-se a homens entre 20 e 35 anos de idade” (IP, nº 199).

Constata-se também nas matérias um reflexo da modificação gradativa do modo de vida dos dekassegus, com a sofisticação dos hábitos de consumo, direcionados agora também para o lazer, viagens, salões de beleza, produtos eletroeletrônicos, etc. É importante observar que, novamente, isto não significa necessariamente uma mudança ‘tipológica’ do dekassegui, mas um processo de adaptação à sociedade

receptora em que o indivíduo passa a ter uma projeção mais flexível quanto a sua estada nesta sociedade. Há uma reavaliação do significado que possui estar como migrante a partir da experiência acumulada, o que pode levar a uma estada mais prolongada e à adaptação de seus projetos iniciais. É o caso do trabalhador TK, 36, operário em uma montadora de automóveis, entrevistado pelo pesquisador em Oizumi (Gunma), em 1999. Natural de Belém do Pará, almoxarife, sua primeira vinda havia sido em 1989. De um comportamento inicialmente poupador, ele conta que passou a levar uma vida com mais lazer, sair para comer em restaurante, acampar, depois que percebeu que “se não, a gente não vive nem lá no Brasil, nem aqui no Japão”. Em compensação, passou a fazer, com sua esposa e dois filhos, um plano de permanência mais prolongada no Japão, para então retornar definitivamente.

Tais mudanças, que podem apontar, por um lado, para uma melhora qualitativa na vida dos brasileiros, também podem levar algumas vezes à precarização de sua situação sócio-econômica. A percepção desse processo está expressa em uma carta enviada por uma leitora como se segue:

Leitor em foco

A meu ver, existem três categorias de pessoas

1. Uma porcentagem que é realmente tio patinhas, ao extremo conseguem viver com 40.000 por mês, poupam o máximo aqui, depois perdem tudo, em menos de um ano, no Brasil, como já pude constatar em vários casos.

2. Aqueles que gastam tudo, emprestando dos outros, até de cartão de crédito. Estipulam um padrão de vida além das suas possibilidades. Esquecem-se que o “salário dekassegui”, isento de todos os benefícios sociais, é o mínimo do Japão. Com ele, é impossível viver como classe média.

3. Os que sabem dosar seus gastos, permanecendo no padrão de vida razoável. Cuidam da saúde, dizendo não aos vícios. Pensam no futuro e se preparam para ele.

Aquele que é consumista aqui, também

o foi no Brasil (IP, nº 309).

É importante frisar o fato de que situações de crise econômica no país receptor, não necessariamente levam o migrante a encurtar sua permanência em terras estrangeiras, pois isto pode levá-lo a reprogramar sua estada no sentido de concretizar seus objetivos iniciais numa perspectiva de tempo mais prolongada (IP, nº 365). Como observou Piore, não se pode refutar a influência de fatores econômicos nos processos migratórios, mas o comportamento do migrante nem sempre se dá conforme expectativas "racionalis" num sentido estrito (Piore, 1979, p.64).

Apesar do caráter temporário e do movimento pendular dos dekasseguis ainda ser uma característica bastante presente, o fato é que se vive, hoje, uma fixação um tanto quanto ambígua desta população em terras nipônicas. Passados mais de 15 anos desde que este movimento se iniciou, houve uma mudança significativa na composição populacional, com o aumento do contingente feminino e infantil, reunião das famílias e formação da segunda geração de migrantes brasileiros.

Mulheres no mercado de trabalho

O aumento da participação feminina brasileira no mercado de trabalho japonês segue uma tendência geral da economia japonesa dos últimos anos. Segundo dados do Japan Institute of Labor, em 1987, a participação feminina no total da força de trabalho no Japão era de 39,7%. Em 2001, esta participação está em 40,7% (JIL 1999, 2002a). Tem aumentado, por exemplo, o contingente de japonesas que, por motivos como casamento e cuidado com os filhos, já não pára de trabalhar. A mudança nos aparatos legais tem também sua parcela de influência. As reformas da legislação trabalhista japonesa, como na lei de Igualdade de Oportunidades de Emprego para Homens e Mulheres (1985),

efetuadas no primeiro semestre de 1999, visaram diminuir as desigualdades entre homens e mulheres no mercado de trabalho. Uma das conseqüências foi a possibilidade das jornadas noturnas também para as mulheres, o que constituiu um significativo estímulo para a sua contratação. O aumento da participação do sexo feminino no mercado de trabalho é considerado, inclusive pelo governo japonês, como um dos pontos-chave para suprir a já anunciada escassez de mão-de-obra no país para a década, devido à senilização da população e à redução das taxas de natalidade (JIL, 2002b). As brasileiras são parte destas mudanças, principalmente, como é sabido, nas indústrias, no setor secundário da economia, relativamente preterido pelas mulheres japonesas em comparação, por exemplo, aos empregos no setor de serviços. Na prática, a reforma na lei supracitada tem refletido em uma maior demanda pelo trabalho feminino, e em termos salariais, num certo nivelamento para baixo dos salários, passando tanto homens como mulheres a trabalhar com remunerações até então pagas às mulheres, de cerca de 900 - 950 ienes a hora (IP, nº 395).

Em 1990, as mulheres representavam cerca de 37,5% da população brasileira residente no Japão, que era de 56.429 pessoas. Em 2000, com a população total de 254.394, o percentual feminino já representava 44,8% da mesma.

Em vista destas transformações, o jornal tem passado a dar maior espaço dedicado ao público feminino e também aos

adolescentes. Em abril de 2002, em conjunto com a criação de um caderno de variedades voltado principalmente ao público feminino e adolescente, passa a haver uma ênfase em temas como aconselhamento sexual, maternidade, evasão escolar, o peso da jornada dupla, trabalho doméstico/trabalho na fábrica. Através do material jornalístico, pode-se desenhar um complexo mosaico da comunidade brasileira - em termos etários, étnicos e econômicos - se comparada aos primórdios deste movimento migratório. Por outro lado, a dependência dos dekasseguis de postos de trabalho no mercado de trabalho periférico, subordinado a processos flexíveis de produção e de contratação da mão-de-obra se mantém como um dos fatores determinantes deste movimento (Okubo, 1999).

Considerações finais

A recessão econômica japonesa tem persistido no início desta década. Em 2001, a taxa média de desemprego no Japão foi de 5,2%, a maior desde que estas medições tiveram início, em 1953 (Nikkei, 2002). Este quadro recessivo trouxe, também para a comunidade latino-americana, o achatamento dos níveis salariais assim como um processo de substituição parcial por migrantes asiáticos, pelo fato destes possuírem uma faixa de salários mais baixa que a brasileira (IP, nº 553). Embora tenha havido uma diversificação qualitativa dos trabalhos oferecidos aos brasileiros com a formação de concentrações populacionais

PERCENTUAL DA POPULAÇÃO BRASILEIRA NO JAPÃO POR FAIXA ETÁRIA

Idade	1990	1992	1994	1996	1998	2000
0-4	2.1	3.44	3.55	4.57	6.47	6.83
5-9	1.43	2.76	3.09	3.43	4.03	4.33
10-14	1.22	2.14	2.33	2.95	3.88	4.01
Acima de 15	95.25	91.66	91.03	89.05	85.62	84.83

Fonte: JIA (1990-2001)

em cidades industriais e com o desenvolvimento de negócios étnicos, a maioria destes migrantes continuam atrelados ao mercado de trabalho periférico (Kawamura, 2001). Através do material analisado, constatamos um processo de fixação destes migrantes no Japão, ainda que de uma forma parcial e ambígua, com a formação de sua segunda geração. A mídia étnica, ao mesmo tempo que espelha estas mudanças em suas páginas, exercita uma rearticulação de seu conteúdo face as novas realidades. A problemática que se coloca, daqui em diante, é a de se equacionar estas transformações, que têm em seu centro a questão da inclusão/exclusão social num contexto transnacional, dentro do processo de globalização.

* *Edson I. Urano é Doutorando em Economia na Graduate School of Economics da Universidade de Tohoku, Sendai, Miyagi, Japão.*

NOTAS

1- Segundo entrevista concedida pelo jornalista peruano da edição em espanhol do International Press ao pesquisador, provavelmente metade da população peruana presente no Japão é constituída de *overstayers* (indocumentados). E isso tem acarretado uma divisão dentro da comunidade peruana entre legais e ilegais, com atitudes discriminatórias mútuas.

2 - O peruano J.N., de 48 anos, natural de Lima e residente à época da pesquisa de campo (1999) na cidade de Oizumi, Gunma, a cidade com maior percentual de estrangeiros no Japão, deu o seguinte depoimento: "Tem mais trabalho para os brasileiros porque 50% dos peruanos estão com os vistos irregulares e as empresas não contratam. Não tem contrato e quando termina o serviço, não tem opção de serviço".

3 - Em pesquisa de campo realizada em 2002, o pesquisador constatou que os sindicatos de trabalhadores de Tokyo e Kanagawa também refletem essa compartimentação. A Zentoitsu, um pequeno sindicato com sede em Ueno, Tokyo, agrupa os trabalhadores *overstayers*, principalmente paquistaneses e indianos. A KCU, Kanagawa city union, os trabalhadores peruanos e a LUC, Labor's Union Center,

os trabalhadores brasileiros.

4 - Alguns exemplos - 'Nova nota de 50 mil' (IP, nº 2, 6-10-1991), 'Senna poderá ser tricampeão' (IP, nº 3, 13-10-1991), 'Caso Magri aflige o governo' (IP, nº 25, 15-03-1992), 'Pedro Collor detona escândalo no Brasil' (IP, nº 37, 7-6-1992), 'FHC alerta para hiper' (IP, nº 89, 6-6-1993), 'CPI vai caçar 18 parlamentares' (IP, nº 123, 30-1-1994).

5 - Apatos - apartamentos.

6 - Para citar alguns exemplos - 'Dekassegui é autêntico Papai Noel' (IP, nº 170, 25-12-1994), 'Brasileiros otimistas com o ano novo' (IP, nº 171, 1-1-1995), 'Crise faz brasileiros retornarem ao Japão' (IP, nº 213, 22-10-1995), 'Brasileiro morre em acidente de trabalho' (IP, nº 222, 24-12-95).

BIBLIOGRAFIA

FAWCETT, J.

(1989) "Network, Linkages and Migration Systems". *International Migration Review*, volume XXIII, nº 3, pp.671-680.

FUJIZAKI, Y.

(1992) *Dekasegi nikkei gaikokujin rodosha*. Akashi shoten.

JAPAN IMMIGRATION ASSOCIATION (JIA)

(1990-2001) *Statistics on the foreigners registered in Japan*.

KAWAMURA, L.

(1999) *Para onde vão os brasileiros? Imigrantes brasileiros no Japão*, Editora da Unicamp.

KAWAMURA, L.

(2001) "Migração Nikkey: novas relações entre Brasil e Japão", In: *Anais XI Encontro Nacional de professores universitários de língua, literatura e cultura japonesa*, UnB, pp.439-448.

MORI, K.

(1994) "Gaikokujin rodosha no rekishiteki iso", *Shakai Seisaku Gakkai Nenpo*, vol. 38, Ocha no Suishobo.

NOJIMA, T.

(1989) "Susumetai nikkeijin no tokubetsu ukeire", *Gekkan Jiyu Minshu*, Outubro, pp.92-99.

OKUBO, T.

(1999) "Gaikokujin rodosha no shugyo kozo to bundanteki rodo shijo", *Nogyo Mondai*, nº 88, março.

PIORE, M.

(1979) *Birds of Passage- Migrant labor and industrial societies*, Cambridge University Press.

SHIRAMIZU, S.

(1996) *Ethnic Media: Toward the Multicultural Japan*. Akashi shoten.

SHIRAMIZU, S.

(2001) "Especialista em mídia étnica considera fundamental a questão educacional". *International Press*, nº 521, 15 de setembro.

Jornais

INTERNATIONAL PRESS

- "Leitor em foco", nº 35, 24/5/1992.
- "Muda o perfil de dekassegui que vem ao Japão", nº 112, 14/11/1993.
- "Preconceito dificulta locação de imóveis", nº 181, 12/03/1995.
- "Seleção de candidatos é rigorosa em Gunma", nº 199, 16/07/1995.
- "Leitor em Foco", nº 309, 24-8-1997.
- "Nikkeis gastam menos e adiam retorno definitivo", nº 365, 29/8/1998.
- "Mudança na lei muda perfil do dekassegui", nº 395, 17/04/1999.
- "Desemprego em Tochigi continua e pode se agravar", nº 553 - 27/04/2002.

Sites

JAPAN INSTITUTE OF LABOUR (JIL)

- (1999)
- http://www.jil.go.jp/kisya/josei/990126_04_j/990126_04_j_hyou1-1.html
- (2002a)
- http://www.jil.go.jp/kisya/kkinjkatei/20020403_03_kj/
- [20020403_03_kj_hyou1-01.html](http://www.jil.go.jp/kisya/kkinjkatei/20020403_03_kj_hyou1-01.html)
- (2002b)
- http://www.jil.go.jp/kisya/kkinjkatei/20020419_01_kj/
- [20020419_01_kj_gaiyou.html](http://www.jil.go.jp/kisya/kkinjkatei/20020419_01_kj_gaiyou.html)

NIHON KEIZAI SHIMBUN

- "2001 nendo heikin shitsugyo ritsu wa 5,2%, kako saiaku no suijun ni", 26/04/2002.
- <http://www3.nikkei.co.jp/kensaku/kekka.cfm?id=2002042603035>

OS MIGRANTES NA IMPRENSA ALEMÃ

Luisa Deponti *

- Traduzido do italiano por
Dirceu Cutti e Margherita Bonassi -

Algumas Considerações Gerais

A sociedade atual caracteriza-se cada vez mais por um rápido desenvolvimento da assim chamada "sociedade da informação", na qual os meios de comunicação de massa adquirem um papel central na sua função de "observadores" e de "construtores" de realidade social, tanto assim que as interpretações que esses dão aos acontecimentos não só se tornaram indispensáveis para a compreensão do mundo real, como também repercutem sobre este modificando-o. A informação jornalística possui, portanto, grande responsabilidade quer em favorecer, quer em tornar mais conflitante o inevitável processo de encontro e de integração entre diferentes etnias no interior da sociedade.

Na Alemanha, a presença de diversas línguas, culturas e religiões deve-se, sobretudo, aos processos migratórios, ocorridos em fases sucessivas a partir dos anos 50 do século passado. Vários estudos ocuparam-se, ao longo dos anos 90, em analisar a imagem que os veículos de informação da Alemanha, no seu conjunto, fornecem sobre a imigração. Tal representação vem definida como uma "construção de realidade" que possui características próprias, em parte autônomas em relação à realidade dos fatos. As redações realizam, de fato, em cada âmbito temático, uma seleção dos acontecimentos do mundo externo e uma reelaboração própria em forma de

notícias, de acordo com princípios próprios do sistema jornalístico (como, por exemplo, o critério da notícia que se impõe); o resultado de tal procedimento não é uma imagem refletida da realidade, mas uma nova versão que apresenta distorções segundo tendências bem definidas (Ruhmann, 1996).

No que concerne ao tema "a sociedade alemã e os imigrantes", prevalecem, em geral, os critérios da negatividade e do impactante dos acontecimentos reportados, além do que o sistema informativo depende fortemente, na acentuação dos argumentos, daquilo que a esfera política coloca no centro da sua atenção, bem como do debate público. Não se pode afirmar que os jornalistas agem com uma postura conscientemente hostil com relação aos estrangeiros. É o próprio sistema informativo que, guiado pelos critérios de atualidade e do sensacionalismo, acaba por colocar em primeiro plano os aspectos negativos e extraordinários que dizem respeito à cotidiana e positiva convivência entre nacionais e imigrantes (Meier-Braun, 2001: 59-68).

Naturalmente, os meios de comunicação têm o dever de informar sobre os problemas inerentes às migrações. Todavia, o risco é o de apresentar somente alguns aspectos da realidade, em geral de modo simplista, sem remeter a informações mais completas que permitam aos ouvintes compreender mais profundamente a complexidade do fenômeno migratório.

Como têm demonstrado alguns

estudos (Gerhard, 1992: 165; Bartelt, 1993: 35-38; Jäger, 1993), também a linguagem utilizada pelos veículos de comunicação, ao referir-se aos imigrantes, não está isenta de elementos negativos. Na informação jornalística desenvolveu-se uma série de imagens recorrentes que reforçam preconceitos e ressentimentos no interior da população. Os símbolos que estão em jogo podem ser fotografias, montagens, caricaturas, como também metáforas lingüísticas, imediatamente compreensíveis a todos e por isso mesmo ainda mais eficazes. São usados pelos jornalistas sem uma intenção 'xenófoba', mas muito mais por sua mediação na comunicação com o público.

A metáfora mais comum é a da *inundação*; a imigração vista como uma ameaça. Aparecem também como variantes *maré*, *ondas*, *corrente*, *fluxo*. Desta imagem, passa-se à idéia 'militar' de invasão, de assalto e de assédio, dos fluxos migratórios como forças de pressão e bombas-relógio. Também fotos e vinhetas reproduzem este esquema: multidões chegando, intermináveis filas de estrangeiros nas fronteiras ou em frente aos guichês dos órgãos públicos. A Alemanha transforma-se, portanto, no barco que corre o risco de afundar, a fortaleza assediada ou a ilha de paz ameaçada de invasão.

Freqüentemente, as metáforas não são criadas pelos jornalistas, mas são colocadas em circulação pelos próprios políticos através de estratégias típicas deles diante da opinião pública. Os

órgãos de informação, que dedicam a maior parte do seu espaço às elites políticas, transformam-se, voluntariamente ou não, em caixas de ressonância, por diversas formas, da instrumentalização do fenômeno migratório (Wichert, 1997).

Para melhor entender a evolução do discurso da mídia sobre a imigração na Alemanha nos últimos dez anos, convém percorrer os principais acontecimentos deste período e observar quais temas são majoritariamente abordados pelos meios de comunicação.

O período 1990-1993: A imigração dramaticamente no centro das atenções

A queda do Muro de Berlim (9 de novembro de 1989) e a Reunificação das duas Alemanhas (3 de outubro de 1990) representam uma guinada de grande porte histórico para a República Federal, bem como para toda a Europa. Igualmente, no âmbito da imigração no território alemão, estas datas constituem um momento de transição muito importante, que conduz ao terceiro grande processo de integração de estrangeiros após o término da Segunda Guerra Mundial.

A situação migratória aparece, neste período, antes que mais nada, complexa (Bade, 1994: 55-65). A maioria da população estrangeira (que somava em 1990 um total de 5.342.500 pessoas) é formada pelos chamados *Gastarbeiter* (trabalhadores-hóspedes), chegados sobretudo nos anos de 1960-70 como mão-de-obra necessária ao desenvolvimento industrial, e pelos seus familiares e descendentes, já de segunda ou terceira geração. Os grupos mais representativos são os turcos, italianos, iugoslavos e gregos. Estes, contrariamente às expectativas de muitos políticos e da opinião pública, não se comportam como 'hóspedes' que chegam e depois de um tempo vão-se embora; um número significativo destes imigrantes se estabelece definitiva-

mente na República Federal. A Alemanha transforma-se, assim, de fato, em um país de imigração, sem que isso seja reconhecido oficialmente pelos governos que se sucedem de mandato em mandato. Esta falta de reconhecimento provoca déficits na política de integração e, conseqüentemente, graves descompassos sociais entre a população imigrada, também em virtude da conjuntura econômica desfavorável desses anos (Meier-Braun, 1995).

Desde o final dos anos 80 e ao longo da década de 90, torna-se maciço o afluxo de *Aussiedler* da Europa Oriental – especialmente da ex-União Soviética –, os quais constituem, na Alemanha reunificada, o segundo grupo mais numeroso de imigrantes. Trata-se de cidadãos da Europa do Leste, descendentes de alemães emigrados para os países orientais e sub-orientais da Europa ao longo de três séculos de história. Com base na Constituição, estes obtêm a cidadania alemã, todavia, sua integração sócio-cultural assemelha-se em tudo a qualquer outro processo de imigração, nos quais emergem grandes diferenças de mentalidade e não raro dificuldades com a língua.

No início dos anos 90 também ganha forte impulso o ingresso de refugiados provenientes da Europa do Leste (principalmente em virtude da guerra dos Bálcãs) e dos países do chamado Terceiro Mundo, constituindo esses o terceiro grupo mais representativo entre os imigrantes. O caminho pelo qual ingressam na Alemanha é o do direito de asilo político assegurado pela Constituição em seu artigo 16º, bem como pela Convenção de Genebra para os refugiados.

Assim sendo, entre o ano de 1990 e 1993, o número de estrangeiros na Alemanha passa de 5.342.500 para 6.878.100, o equivalente a 8,5% do total da população (Schmalz-Jakobser, 1995).

Os anos imediatamente subseqüentes à reunificação alemã caracterizam-se como um período de fortes tensões e de

insegurança, conseqüência direta das dificuldades de integração entre as duas Alemanhas e da própria crise econômica. Os maiores problemas deste período de transição evidenciam-se, obviamente, no Leste. Já em 1991 manifestam-se entre os novos *Länder* (Estados), atitudes de clara rejeição, com atos de violência nos confrontos com os estrangeiros. Logo a seguir, o mesmo acontece no Oeste. E muito rapidamente toma conta da opinião pública a discussão sobre o crescimento de uma nova violência xenófoba (Bade, 1994: 55-65).

Os meios de comunicação nacionais e internacionais divulgam amplamente as imagens dos fatos mais chocantes. Tanto na Alemanha, quanto no exterior, cresce o temor de um ressurgimento do nazismo. Entretanto, várias características desta explosão de violência, demonstram não ser tanto o resultado de convicções políticas de caráter neonazista e que tampouco é um fenômeno restrito à Alemanha, tanto assim que atitudes semelhantes passaram a ocorrer em outros países da Europa.

Ainda durante os primeiros anos da década de 90, a população alemã depara-se com sérios problemas em relação ao seu próprio futuro. A opinião pública mostra-se particularmente sensível, sobretudo num momento em que a pressão migratória Leste-Oeste e Sul-Norte aumenta (Fijalkowski, 1996: 35).

Como reação diante de acontecimentos de caráter extraordinário, os meios de comunicação dramatizam a situação, criando um cenário de um país à beira da crise. Até o final de 1993, fala-se, sobretudo, do crescente número de refugiados que, segundo muitos, abusam do generoso direito de asilo facultado pela Alemanha. Há quem propõe, inclusive, mudanças no sentido restritivo no artigo 16º da Constituição. As atenções concentram-se, pois, nesta situação controvertida. Para muitos subsiste a impressão que o Estado tenha em mãos uma fácil solução para todos os problemas, inclusive fazendo frente

à violência xenófoba (Bade, 1995-96: 96). Os anos de 1991-93 caracterizam-se por contínuas trocas de acusações entre a maioria governista (cristãos-democratas e liberais) e a oposição no que diz respeito às opções feitas quanto ao direito de asilo. Isso fomenta nos meios de comunicação o interesse pelo assunto, o qual, dessa forma, acaba se transformando num dos problemas mais sentidos também pela população. E, num contexto em que ocorrem vários turnos eleitorais regionais, a instrumentalização política do tema só faz aumentar.

Diante do número crescente de pedidos de asilo durante o ano de 1992, os partidos da maioria e da oposição põem-se de acordo para introduzir mudanças na Constituição, o que vem a ocorrer no ano de 1993 (Meier-Braun, 1995: 19). A justificativa apresentada é simples: a xenofobia propaga-se em virtude do número excessivo de solicitações de asilo. E, ademais, os solicitantes não são na verdade perseguidos políticos, mas sim migrantes econômicos que se utilizam indevidamente do direito de asilo para estabelecer-se na Alemanha.

Durante este período, os meios de comunicação, salvo algumas exceções, não assumem uma atitude crítica nos confrontos das decisões dos partidos, mas se transformam em caixa de ressonância das tomadas de posição da elite política, deixando totalmente de lado a complexidade do fenômeno migratório e dando forte ênfase à discussão sobre a reforma da lei de asilo.

1994-1998: período do imobilismo político

No transcorrer do ano de 1993, o efervescente debate vai esfriando, isso porque as alterações introduzidas no artigo 16º da Constituição parecem propiciar o resultado esperado de uma diminuição no número dos que procuram asilo na Alemanha. Após as manifestações xenófobas do começo dos anos 90, em 1994 constata-se uma

espécie de pausa em torno da discussão da questão migratória (Meier-Braun, 1995, 1996). De fato, as próprias orientações internas dos partidos, por ocasião do super-ano eleitoral de 1994 - com diversos pleitos eleitorais previstos em nível regional e nacional -, eram no sentido de que, durante as campanhas, não se tocasse no assunto. Os políticos estavam temerosos de que, evocando "feridas abertas", pudessem ressurgir os conflitos em maior escala, diminuídos nesse meio tempo graças às firmes intervenções da polícia, sobretudo contra as organizações da direita. À fase crítica do começo dos anos 90, segue-se, portanto, um silencioso recuo da esfera política e dos meios de comunicação no que concerne aos delicados temas que envolvem a presença das minorias, configurando a passagem de uma postura de alarmismo para um tratamento mais natural da questão. Outros temas passam, então, a figurar na pauta do dia: o desemprego em massa, as reformas no campo dos direitos sociais e a corrida em direção ao caminho da integração econômica européia.

Nesse intervalo, porém, o número dos estrangeiros continua crescendo, e atinge em 1997 a casa dos 7,6 milhões de pessoas (8,9% da população). Na verdade, as cifras dos que ingressam solicitando asilo e dos *Aussiedler* decaem significativamente em comparação aos primeiros anos da década de 90. Há, pois, que se considerar que o aumento na contabilização do número dos estrangeiros deve-se ao processo de reunificação familiar, bem como do crescimento vegetativo dos descendentes de imigrantes nascidos na Alemanha, pois, em virtude do direito de cidadania alemã fundar-se no princípio do "ius sanguinis", os mesmos, ao nascer, não adquirem, automaticamente, a cidadania alemã (Beck, 2001). Por outro lado, é difícil enumerar quantos são os migrantes que vivem na clandestinidade na República Federal (provavelmente centenas de milhares),

necessários à economia informal e totalmente desprovidos de proteção diante das mais diferentes formas de exploração. O número destes, sem dúvida, cresceu após as restrições impostas ao direito de asilo, que para muitos representava o único caminho possível para ingressar legalmente no país.

As temáticas da imigração e da convivência multicultural, que foram jogadas para um segundo plano, ressurgem nos meios de comunicação e, mais uma vez, tendo como foco central os critérios da negatividade e do extraordinário. Entre os anos de 1995 e 1998 emerge com força a questão da segurança interna da nação: fala-se dos estrangeiros envolvidos com a criminalidade, da importação de conflitos políticos, étnicos e religiosos dos países de origem pela ação de alguns grupos extremistas (como, por exemplo, o conflito curdo-turco) e, enfim, do encontro/desencontro entre culturas tão diversas, em particular a do islamismo versus o mundo ocidental. Mais uma vez os meios de comunicação agem privilegiando os aspectos negativos e problemáticos em prejuízo do bom andamento e da convivência pacífica e enriquecedora entre cidadãos nacionais e imigrantes (Meier-Braun, 2001: 59-68).

A demora na solução dos problemas relativos à integração deixa aberto, efetivamente, o caminho para o surgimento de novas questões, que recaem até mesmo sobre os imigrantes em situação estável na República Federal. Internamente, o índice de desemprego é muito elevado; entre os jovens de segunda e terceira geração verificam-se ainda muitas dificuldades de inserção nas áreas educacional e social. Os meios de comunicação realçam o estranhamento existente entre a comunidade turca e a sociedade alemã, constatação esta que se transforma num dos principais temas do debate migratório ao longo dos anos 1995-98, juntamente com a preocupação de um alastramento dos movimentos fundamentalistas islâmicos e

nacionalistas, até mesmo entre os filhos de imigrantes nascidos e criados na República Federal: um sinal evidente de que o não favorecimento de um processo de integração e, portanto, o seu retardamento, propicia um aumento dos conflitos. Nesse contexto, a comunidade turca aparece, via de regra, como a mais referida pelos meios de comunicação, em virtude, primeiramente, de sua superioridade numérica (aproximadamente dois milhões de pessoas), mas também pelo maior distanciamento cultural-religioso em relação à sociedade anfitriã (Münz, 1999: 50-51).

Outro cavalo de batalha dos debates políticos e, conseqüentemente, da própria imprensa, é a divulgação dos delitos cometidos pelos imigrantes. Nos noticiários, nos quais freqüentemente aparece citada a nacionalidade de origem dos envolvidos criminalmente, bem como a divulgação das estatísticas da polícia, colocam em evidência um forte envolvimento dos estrangeiros com a delinqüência, criando medos e preconceitos, isto porque os dados acabam sendo instrumentalizados por diversos partidos, quer da maioria governista, quer da oposição. Várias vezes se levantam para dar uma interpretação mais correta e menos sensacionalista aos números difundidos pelos meios de comunicação (Geibler, 1997: 517-518), mas, efetivamente, cada vez mais a opinião pública insiste em associar o tema da criminalidade com a presença dos estrangeiros.

Se bem que em proporções muito mais reduzidas quando o tema em questão é segurança, aparecem – especialmente na imprensa de maior credibilidade – análises que focam o verdadeiro problema da situação migratória, qual seja: o fato de que a Alemanha precisa reconhecer-se como país de imigração para poder, antes de mais nada, tomar consciência da grande contribuição social, econômica e cultural aportada pelos imigrantes e, a partir disso, elaborar uma política mais ampla

e propositiva, que possibilite uma melhor integração daqueles que há anos residem no país, bem como de seus filhos ali nascidos e criados, e poder traçar uma regulamentação para os novos movimentos migratórios (Hailbronner, 1997).

O governo (ainda comandado pela CDU/CSU e liberais) julga prematuro o momento para abordar um tema tão impopular como o da imigração. A opção de não intervir neste campo com uma legislação mais aberta decorre de uma mistificação, veiculada também pela imprensa mais conservadora. Diante da opinião pública, preocupada com o crescimento do desemprego, aparece como embaraçosa a idéia de uma política de promoção das minorias há tempo estabelecidas no país, com a idéia de uma abertura sem restrições nas fronteiras para com os novos fluxos migratórios. No momento, portanto, toda tentativa de reformulação na legislação dos estrangeiros é barrada.

1998-2001: Novo governo, nova política migratória?

As eleições do Parlamento Federal Alemão, transcorridas em 27 de setembro de 1998, sinalizam para o fim da era do Chanceler Helmut Kohl. A maioria que o apoiava foi substituída por uma nova coalizão de governo formada pelo partido social-democrata (SPD) e pelos verdes, sob a liderança de Gerhard Schröder.

Esta mudança representa também o retorno da temática migratória no âmbito do debate político. Os dois partidos vitoriosos nas eleições, efetivamente entram em acordo, em seus programas, para a realização da reforma do direito de cidadania, visando possibilitar a naturalização de uma parcela da população estrangeira. Sobressai-se, então, com mais insistência nos veículos de comunicação, a voz daqueles que sustentam a necessidade da Alemanha declarar-se “país de imigração” e,

conseqüentemente, de criar uma lei voltada para o controle dos fluxos migratórios e sua regulamentação, com o objetivo de aproveitamento dos efeitos positivos no plano econômico, demográfico e cultural e de limitação, ao invés, para os casos potenciais de conflitos e desestabilização da segurança interna do país e da convivência multicultural (Münz, 1998).

Também os social-democratas, agora no governo, movem-se com grande cautela no campo das migrações para não perder consensos. Semelhante postura ganha força depois que, com a aprovação dos direitos de cidadania, desencadeia-se a contra-ofensiva da CDU/CSU que se conclui com uma solene derrota eleitoral dos social-democratas nas regiões de Hessen já nos primeiros meses de 1999.

Persiste, portanto, nesta fase, a perigosa tendência dos partidos em instrumentalizar o tema da imigração para os próprios interesses imediatos. Desta maneira propaga-se na opinião pública uma imagem, não raro, distorcida da realidade, favorecendo a insegurança e o temor antes que uma maior compreensão.

Por outro lado, pode-se observar positivamente que nas discussões tomam parte também vozes externas ao mundo político, tais como: estudiosos da migração, demógrafos, especialistas em economia e de representantes da elite cultural, bem como organizações humanitárias e as igrejas católica e protestante.

Sob diversas formas vai-se impondo a necessidade para a Alemanha de relacionar-se de uma nova maneira com a imigração (Wienholtz & Holtschneider, 1998).

A intervenção dos representantes do mundo econômico altera, com uma rapidez surpreendente, o clima da opinião pública. No início de 2000, o setor de informática e, logo a seguir outros setores da economia, alardeiam: há necessidade urgente de trabalhadores estrangeiros, de modo todo particular de

técnicos especializados. Alguns comentários nos veículos de comunicação vêm nisso um primeiro sinal daquilo que será o futuro da Alemanha: um país em rápido processo de envelhecimento de sua população e que verá diminuir fortemente nas próximas décadas sua população economicamente ativa. Este dado vem, entre outro, confirmado por um estudo das Nações Unidas, a quem os meios de comunicação de massa dão grande importância (Meier-Braun, 2001: 59-68).

Os partidos, até o momento acostumados com uma política migratória muito cautelosa, vêm-se totalmente desprevenidos diante dessa repentina mudança do quadro, favorecida por uma conjuntura econômica positiva. A reação, de qualquer modo, não se faz esperar: são introduzidas as carteirinhas verdes (a exemplo dos EUA) para poder recrutar do exterior técnicos em informática. Sobretudo começa a se tornar mais consistente a hipótese da formulação da tão esperada nova lei da imigração. Para tanto, constitui-se uma comissão composta por políticos e especialistas para delinear os traços principais da política migratória necessária ao país. Finalmente, em 2001, o Ministro do Interior apresenta o projeto de lei. Nenhum partido pode, a partir disso, afirmar publicamente que a Alemanha “não é um país de imigração”.

Porém, os atentados do 11 de setembro representam, sob este aspecto, uma nova cisão: retorna ao centro do debate a questão da segurança e a temática das diferenças culturais. Surge a interrogação se o islamismo, e em decorrência, os imigrantes muçulmanos podem representar um perigo para o país e para a ordem democrática. A estes problemas somam-se a crise da economia, o aumento do desemprego e a aproximação da campanha eleitoral do pleito de 2002. E neste clima novamente alterado, a CDU/CSU procura obter consensos através de uma crítica ferrenha à nova lei de imigração.

Nos anos 1999-2001 há um forte interesse da mídia para com o tema da imigração: duas são as imagens recorrentes: de um lado, os imigrantes como recurso econômico e demográfico necessário e, de outro, o estrangeiro como portador de diferenças étnicas, culturais e religiosas que em certo modo pode alterar a identidade do povo alemão (Jung, Niehr & Böke, 2000). A imigração constitui um bem para o país quando é possível selecionar os imigrantes: jovens, profissionais altamente qualificados, aptos a se inserir na sociedade alemã por meio do aprendizado da língua. Ambas as imagens representam, mais uma vez, uma simplificação da realidade que a mídia assume e reproduz a partir, sobretudo, do debate político. O imigrante como recurso responde a reais necessidades econômicas e demográficas do país: é uma imagem enfim positiva, mas na realidade muito ambígua. A pessoa humana é considerada somente enquanto mão-de-obra. Esta redução é perigosa, pois não leva em consideração os aspectos humanos, culturais, os problemas de integração e corre o risco de atrelar a presença dos imigrantes unicamente à conjuntura de uma economia em expansão. Semelhante postura constitui na prática um retrocesso à perspectiva do *Gastarbeiter*: ao trabalhador-hóspede, que atua somente no âmbito da produção, não existindo para os demais setores da sociedade e impossibilitado, como tal, de contribuir para mudanças significativas.

Contrapõe-se a isso, a outra imagem que acentua de modo todo particular os aspectos étnicos e culturais. Se, por um lado, a problemática da convivência entre as diferenças numa mesma sociedade não pode ser ignorada, por outro, nos meios de comunicação, este delicado tema é freqüentemente abordado com tons alarmistas ou através da utilização de expressões que reduzem o discurso a uma oposição entre “nós”, “os alemães”, enquanto realidade

homogênea e unida por valores comuns e, “eles”, “os turcos”, “os estrangeiros”, corpo estranho a ser assimilado lentamente. As simplificações neste âmbito, que constituem realmente o desafio do futuro, não só na Alemanha, mas em todo o mundo, impedem uma busca mais aprofundada de como gerir e vivenciar, na época da globalização, uma convivência entre culturas e mentalidades por vezes muito distantes entre si. Os meios de comunicação, às vezes, interpretam como conflitos étnicos aquilo que na verdade constitui problemas sociais difusos em meio à população imigrante e que poderiam ser facilmente resolvidos através de simples medidas políticas.

Considerações finais

Ao longo da década de 90, os próprios responsáveis pela informação interrogam-se quanto à possibilidade de desenvolver formas mais adequadas para evitar, pelo menos em parte, na comunicação de massa, excessivas distorções no trato da realidade migratória (Predelli, 1995: 126-127). Historicamente, os países europeus caracterizaram-se pela co-presença de muitas culturas sobre um mesmo território, porém, nas últimas décadas, a imigração acentuou o processo de transformação em direção a sociedades pluriétnicas. O mundo da informação não pode permanecer, como de fato não permaneceu, insensível diante das mudanças que estão se verificando, deve porém, também assumir para si a responsabilidade de favorecer o encontro e o diálogo entre as diversidades, ao invés de dar maior visibilidade e até mesmo aguçar os problemas de convivência. Sob este prisma, os jornalistas, a imprensa, interessados com a informação de boa qualidade, deveriam considerar seriamente as estratégias, as estruturas e os critérios que determinam a escolha das notícias no que tange ao tema da imigração.

Seria, por exemplo, recomendável a superação dos déficits com relação às contribuições positivas aportadas pelos imigrantes, através de uma maior atenção ao contexto das notícias. Sobretudo é importante oferecer uma imagem mais completa dos movimentos migratórios, divulgando não somente números dos que chegam, mas também analisando a situação dos países de origem e, portanto, as causas da emigração e da fuga (Hömberg & Schlemmer, 1995). As migrações como fenômeno global não aparecem frequentemente na mídia.

Dever-se-ia prestar muita atenção à linguagem utilizada pelos meios de comunicação ao se referirem aos estrangeiros, evitando incorporar expressões depreciativas de uso corrente, bem como certas metáforas que podem acentuar, por exemplo, a idéia de invasão ou ameaça. Faz-se também necessária uma postura crítica na seleção das citações, principalmente das dos políticos, para evitar a instrumentalização. Quem escreve pode, de fato, distanciar-se de maneira explícita daquilo que por dever do ofício noticia.

No âmbito da formação dos jornalistas aparece como sendo cada vez mais importante o aspecto da interculturalidade e do conhecimento do fenômeno migratório, o que permite a tomada de consciência quanto aos estereótipos e preconceitos que também os responsáveis pela informação, enquanto pessoas iguais às outras, herdaram do próprio meio. Isso possibilitaria uma comunicação mais abalizada e objetiva das diversidades culturais presentes na sociedade. Seria desejável um conhecimento direto da vida das comunidades dos migrantes e das experiências pessoais, para poder apresentar os aspectos mais ordinários e cotidianos, bem como toda a riqueza humana que as pessoas carregam consigo.

Talvez o mais importante passo seria o de facilitar aos estrangeiros o acesso aos meios de comunicação. As redações

não deveriam falar apenas *deles*, mas com eles e, na melhor das hipóteses, abrir espaço aos jornalistas de origem estrangeira. É sabido que as comunidades de imigrantes vêm utilizando cada vez mais os meios de comunicação alemã para a própria informação (Méier-Braun, 2001: 59-68). Esta possibilidade deveria ser favorecida para impedir a formação de "guetos" no campo da comunicação, tal como ocorre na transmissão direta em língua materna, em virtude da comunicação via satélite. A necessidade de favorecer a convivência pode transformar-se em oportunidade para que também o sistema jornalístico seja provocado - pelas transformações que estão acontecendo - a reconsiderar as próprias responsabilidades e a reavaliar os princípios mono-culturais e os critérios de divulgação da notícia que determinam o seu modo de produzir informação.

* *Luisa Deponti é Missionária Secular Scalabriniana e do Centro de Estudos e Pesquisa sobre Emigração - CSERPE/ Basiléia.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BADE, Klaus
(1994) *Homo Migrans, Wanderungen aus und nach Deutschland*, Klartext Verlag, Essen.
- BADE, Klaus
(1995/1996) *Vom Auswanderungsland ohne Auswanderungsgesetz zum Einwanderungsland ohne Einwanderungsgesetz: deutsche Paradoxien im 19. und 20. Jahrhundert*, in *40 Jahre 'Gastarbeiter' in Deutschland*, Nomos Verlagsgesellschaft, Baden Baden.
- BARTELT, Dawid
(1993) *Der Skalpjäger hat Fieber*, in *Medium*, märz, pp. 33-38.
- BECK, Marieluise
(2001) *Migrationsbericht der Ausländerbeauftragten im Auftrag der Bundesregierung*, Berlino.
- FIJALKOWSKI, Jürgen
(1996) *Migration im Spannungsfeld von Wissenschaft und Politik*, in *Symposium "Vom 'Gastarbeiter' zum 'Einwanderer'?"*, Schader Stiftung, Darmstadt.
- GEIBLER, Rainer
(1997) *Hohe Ausländerkriminalität - ein Stammtischgerücht*, in *Caritas 98*, november.
- GERHARD, Ute
(1992) *Wenn Flüchtlinge und Einwanderer zu „Asylantenfluten“ werden - zum Anteil des Mediendiskurses an rassistischen Pogromen*, in *Osnabrücker Beiträge zur Sprachtheorie*, märz.
- HAILBRONNER, Kay
(1997) *Was kann ein Einwanderungsgesetz bewirken?*, in *Aus Politik und Zeitgeschichte*, inserto del settimanale *Das Parlament*, 7/november.
- HÖMBERG, Walter, SCHLEMMER, Sabine
(1995) *Fremde als Objekt*, in *Media Perspektiven*, januar.
- JÄGER, Siegfried
(1993) *Kritische Diskursanalyse. Eine Einführung*, Duisburg.
- JUNG, Matthias, NIEHR, Thomas, BÖKE, Karin
(2000), *Ausländer und Migranten im Spiegel der Presse*, Westdeutscher Verlag, Wiesbaden.
- MEIER-BRAUN, Karl-Heinz
(1995) *40 Jahre "Gastarbeiter" und Ausländerpolitik in Deutschland*, in *Aus Politik und Zeitgeschichte*, inserto del settimanale *Das Parlament*, 25/ougust.
- MEIER-BRAUN, Karl-Heinz
(1995-1996) *40 Jahre "Gastarbeiter" in Deutschland. 4. Radioforum Ausländer bei uns*, Nomos Verlagsgesellschaft, Baden Baden.
- MEIER-BRAUN, Karl-Heinz
(2001) *Nach wie vor "blinde Flecken": 50 Jahre "Migration und Massenmedien": Trotz Fortschritten besteht Nachholbedarf*, in E. CURRLE, T. WUNDERLICH (Hrsg.), *Deutschland - ein Einwanderungsland? Rückblick, Bilanz und neue Fragen*, Lucius & Lucius, Stuttgart.
- MÜNZ, Rainer
(1998) *Schily hat nicht recht*, in *Die Zeit*, 19/november.
- MÜNZ, Rainer
(1999) *Teilhaber statt Zaungäste*, in *Zeitschrift für Kulturaustausch*, märz.
- PREDELLI, Ulrich
(1995) *Wie fremd sind uns Fremde?*, Vistas Verlag, Berlino.
- SCHMALZ-JACOBSEN, Cornelia
(1995) *Bericht der Beauftragten der Bundesregierung für Ausländerfragen über die Lage der Ausländer in der Bundesrepublik Deutschland*, Bonn.
- WICHERT, Franz
(1997) *Die Produktion rassistischer Effekte im Mediendiskurs*, testo di una conferenza tenuta presso la Caritas di Stoccarda.
- WIENHOLTZ, E., HOLTSCHEIDER, R.
(1998) *Wie die Ausländer zum Wohlstand in Deutschland beitragen*, in *Frankfurter Rundschau*, 19/ougust.

MÍDIA E MIGRAÇÃO

UMA RELAÇÃO DIFÍCIL

Lorenzo Prencipe *

(Traduzido e adaptado do original francês por Sidnei Marco Dornelas)

“**A** imigração é mais do que um assunto atual. Ela é, em todos os lugares e em todos os momentos, o teste, a pedra de toque da qualidade democrática de uma sociedade” (RSF, 1992). Apesar desta profissão de fé de Paul Bouchet, antigo presidente da “Commission Nationale Consultative des droits de l’homme”, a abordagem que a mídia faz sobre a migração é caracterizada mais por questões em aberto do que por respostas efetivas. Como toda realidade social, o tema da imigração na Europa não escapa à complexidade e à dificuldade com relação à validade e à univocidade definitiva de suas chaves de leitura. O mal-estar da mídia é o reflexo do mal-estar de toda a sociedade, que ainda não aceitou a imigração como um de seus principais elementos constitutivos.

A “politização” do discurso da mídia sobre a imigração

Os artigos de imprensa e as reportagens de televisão sobre a imigração ecoam frequentemente as diferentes posições políticas presentes na sociedade, mas sem uma crítica real. A imigração e o discurso a seu respeito tornam-se assim “reféns” privilegiados das polêmicas políticas, principalmente às vésperas de eleições. Desta maneira, de 1974 (ano da suspensão

da imigração oficial na França) até a década de 80, a mídia francesa utilizou francamente a expressão “trabalhador imigrado” (*travailleur immigré*); depois, progressivamente, a palavra “trabalhador” desapareceu e um termo único se impôs, o de “imigrado” (*immigré*), utilizado de maneira alternativa àquele de “estrangeiro”. No fim da década de 90, os termos “clandestinos” e “sem-documentos” (*sans papiers*) praticamente substituíram aquele de “imigrado”.

Ora, durante os anos 80, havia igualmente clandestinos na França, podendo eles naquela época entrar no país com certa facilidade, sendo que, entretanto, denunciava-se muito mais o trabalho ilegal do que propriamente os clandestinos. Também durante a década de 80, um outro estereótipo surgia em cena, aquele do “*Beur*”¹, que remetia ao “imigrado”, a “um outro”, instalado na França, mas com problemas e criando problemas. O que caracteriza essa década, não é o imigrante que trabalha, como acontecia nos anos 70, mas é o imigrante que coloca problemas, e não ainda o clandestino. O clandestino de hoje é uma figura derivada da propaganda política que funda o seu discurso sobre “uma imigração selvagem e não controlada” (Gastaut, 1998).

As palavras são atos e falar é agir. Historicamente, as palavras matam tanto quanto as armas... e não há evolução política que aconteça sem palavras novas.

Este é um dos principais desafios para a mídia na luta contra os estereótipos. Com efeito, na França, a tomada do tema da imigração pela mídia (consequência dos atos de racismo dos quais os imigrantes eram vítimas) permitiu na década de 70, uma tomada de consciência sobre a existência de imigrantes e de suas difíceis condições de vida. Durante essa década, o tratamento da mídia sobre o problema foi simplista: imigrantes miseráveis, infelizes, vítimas do sistema, que só desejavam retornar para o seu país, encontravam-se diante de franceses xenófobos que não aceitariam jamais viver com eles. Esta confrontação artificial não permitiu que os franceses abordassem serenamente as questões ligadas à instalação durável dos migrantes. A partir dos anos 80, a mídia percebeu uma imigração bastante enraizada no seio da sociedade, de maneira mais complexa, porém as questões de fundo continuavam as mesmas: qual o lugar para o estrangeiro nesta sociedade? Qual a melhor sociedade para a França? A estas questões a mídia não propunha respostas definitivas, mas trazia à luz as opções principais que uma dada sociedade se colocava em determinado momento (Gastaut, 1998).

Na Itália, por exemplo, a atitude em relação aos imigrantes se modificou ao longo do tempo. Ao espírito de abertura dos anos 80 sucedeu-se a atitude atual de fechamento e intolerância. Para compreender esta mudança é preciso ter presente não só as transformações

1) *Beur*: expressão usada para se referir aos filhos de imigrantes argelinos nascidos na França.

ocorridas com a imigração (extensão e modificação qualitativa do fenômeno), mas também os processos que influenciaram a representação sobre o imigrante no imaginário coletivo. Sem menosprezar a responsabilidade dos “empreendedores políticos do racismo” (instituições e forças políticas) que apostaram nos sentimentos e medos dos italianos para estruturar seu espaço de ação política, feito de um medíocre conhecimento da situação dos imigrantes, de imagens deformadas e estereotipadas, de apelos repetitivos diante de uma suposta invasão de imigrantes e por uma legítima defesa contra esses “bárbaros” – qual a imagem de imigrante (veiculada pela mídia) que acabou prevalecendo na sociedade italiana?

Todos os imigrantes não são visíveis de uma mesma maneira, e seu grau de visibilidade está ligado a suas condições de vida e de trabalho, isto é, à precariedade de sua situação profissional. Se pensarmos, por exemplo, naqueles que se empregam no comércio ambulante, em situação irregular ou não, que exercem a sua atividade em lugares muito freqüentados (os grandes centros ou as praias durante o verão) e que são os mais visíveis sobre o território nacional italiano, constata-se que eles se tornaram o estereótipo de todos os outros estrangeiros, a ponto de se firmar a idéia de que não existem outros a não ser esses. No entanto, esta atividade concerne unicamente a uma parte da componente africana da imigração. Isto vale igualmente para os trabalhadores agrícolas. Trata-se, em geral, de uma mão-de-obra precária, extremamente móvel, pois que se obriga a deslocar-se de uma região para outra em função das oportunidades de trabalho. A ausência de domicílio fixo é uma condição inerente a estes trabalhadores, e suas habitações não permitem que tenham condições de vida decentes. E mesmo que o imigrante não seja em nada responsável por esta situação, ela afeta sua imagem de toda maneira (Cotesta, 1999).

A visibilidade tem implicações ainda mais complexas quando remetem à questão da criminalidade. Não se trata apenas daquilo que é diretamente observável pelas pessoas, como no caso do comércio ambulante e dos trabalhadores agrícolas, mas, sobretudo, do que a televisão e os

jornais colocam em evidência. A imagem dos imigrantes veiculada pela mídia degradou-se sensivelmente. O problema da prostituição, por exemplo, retém cada vez mais a atenção dos jornais e da televisão, em que a implicação dos imigrantes em atos criminosos é sempre sublinhada. Enfim, cria-se cada vez mais a distinção entre o “bom” e o “mau” imigrante, este último sendo quase sempre identificado com o clandestino... Este comportamento torna-se cada vez mais comum entre os políticos e os formadores de opinião, de direita como de esquerda.

Os estrangeiros são mais delinquentes que os autóctones?

Quando se procura contabilizar a presença estrangeira nas prisões, é freqüente o risco de legitimar a tese de uma predisposição quase “genética” dos imigrantes para a delinquência (Palidda, 1997). Ora, se em nível de estatísticas carcerárias, aparece que os estrangeiros estão sobre-representados nas prisões (na França, perto de 30% dos detidos são estrangeiros), isto se explica por vários motivos: a infração à legislação relativa à entrada e à permanência (imigração irregular) é freqüentemente punida com a pena de prisão; os delitos nos quais os estrangeiros estão implicados (golpes e ferimentos, receptação, infração à legislação sobre os entorpecentes) são geralmente mais punidos com a pena de prisão do que outros; por uma mesma infração, o recurso a penas de prisão fechada é mais elevado para os delinquentes estrangeiros do que para os nacionais.

Além desta constatação, nota-se igualmente que os estrangeiros são particularmente presentes nas estatísticas da polícia. Assim, pareceria que a taxa de delinquência (número de acusações em relação a uma população dada, no caso os estrangeiros contabilizados por ocasião do último recenseamento) é mais elevada entre os estrangeiros do que entre os nacionais. Ora, em geral, estes números não podem ser comparados, pois as infrações contabilizadas podem ser cometidas por

estrangeiros não residindo no país em questão, e conseqüentemente não tendo sido contabilizados pelo recenseamento (turistas, trabalhadores sazonais ou temporários, etc). Dessa forma, o torcedor de futebol de uma equipe estrangeira acusado por atos de violência, ou o traficante de drogas preso no aeroporto, vão engrossar estas estatísticas, mesmo que eles não tenham sido contados entre os estrangeiros vivendo no país. Além do mais, o número importante de acusações de estrangeiros pela polícia pode também se explicar pela atenção crescente sobre eles, no que diz respeito à questão da imigração clandestina: eles costumam ser mais controlados pelas instituições públicas, que os identificam e apreendem mais facilmente. De fato, na França, mesmo considerando a presença da imigração clandestina, o número de estrangeiros nas estatísticas da polícia permaneceu estável desde 1976.

Então, os estrangeiros são mais delinquentes do que os autóctones? Esta idéia é o produto de uma construção social, de uma interação entre os estrangeiros e a sociedade de adoção. Com efeito, as estatísticas não medem propriamente a realidade, mas o que é assinalado, identificado. Ora, a propensão a registrar uma queixa não é a mesma conforme as diferentes camadas da população, e a opinião pública rapidamente aponta os estrangeiros implicados em atos de delinquência. Assim, observa-se que, na Itália, os estrangeiros são freqüentemente objeto de ações policiais, não sustentadas em seguida pelas autoridades judiciárias.

Esta construção do que seja a delinquência passa igualmente por uma influência recíproca entre as diferentes mídias (principalmente os jornais locais), a polícia e a opinião pública, ou, mais precisamente, certos grupos de pressão. Assim, os comitês de segurança, que foram organizados no norte da Itália durante a década de 90, influenciaram fortemente a retomada pela mídia do tema da criminalidade dos imigrantes: eles estabeleceram, dessa forma, relações constantes com jornalistas (envio de documentos e de cartas produzidas por esses mesmos comitês) até o ponto de se tornarem os primeiros informantes locais

dos jornalistas, antes mesmo da polícia. Para fazer pressão sobre esta última, eles apresentam numerosas queixas e chamam freqüentemente os números de telefone de urgência. Eles preenchem os chamados "cadernos de rua", nos quais eles anotam os comportamentos de indivíduos considerados suspeitos (idas e vindas, tipos de carros, placas dos veículos, etc) para enviá-los à polícia. Esta é, portanto, submetida a uma forte pressão em relação a essas questões, e ela se encontra em posse de uma massa de informações claramente superior à média habitual: assim, o número de prisões de estrangeiros aumenta, reforçando ainda mais o processo de estigmatização dos estrangeiros e o controle policial.

O aumento dos números sobre a delinqüência estrangeira, logo, não traduz um crescimento desta delinqüência, ou uma queda da delinqüência autóctone, mas uma atenção mais forte direcionada para a delinqüência estrangeira. Esta tendência em considerar que os estrangeiros são mais delinqüentes que os autóctones é tal, que a simples presença de estrangeiros é vivenciada por numerosos habitantes como propriamente um ato delinqüente. Deste modo, quando um estrangeiro (ou suposto como tal) infringe a lei, ele ao mesmo tempo infringe uma outra, latente, não-dita, *"a lei da boa conduta, quando se está na casa dos outros"* (Chagnollaud, 1998). Com efeito, todos devem se conformar à norma e não perturbar a ordem pública do país de adoção, e isto vale tanto mais para um estrangeiro (ou que é percebido como tal). O estrangeiro, o imigrante ou aquele que é percebido como tal, é submetido a uma hiper-correção social porque ele é "socialmente suspeito". Para além da construção ideológica a partir dos dados estatísticos, é o pano de fundo desta visão do Outro, de nossa relação com o Outro, que é colocada em questão.

Ora, para corrigir as idéias falsas e as imagens deformadas, deveria bastar o restabelecimento dos fatos na sua exatidão, e demonstrar as tomadas de posição tendenciosas através de uma argumentação bem fundada. Mas não é bem isso o que acontece! A persistência de certos estereótipos no discurso sobre a imigração mostra que o problema não se situa em

nível de racionalidade. Assim, se é verdade que é sempre necessário difundir os dados científicos, apenas isto não basta. É preciso igualmente cultivar o imaginário individual e coletivo – e esta é uma tarefa difícil para a mídia.

Os imigrantes e os autóctones na mídia

Se a mídia, principalmente a televisão, não reflete os dados reais da sociedade, mas os exagera, os distorce ou os oculta, os imigrantes, por sua vez, sentem-se mal representados e sub-representados na maior parte da mídia do país de adoção: para eles, a mídia não reflete a diversidade cultural da sociedade, mas sim a falta de abertura desta sociedade a seu respeito. Estatisticamente, os imigrantes e estrangeiros são fortemente marginalizados no conjunto do universo midiático, o que acarreta conseqüências importantes em termos de sentimento de exclusão e de falta de modelos de identificação. Se examinarmos a representação dos imigrantes em termos de qualidade, a mídia concede apenas alguns espaços de visibilidade às ações e aos eventos ligados à sua vida cotidiana, ao passo que, por outro lado, ela amplifica todo acontecimento delituoso ou anti-social no qual esteja implicado um indivíduo ou um grupo de indivíduos que não pertençam à população autóctone do país de adoção. A representação dos imigrantes parece assim transitar entre a ocultação e a marginalização.

Esta marginalização não concerne apenas aos telespectadores e aos leitores imigrantes, mas também aos autóctones, haja vista os estereótipos que estes podem estar interiorizando. Através da representação inadequada dos imigrantes, os consumidores da mídia podem ter a impressão de que as pessoas não-brancas são, ora esportistas, ora artistas, quando não são criminosas. Se subtrairmos as rubricas esportivas e musicais, a representação dos imigrantes se reduz freqüentemente a questões de criminalidade. O perigo está no fato de que a mídia influencia as atitudes, as opiniões, os pré-julgamentos, as percepções, e de

que elas contribuem na construção e na reconstrução social da realidade. Com efeito, além do fato de apresentar os imigrantes como esportistas, artistas ou criminosos, mencionar a cor da pele de certos indivíduos implicados em casos de polícia – sem que o motivo seja claramente estabelecido (como, por exemplo, quando se trata de um retrato falado), ou sem que haja uma relação entre os acontecimentos relatados e a origem étnica ou que este aspecto tenha uma incidência sobre os acontecimentos – pode criar ou alimentar preconceitos raciais.

Além das representações deliberadamente negativas acerca dos imigrantes, muito dos preconceitos e estereótipos são devidos ao pouco conhecimento que a mídia tem sobre a imigração, que se deve também ao fato de os imigrantes serem pouco presentes em nível de produção mediática. Trata-se de um verdadeiro círculo vicioso. Como a "grande" mídia não possui imigrantes nas suas salas de redação e de informação, ela apenas os conhece do exterior e sua percepção é ela mesma influenciada pela imagem que o restante da mídia apresenta dos imigrantes. Assim se reproduzem os mesmos estereótipos. Desse modo, a situação aparece como um todo relativamente negativo: os imigrantes vivenciando um sentimento de exclusão e os nacionais tendo medo destes mesmos imigrantes.

A mídia e a imigração

A mídia, da qual a televisão é o exemplo mais evidente de uma programação que garante uma oferta quase contínua de imagens de gêneros e estatutos diferentes destinados a um público anônimo e heterogêneo, é o meio pelo qual recebemos a informação, percebemos a história e o mundo, conhecemos a maneira de viver das pessoas (Prencipe, 1997). A mídia partilha dos sistemas comuns de representação, das expressões da sociedade, e ela age enquanto empresa comercial que, para sobreviver, deve estar de acordo com a suscetibilidade dos leitores, de seus ouvintes e telespectadores. Portanto, a televisão faz parte de um sistema que age como um conjunto e está

impregnada da ideologia ambiente. É este fato, mais do que as teses alardeadas das quais ela se faz porta-voz, que explica que ela seja transmissora de mensagens latentes que podem modelar percepções e induzir as expectativas sociais.

Conhecemos os estereótipos sobre sexualidade que ela veicula... Porém, também a cor da pele, a nacionalidade, a religião, e tudo o que é diferente e/ou minoritário, nela é claramente caricaturado. A visão que a mídia veicula do imigrante e do estrangeiro (ou a representação que se costuma fazer deste imigrante e estrangeiro) está impregnada de estereótipos, e quando se fala dos imigrantes, pensa-se automaticamente na população do norte da África, nos negros, asiáticos, etc., porque são mais visíveis e cuja diferença é mais nítida, em razão da língua, da cultura, da religião, da cor.

Dois aspectos esclarecem a influência da televisão na propagação de preconceitos e da xenofobia. Um diz respeito ao conteúdo: a televisão pratica a rejeição midiática dos excluídos; ela os ignora. Quando os imigrantes aparecem na televisão, é como se fosse por “refração”, quando a pressão das dificuldades acaba explodindo. De pessoas que encontram problemas, eles transformam-se em indivíduos que se tornam problema. O desconhecimento geral do fenômeno da imigração e a exclusão que sofrem os imigrantes recrudescem o mecanismo de sua rejeição. O outro aspecto diz respeito ao próprio funcionamento da mídia: tudo é tratado sobre um mesmo plano. Ficção e realidade utilizam os mesmos elementos de linguagem para criar o seu relato. Comentários gerais e pontos de vista particulares se amontoam num emaranhado complexo, numa colagem gigante em que o espectador dificilmente identifica a articulação de um verdadeiro questionamento.

Em todo caso, a mídia televisiva fala e pensa com a mesma lógica atuante entre seus telespectadores, e por isso é consistente com seus valores preliminares: as convicções do meio que eles partilham conjuntamente. A televisão não nos torna mais violentos, permissivos ou racistas, mas, ao sublinhar certos aspectos e oferecendo-os aos outros, ela escolhe por

nós o que merece consideração e o que vai constituir a nossa memória. Ora, uma sociedade “plural” que é incapaz de possibilitar a comunicação entre seus diversos membros não pode ser chamada “integrada”. A televisão tem, com efeito, uma grande responsabilidade social pois, ao atingir públicos tão diferentes, ela constrói permanentemente uma imagem deste público, ela privilegia certas maneiras de falar, mostra costumes, uma determinada história, cores de pele, práticas religiosas. A cada dia, a televisão redesenha um “nós”, uma identidade coletiva possuindo fronteiras móveis. Ela seleciona, rejeita, exclui, acolhe, ridiculariza ou louva.

Entre os filhos de imigrantes e os outros, a mídia constitui um território cultural comum, um elo social que pode veicular um conhecimento e um reconhecimento recíprocos. Esta nação televisiva tem as suas estrelas, seus porta-vozes informais, seus papéis secundários, seus figurantes, seus “desmanchaprizes”, seus “bodes expiatórios”. Todos os telespectadores, com efeito, não são igualmente incluídos nos diferentes grupos representados (e todos sentem sem dúvida, em algum momento, o sentimento de que a televisão os exclui). Apesar de algumas raras exceções, os imigrantes não fazem parte daquilo que habitualmente é mostrado na televisão. A televisão segue docilmente o mesmo caminho traçado pela imprensa: quando a imigração ocupa as telas de TV, ela está estritamente ligada ao desemprego, ao trabalho dos clandestinos, aos conflitos na periferia e grandes conjuntos habitacionais populares, aos problemas sociais. Os imigrantes também são “vítimas” da imagem de seus países de origem, que são frequentemente apresentados como cenário de guerras, em que se disseminam a miséria, a intolerância e o islamismo. A mídia oferece poucas informações adequadas para ajudar a entender a globalidade dos acontecimentos apresentados. E o tema da integração, que é o objetivo essencial nos comentários sobre a imigração, encontra muito pouco espaço nos termos em que são apresentadas as reportagens jornalísticas e televisivas.

A cada dia, todos os canais de televisão

transmitem jogos e divertimentos populares. Esses programas tornaram-se motivo de encontro, propiciando aos participantes se (re)conhecerem mutuamente em um ambiente de abertura e de cordialidade. Neles, os imigrantes estão praticamente ausentes. Em geral, nas ficções, nos jogos, nos programas de variedades, nos “sit-com”, nos seriados e jornais televisivos, a televisão representa as classes médias brancas e consumidoras. Nestes programas, os imigrantes estão destinados à delinquência, ao miserabilismo ou, no melhor dos casos, ao exotismo. De fato, pondo-se de lado o chocolate, o arroz e os produtos exóticos, há pouco tempo ainda, homens e mulheres de cor não eram nunca associados na publicidade francesa aos produtos de grande consumo: sabão em pó, roupas, carros ou água mineral, e outros produtos destinados à população branca. Por outro lado, os negros são comumente associados ao sol, aos ritmos tropicais, à sensualidade, à potência sexual – na publicidade, eles aparecem freqüentemente associados a esses critérios, considerados mais apropriados à sua imagem, do que a dos europeus. Se a publicidade não tem outra função a não ser tornar vendável um produto, no que concerne à representação do estrangeiro e imigrante (não se tratando de vender negros, nem imigrantes), ela oferece ao nosso olhar uma imagética deste tema que ela partilha com a sociedade naquele determinado momento.

A publicidade coloca em cena uma certa presença “estrangeira”, restrita quase exclusivamente à gastronomia e à música, em que a linguagem publicitária maneja os clichês para a promoção de certos produtos tradicionais considerados como “culturalmente significativos”. No entanto, também nesse ponto, a publicidade apela para o exotismo, acentuando as receitas tradicionais dos países de origem (o cuscuz dos árabes, as massas dos italianos, a tequila dos mexicanos...), esquecendo-se dos imigrantes que, não muito longe dos telespectadores, estão cozinhando esses mesmos pratos típicos. Esta forma de exotismo direto ou indireto, veiculado pela mídia, mostra os efeitos perversos de uma pseudo-mestiçagem cultural, difundida pelos estereótipos raciais, pelas imagens

degradantes herdadas do período colonial. Por exemplo, a publicidade de Oliviero Toscani durante a campanha da Benetton em 1988, em que uma mulher negra aleitava uma criança branca, queria sugerir uma idéia de mestiçagem, mas ele talvez se esquecera que esta imagem pertencia já a um velho quadro colonial de 1861, representando uma ama-de-leite negra que dava o seu seio ao filho de um colonizador branco, sem que isto tenha servido à causa de uma real mestiçagem.

Assim, o exotismo representa apenas uma expressão paradoxal do etnocentrismo ocidental. Mostra-se que se deseja ir ao encontro dos outros, na condição de que eles não saiam de seus lugares. Com efeito, a publicidade turística nunca apresenta como são realmente os países elogiados: ela envolve o turista eventual dentro das imagens destes países que ele se imagina *a priori*, prometendo-lhe a saída de seu país sem qualquer perturbação, levando-o à descoberta do estrangeiro, mas tomando todo o cuidado de evitar o conhecimento deste estrangeiro. Ela evita a perturbação que lhe traria um olhar realista demais sobre o que é o Terceiro Mundo: as viagens e as temporadas turísticas são de fato organizadas para confirmar o imaginário publicitário e impedir o ocidental de entrar em contato com a população do país que ele está visitando.

Mídia e a gestão da diversidade: o que se pode fazer?

Se partirmos da constatação de que a mensagem do emissor pode ser fortemente transformada pelo receptor, e receber um sentido muito diferente daquele que lhe dera o emissor, que esta mensagem é reelaborada de maneira muito diferente conforme o tipo de grupo social ou de público, que, do lado dos receptores, não existe apenas uma leitura, mas várias leituras de diferentes mensagens, então será necessário tentar a passagem de uma política de informação para uma política de comunicação. Com efeito, as autoridades têm uma tendência em pensar que basta informar largamente uma população considerada como homogênea

e de difundir uma informação de uma única maneira. Nós não estamos suficientemente conscientes do que é processo de recepção, por meio do qual a população não recebe necessariamente as informações da maneira uniforme como desejariam as instituições governamentais. Pensamos muito mais em informar a população, do que se comunicar com ela. Comunicar é, portanto, procurar determinar como e em que termos se quer informar a população sobre os problemas que dizem respeito a ela mesma, e isto a fim de lhe falar na sua própria linguagem e a partir de suas próprias imagens.

Nesta perspectiva é que se pode entender a finalidade da comunicação em relação aos imigrantes: ajudá-los a compreender a sociedade de adoção da qual eles fazem parte; oferecer-lhes os meios de informação sobre seus países de origem e sobre sua própria cultura; tornar possível o acesso dos imigrantes à mídia; ajudar a sociedade de adoção a ter um melhor conhecimento dos imigrantes, a partir principalmente da memória social da imigração comum a todos; promover uma compreensão mais justa da sociedade multicultural que já existe de fato.

Em nível de ação poder-se-ia pensar em quatro eixos: uma participação ativa das populações imigrantes e estrangeiras na produção e difusão da informação no seio das diferentes mídias; a formação adequada dos profissionais da mídia (jornalistas, produtores, apresentadores, etc), formação essa que passa por um estudo das realidades pluriculturais, bem como das condições sociais e culturais dos imigrantes e seu contexto de origem; uma cooperação entre os diferentes profissionais da mídia que tratam de questões ligadas à imigração e pluriculturalidade na sociedade européia, para promover o desenvolvimento cultural e lingüístico na Europa; uma educação escolar e extra-escolar para a mídia, a fim de despertar a curiosidade sobre o conhecimento do patrimônio cultural do Outro (Windisch, 2000).

A aceitação ou a não-aceitação do Outro nos países que acolhem imigrantes na Europa encontra frequentemente sua origem na história mesma desses países, em razão da história colonial que eles

protagonizaram há séculos. Com efeito, se os grandes impérios coloniais desapareceram, a concepção de estrangeiro quase não mudou: ele é tido como alguém que é inferior, que se pode explorar facilmente, e a quem se concede menos direitos. Trata-se, portanto, de afirmar conjuntamente a importância de mostrar e relatar de outra maneira, partilhar o mesmo dever de valorizar a memória comum, única capaz de reunir uns e outros, nacionais e imigrantes, numa única história.

* *Lorenzo Prencipe é diretor do CIEMI-Centre d'Information et d'Études sur les Migrations Internationales/Paris.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHAGNOLLAUD, Jean-Paul (coordonné par) (1998) "Les immigrés entre imaginaire et droit" (dossier). *Confluences Méditerranée*, nº 24, pp. 9-137.
- COTESTA, Vittoria (a cura di) (1999) "Mass media, conflitti etnici e immigrazione. Una ricerca sulla comunicazione dei quotidiani nell'Italia degli anni novanta". *Studi Emigrazione*, nº 135, settembre, pp. 387-498.
- GASTAUT, Yvan (1998) "L'irruption du thème de l'immigration dans les médias". *Confluences Méditerranée*, nº 24, hiver, pp. 19-33.
- PALIDDA, Salvatore (Textes réunis par) (1997) *Délict d'immigration. La construction sociale de la déviance et de la criminalité parmi les immigrés en Europe*. Actes de la session de travail des 19 et 20 octobre 1995 à Milan, Luxembourg, Office des Publications officielles des Communautés européennes.
- PRENCIPE, Lorenzo (1997) "La représentation de l'autre à la télévision française. Le non-dit de la publicité à travers l'analyse éthologique de quelques spots publicitaires". *Cahiers de la Méditerranée*, nº 54, juin, pp.203-236.
- REPORTERS SANS FRONTIÈRES; LA CROIX (1992) *L'image des immigrés dans les médias*. Montpellier, Éd. Reporters sans frontières.
- WINDISCH, Uli (2000) *Immigration. Quelle intégration? Quels droits politiques? - Rapport pour la Commission fédérale des étrangers à l'intention du Conseil fédéral*. Lausanne, Éd. L'Âge d'Homme.

**A NEGOCIAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL:
Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no
Brasil.**

Jeffrey Lesser

São Paulo, UNESP, 2001, 344pp.

O autor busca compreender as formas utilizadas pelos imigrantes não-europeus para definir seu lugar dentro da identidade nacional brasileira e as reações a essas tentativas. Estuda o discurso das elites sobre a etnicidade não-européia no século XIX, sugerindo que os debates sobre a mão-de-obra chinesa imigrante criaram o paradigma abrangente contra o qual teriam que lutar todos os demais grupos não-europeus. Investiga as maneiras pelas quais os imigrantes sírios e libaneses manipularam os discursos da elite sobre etnicidade, visando criar para si um espaço hifenizado, e como, em resposta, o Estado e a imprensa tentaram redefinir como "muçulmanos" e "fanáticos" um grupo de cristãos árabes que tantava migrar para o Brasil, a fim de proibir sua entrada. E mostra, por meio do enfoque da imigração em massa de japoneses a partir de 1908, como a etnicidade e a economia se uniram, no século XX, para redefinir o que significava ser brasileiro.

CORAÇÕES SUJOS

Fernando Moraes

São Paulo, Companhia das Letras, 2000, 349pp.

Trata-se de um livro-reportagem sobre a organização secreta japonesa Shindo Renmei - ou Liga do Caminho dos Súditos - que funcionou de janeiro de 1946 a fevereiro de 1947 em São Paulo e que negava que o Japão pudesse ter sido derrotado na Segunda Grande Guerra. Para seus seguidores, a notícia da rendição era uma fraude, um golpe de propaganda dos aliados para quebrar o orgulho dos japoneses em todo o mundo. Os adeptos da organização declaram guerra aos "corações sujos" - patriotas que cometeram o crime de acreditar na verdade - acusados de traição à pátria. Percorreram o interior do estado de São Paulo deixando 23 mortos e 150 feridos. A organização só foi extinta mediante prisões em massa e a deportação dos 80 dirigentes da Shindo Renmei, que aterrorizou a colônia japonesa no Brasil no pós-guerra.

OS PASSAGEIROS DO TREM N

Sergio Vilas Boas

Rio de Janeiro, Rocco, 1997, 388pp.

Romance baseado em entrevistas feitas com brasileiros residentes em New York. O autor descreve as várias etapas dessa emigração, desde as peripécias da viagem, o cotidiano difícil na terra estranha e a angústia do retorno, tendo como cenários o Brasil dos últimos dez anos e a multicultural N. York.

OS EMIGRANTES

W. G. Sebald

Rio de Janeiro, Record, 2002, 236pp.

As narrativas dessa obra parecem à primeira vista, biografias de exilados: um pintor, um velho russo, um exêntrico mordomo, um professor - todos de ascendência judaica - vivem profundamente as transformações do século XX. O autor coleta imagens, documentos, diários, memórias de expatriados, que parecem que não vão a lugar algum. Retraça rotas que levam da Lituânia a Londres, de Munique a Manchester, do sul da Alemanha a Nova York e Constantinopla... Utiliza também fotografias, resultando num formato híbrido em que se misturam acontecimentos e fantasias.

A LITERATURA COMO FONTE DE CONHECIMENTO NOS ESTUDOS DE IMIGRAÇÃO

Ethel V. Kosminsky

Textos CERU, nº 8, São Paulo, 2001, 15p.

A autora estuda as possibilidades de uso de obras literárias - romances e autobiografias - como fonte documental na pesquisa social no campo da imigração. Como diz Maria Isaura P. Queiroz, essa literatura permite "uma reconstituição de comportamentos, de opiniões e de valores do passado".

O MIGRANTE

Antonio Frota Neto

Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1998, 159p.

Romance em que o autor retoma o tema da migração cearense rumo à Amazônia. É a história de uma família de retirantes nordestinos, narrada através de várias gerações, em que desde o Ceará desloca-se fugindo da seca, em busca da oportunidade criada pelo ciclo da borracha.

NAS ENTRELINHAS DOS JORNAIS: cotidiano do imigrante italiano na imprensa de São Carlos (1880-1900)

Marili Peres Junqueira

Araraquara, UNESP, 1998, 236p.

Trata-se de dissertação em que a autora buscou apreender facetas das representações da vida cotidiana do imigrante italiano na cidade de São Carlos, evidenciadas através das páginas dos periódicos publicados no período em questão. Recai o principal foco nos imigrantes que viviam no mundo urbano, via de regra pouco enfatizados pela historiografia que trata do tema e do período.

SEJA UM COLABORADOR

Travessia está aberta à publicação de artigos de pesquisadores e estudiosos que analisam a realidade em que o migrante está envolvido, a partir dos diferentes ramos do conhecimento: social, político, cultural, econômico, antropológico, educacional, etc.

A revista destina-se, fundamentalmente, a um público intermediário; quer ser uma ponte entre a produção acadêmica e a produção popular. Se for do seu interesse, envie artigos para a redação, seguindo as orientações abaixo elencadas:

- * Você irá escrever para uma revista e não para uma banca da academia, por isso, aproveite os conteúdos de suas pesquisas, mas seja criativo(a) na forma de apresentá-los. No título, por exemplo, não resuma sua tese, desperte a curiosidade do leitor.
- * De preferência, artigos que se enquadrem dentro dos temas previamente anunciados, conforme consta ao lado;
- * Tamanho: aproximadamente 350 linhas, fonte Times New Roman, corpo 12;
- * Intercalar o texto com alguns intertítulos;
- * Clareza de linguagem e simplificação dos conceitos;
- * Na medida do possível, enviar algumas fotos com os respectivos créditos, as quais serão posteriormente devolvidas;
- * Os artigos devem ser inéditos;
- * Fazer constar breve identificação do autor, endereço postal, e-mail e telefone;
- * Notas: utilizar apenas nos casos em que o texto requer alguma explicação relevante; não utilize nota no título e no nome do autor; referência bibliográfica não é nota;
- * Referências: devem constar no interior do texto, entre parênteses, com o nome, ano e quando específicas, a página. Ex.: (Silva, 1996: .3);
- * Bibliografia - Ater-se à referida no texto, seguindo o padrão abaixo:
 - a) Livros: nome do autor; ano entre parênteses; título do artigo em itálico; local da publicação; nome da editora. Exemplo: FERNANDES, Florestan (1977) *A Sociologia no Brasil*. Petrópolis, Vozes.
 - b) Artigos: nome do autor; ano entre parênteses; título do artigo entre aspas; nome do periódico em itálico; volume (se houver) e nº; mês(es); nº da página. Exemplo: SARTI, Cynthia Andersen (1995) "São os Migrantes Tradicionais?". *Travessia-Revista do Migrante*, nº 23, setembro-dezembro, p.11.

NB: Por tratar-se de artigos breves, pede-se utilizar os recursos acima com parcimônia.

O autor de artigo publicado receberá dez exemplares do nº.

O Conselho Editorial reserva-se o direito de submeter os artigos à sua apreciação.

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

**TRAVESSIA
Nº 44**

ETNIAS

(Set-Dez/02)

**Prazo para envio
dos artigos**

(31/10/02)

**TRAVESSIA
Nº 45**

**FLEXIBILIDADE/
MOBILIDADE**

(Jan-Abr/03)

**Prazo para envio
dos artigos**

(13/11/02)

**TRAVESSIA
Nº 46**

SAGRADO

(Mai-Ago/03)

**Prazo para envio
dos artigos**

(28/03/03)

travessia - revista do migrante

MIGRANTE

Pode ser

sampauleiro
brazuca
aussiedler

nordestino
turco
dekassegui

Pode

vir da Bahia ou da Turquia
estar em Bonn ou no Japão
chamar-se Nelo ou Macabéa

É MIGRANTE

em tudo diferente
paradoxalmente
igual - o OUTRO!

Alteridade - (perigosa).

Dirceu cutti

CORRIERE DELLA SERA

DIÁRIO DE S. PAULO

FOLHA DE S. PAULO

JORNAL ALEMÃO

Deutsche Zeitung

JORNAL DO BRASIL

O IMPÉRIO DO CRIME

Cresce a "Legião estrangeira"

www.cemsp.com.br